

Oferta
-0. NOV. 1998

ANO III N.º 158
25
MAIO
1944
PREÇO AVULSO
ESC. 1\$50

LEIA NESTE NÚMERO UMA REPORTAGEM SENSACIONAL:

Os intelectuais portugueses que estiveram na outra guerra



**VIDA
MUNDIAL**

ILUSTRADA

SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES

DA CAPITAL

O Lavra

O elevador estava parado. Entrei eu nele e entraram outros, pouca gente. Ainda não era ou talvez já tivesse passado a hora dos «funcionários» e o Torel naquele momento também dava um pequeno, quasi nulo contingente de passageiros.

Fazia sol e havia tranqüillidade.

Como é que o diabo de um gato se havia de meter debaixo do enorme elevador, já depois do homem das máquinas ter dado o seu toque nas rodas?

O gato vai morrer, pensámos nós, e olhámos supponho que com vergonha uns para os outros.

O elevador devia ficar parado! dar o alarme ao outro que ia subir!

No entanto não parou. O guarda-freio e o condutor eram escravos da casa das máquinas que punha os elevadores em movimento; consideraram uma fatalidade o gato morrer e não tiveram uma idéa nem um gesto para o impedir. Que é que os passageiros podiam fazer? Dar um grito? Seria tremendo, e quem o ousaria?

Cobarde! Chamava-me eu sem coragem ouvindo a seguir os miados terríveis, raivosos ou dilacerantes do gato. Enquanto o gato berrou, o que durou pouco, mas ainda assim bastante para cada um se poder acusar de seu matador, havia um mau-estar disfarçado nos passageiros. Ficaram à espera.

O condutor, alto e gordo, uma cara agradável que se via todos os dias, mostrava uma compaixão discreta pelo animal:

— Aquilo dura pouco... já tem acontecido... ficou entalado.

E durou.

Mas a surpresa, a dor, a violência de que o pobre gato foi vítima ficaram ecoando. Quem se subtrata a senti-las em si, na sua consciência, nos seus nervos, onde quer que fôsse?

Teria o gato girado com a roda?

Dados aqueles poucos miados terríveis, caiu-se.

Na cara do condutor transparecia então a inteligência do caso, queria ele explicar: eu não lhes dizia?

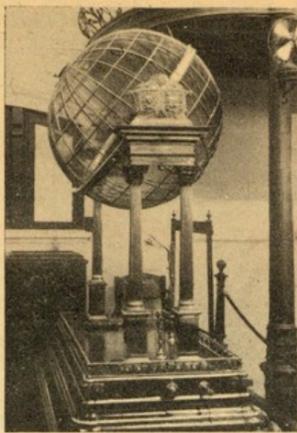
E lá ficou no seu posto. Nós saímos necessariamente ativiados.

Subir e descer neste veículo em cada dia do ano é cumprir uma pequena e ordinária rota, a pino, que sem exagero se pode considerar tão edificante como dar largas voltas pelo mundo.

Naquele dia tinha morrido o gato, noutras tudo se apresentaria banal, noutras voltariam os factos extraordinários.

(De «Esta Cidade!»).

IRENE LISBOA



TÓDAS as sextas-feiras, os leitores—todos os leitores, podemos dizê-lo!—têm um rebate: «Vai andar a roda! E se jogasse? Se me saísse!...»

Os tímidos, os descrentes e os que não têm dinheiro deixam escapar a idéa. Não, não vale a pena! É melhor continuar, pelo trabalho, na esperança de que um dia serão ricos.

Mas, mesmo quando a idéa foge, o pregão persegue-os:

— Anda a roda! Hoje anda a roda! Quatro mil e quinhentos, é o preço da casa!

Pelas esquinas, pelos centros da cidade, pelos cantos das ruas, o «anda a roda» é um «slogan». Fixa-se um número: «se calhar é neste!»—e, à tarde, mesmo sem se ter jogado, vai-se ver onde calhou a sorte grande. Se o palpito foi errado—que descanso; se não foi—que desalento e que raiva!

No entanto, os que perdem e os que não perdem, os que jogam e os que não jogam raras vezes se lembram de que esse dinheiro que sai ou não, é um factor de bem estar para uns milhares de crianças de Lisboa. E não se lembram—talvez até o ignorem—porque não têm presente aquela lápida, colocada na casa de extracção de Misericórdia, e em que se diz que aquela lotaria foi «criada a instância da mesa da irmandade da Misericórdia e do Duque de Lafões, por decreto de 18 de Novembro de 1783, com o fim de custear as despesas do Hospital Real da Real Casa dos Expostos e da Academia Real das Ciências. Reformada por decreto de 6 de Abril de 1893, partilhando os mesmos lucros o Tesouro Público, a Misericórdia de Lisboa, o Hospital Real e Nacional de São José e o Asilo de Mendicidade».

Há, pois, 170 anos que existe a lotaria portuguesa. Simplesmente, nem todos os alfacinhas a conheceram como é hoje. Porque os processos de extracção não foram sempre os mesmos e os prémios—claro!—não foram sempre os mesmos, também, em número e valor.

Há 170 anos, os maiores prémios, os do Natal, eram de 16 contos e, em 1906, de 200 contos. A roda, de resto, só andava de três em três meses—porque, só para fazer a extracção dos números, eram precisos oito dias e mais!

Como se fazia, então, a extracção da lotaria? Segundo lêmos numa velha enciclopédia, quatro foram os processos: o dos papelinhos, o das côres, o dos feijões e o das bolas...

Vejam, cada um dêles: pelo processo dos papelinhos, todos os números

Quando Lisboa joga na lotaria...

de que constava a extracção eram escritos num papelinho que era depois enrolado e atado com um fio vermelho. Depois, metiam-se todos os rolinhos numa urna grande. Em outra urna igual, eram lançados tantos papelinhos, quantos prémios de que constava o plano. Além destes, eram lançados os papelinhos brancos, em número necessário a completar o número de papéis que continham os algarismos.

As dez horas do dia marcado para principiar a extracção, chegava o público que se sentava e dois expostos, de manga arregaçada até ao ombro, colocavam-se ao lado de cada uma das urnas. Ouvia-se uma pancada, os expostos erguiam a palma da mão direita para o público, para que todos vissem que não havia ali trapaça. A segunda pancada, os rapazes introduziam a mão na urna, à terceira tiravam o papelinho e à quarta entregavam-no ao conferidor que estava entre ambos. Este conferidor cortava o cordel—com tesoura que não tivesse bicos—desenrolava os papéis e lia-os.

Está a ver-se o tempo que tudo isto levava, um dia inteiro!

A tarefa do pagamento era também morosa, de modo que para simplificar, inventaram-se os bilhetes impressos com côres diferentes, cada qual comprando a côr de seu palpito. No dia de extracção metiam-se cinco bolas numa roda, dava-se à manivela e a bola que saísse era a do prémio. Quem tivesse um bilhete com a côr da bola,—estava satisfeito.

Mais curioso e pitoresco era, porém, o processo dos «feijões»—não feijões mesmo, dêstes que nos faltam para comer, mas umas marcas ovais, no feitiço do precioso grão. Finalmente, em 1853, foi introduzida a lotaria das bolas, por sugestão de C. Holtremann, que construiu também todo o mecanismo das actuais esferas.

É claro que não vamos aqui descrever o funcionamento actual da lotaria.

Apostamos que não há leitor que a não conheça!

O Diabo em Lisboa...

POR favor, leitor amigo, não vos atemorizeis. Trata-se apenas duma ligeira divagação sobre os tratos de polé que o senhor Dom Diabo—ou Satanaz, ou Magarefe, como lhe queiram chamar, à vossa real vontade—tem sofrido nesta santa cidade de Lisboa.

Pois bem: desde a lenda em que o Diabo surgira a Frei Gil de Santarém, até às mágicas de teatro, em que o Demo fazia mil e uma partidas—Sua Excelência tem recebido as maiores «tosas» possíveis.

Basta olharmos para esse espírito genial que foi Gil Vicente, o introdutor do verdadeiro teatro em Portugal. Melhor do que ninguém, Gil Vicente soube caricaturar e satirizar o velho e famigerado Demónio.

Contudo, nas suas obras, elle é somente um reles pantomimeiro vulgar que chega a atrever-se, em diálogos filosóficos, com os anjos do céu.

Assim, no «Auto da Feira», o Diabo disfarça-se em bufarinho de meia tigela,

ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?

Ainda a propósito da reclamação aqui feita, sobre os serviços dos C. T. T., na Rua Maria Andrade, informa-nos este organismo de que estão a procurar casa para alargar as instalações daquela repartição.

No rink «Lisboa Império», da Rua Pascoal de Melo, em Lisboa, estão a vender refrigerantes por um preço tão excessivo que seria de toda a justiça que a policia de Santa Marta desse um salto até lá, pois, neste tempo de calor, em que as gargantas andam tão secas, os proprietários de «Lisboa Império» acabaram por ficar milionários de um momento para o outro.

CARLOS CABRAL—Praça do Chile.

Moro para os lados do Alto de S. João, para não dar muito trabalho à família, quando morrer. E estou empregado para os lados do Alto de Santa Catarina para ver os navios a saírem do Tejo. Como não tenho tempo para vir a casa almoçar, levo todos os dias um lanche. Lanche? Uma «carcaça», que noutro tempo chamava-se «papo-sêco», com qualquer coisa dentro: um sofisma de bife, ou três rodélas de chouriço!

Ora há dias, quando cheguei a hora do almoço (?), saí do escritório e entrei numa leitaria das imediações. Duas ou três pessoas almoçavam desalmadamente café com leite e bôlos. Com vergonha de pedir um copo de vinho, disse ao criado que me trouxesse uma cerveja. Solícito e servicial, o rapaz não se demorou. Mas quando eu, desejevo de aconchegar o estômago, saquei da pasta o pão com a sofisticada «bifana» e me resolvia a comê-lo, logo elle, tímido e receoso, me preveniu de que não podia ser... porque era proibido... E acrescentou:

— Sujeitamo-nos a pagar multa e a fecharem-nos a porta! Compreende!... O racionamento do pão!...

Bebi a cerveja, paguei, saí, dirigindo-me ao Bairro Alto. Entrei numa casa de pasto onde vários indivíduos almoçavam regaladamente. Tímido, pedi um copo de vinho tinto, de três decilitros, ao mesmo tempo que tirava

da pasta o apetecido lanche. O dono da casa aproximou-se e quando me preparava para dar a primeira trincadela, fêz-me suspender o gesto, dizendo:

—Perdão, senhor! Não pode comer! Se aparecer aí um fiscal, eu é que pago... A não ser que o senhor queira comer... Tem aqui a... «ementa». Pode escolher à vontade!

Não me recorde do que respondi. O que sei é que bebi o vinho que tinha pedido e tornei a guardar na pasta o bife.

Diga-me, sr. director: Já não se pode comer um lanche em qualquer leitaria, casa de pasto ou taberna? Ou teremos que trazer de casa a «garrafaria» de três e de ir sentar-nos num banco de qualquer jardim?

Mas se eu, ainda que tivesse dinheiro para me servir todos os dias de duas carreiras de eléctrico (3\$60 diários), não tenho tempo de ir ao Alto de S. João e voltar, a horas de entrar no emprego!

Como hei-de, então, resolver o caso?

EDUARDO MONTEIRO

Assinante do vosso semanário, que, nestes serões de quem vive no campo, tanto contribue para umas horas de amena leitura, atrevo-me a pedir um cantinho da Secção «Está de acordo com isto?» se é que um provinciano também «pode pedir a palavra»...

Com vista à Junta Autónoma das Estradas: Mês de Abril; neste ubérrimo solo alentejano, as searas atingiram o seu máximo desenvolvimento, prometendo farta e abundante colheita, tão necessária e providencial.

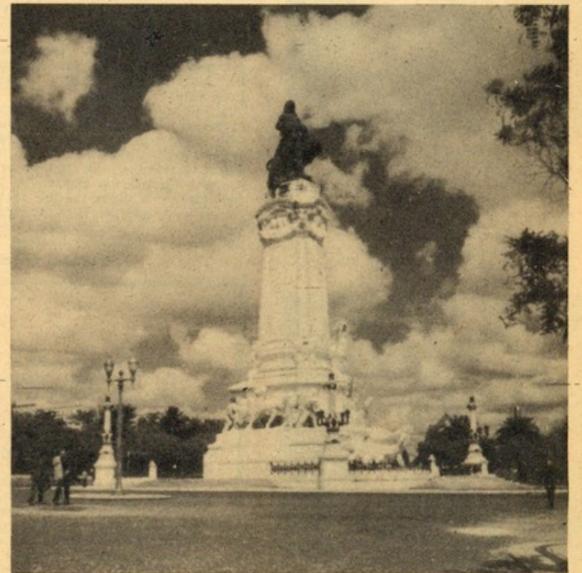
Um engenheiro da Junta Autónoma das Estradas, um ajudante, cinco cantoneiros, taquímetro, bandeirolas, medições, colocação de referências, surgem um dia em plena seara, e outro dia, outro ainda, quasi durante uma semana, manobram para trás e para diante, absolutamente à vontade, pisando, calcando, destruindo o fruto de tantas canceiras, despesas e cuidados. Para quê? Para construir uma estrada de ligação entre a Estrada Nacional n.º 88-2.ª e a n.º 89-2.ª talvez daqui a alguns anos.

Está de acordo com isto?

Não devia e podia a Junta Autónoma das Estradas proceder a estes trabalhos noutra época do ano, de Junho até Dezembro. Poupar assim as searas de quem tenta Produzir?

FRANCISCO GARY—Alter-do-Chão.

Cinco imagens e um só monumento

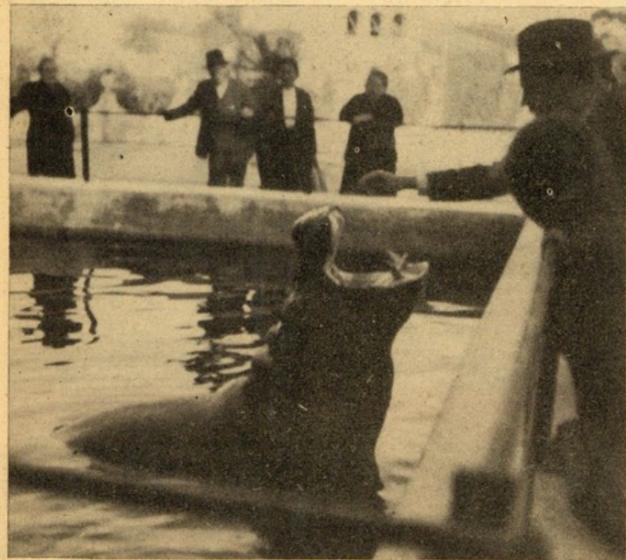


SE não fôsse a última foto que ilustra este friso, o leitor era capaz de descobrir a que monumento pertenciam as imagens que aqui damos? Veja como no conjunto a vista nos atraiçoa! A obra parece, na verdade, pensada e sem a beleza que os pormenores aqui patentes nos revelam. Quanta beleza, quanta graça nos revelam. Quanta beleza, quanta graça alada se não evola destas figuras talhadas na pedra e projectadas no céu azul de cobalto! Dir-se-ia que um mundo estranho se arranca do calcário e se ergue numa sinfonia completa e magnífica. O pedestal do monumento a Pombal não é, afinal, o que muita gente diz!...

(Fotos de João Martins)

Abra a boquinha!...

(Foto João Barreto)



— Abra a boquinha e tome lá uma fatia de pão!...

A criançada gosta do Jardim Zoológico, dos seus bichos ferozes ou sociáveis, como este velho e conhecido hipopótamo que ora brinca em terra, ora mergulha nas mansas águas da piscina.

De roda, a criançada, gosta de o ver, de lhe atirar com a bola de borracha e chotar, depois, porque o hipopótamo lha trincom com os dentes delicados...

TEATRO

O TEATRO NO MUNDO



Quem será capaz de descobrir o nome desta rapariga de pequeno vestido com grandes flores? Reparem bem! Então não se vê que é a Mariène Dietrich? Foi recentemente assistir à inauguração da Cantina Teatral de Nova-York, depois de regressar do Norte de África, onde foi destruir os soldados. Aqui a vemos a dançar na cantina, com Bob Headley.



Desde 1699 que não se representava em Paris a tragédia «Surenna», de Corneille. A Comédie Française apresentou-a recentemente com grande êxito, interpretada por Mademoiselle Cimbe, primeiro prémio do Conservatório, e Daquigne, primeiro prémio de tragédia, que se estreou agora em «Surenna». A foto foi tirada durante um ensaio.



Eis uma grande artista, para uma grande peça: Lu Stüberlich, que está a representar, no Teatro de Shiller, em Berlim, a «Armadihas» de Richard Billinger. A peça é um dos grandes êxitos da actual temporada — mesmo com as outras «peças» a funcionar...

Um problema importante

Quando serei actor?

pregunta um aluno do curso de teatro

TODOS sabem que as condições em que trabalham os alunos da secção de Teatro do Conservatório não são a melhor a estimular quem começa vida. Certamente, temos um grupo de bons — de excelentes professores mas, não há dúvida, depois de preparados com um diploma, essas raparigas e esses rapazes ficam sem nenhum caminho aberto para lutar pela vida, porque nos falta a disposição legal que ampare quem tem direito a um estúdio.

Isto, porém, é falar de um modo geral. Mas podemos falar ainda particularmente e referir-nos aos alunos do curso nocturno de teatro, dirigido com consciência e boa-vontade por Carlos de Sousa.

A este respeito, podíamos dizer que essas raparigas e rapazes — rapazes, principalmente — que estão empregados de dia e se sentem impellidos para a luz da ribalta ao ponto de se matricular no curso nocturno, não sentem o menor estímulo nem gozam do menor amparo. Mas, em lugar de falarmos nós, preferimos transcrever algumas passagens de uma carta que nos envia José Dias da Silva, aluno daquele curso e que começa por falar da falta de consciência e de boas condições aos alunos do curso diurno, acabando por se referir assim a Carlos de Sousa:

— «É uma pessoa circumspecta que faz com que nós seus alunos sejamos dignos de o ouvir. Actualmente, tem qualquer coisa como 40 alunos, entre rapazes e raparigas, ou sejam, 6 raparigas a lutar com as mesmas disciplinas que o curso diurno apresenta. E, pois, de grande admiração que um único professor, com tão poucas aulas por semana — três dias por semana — duas horas cada dia — possa explicar aos seus alunos a matéria ministrada aos do curso diurno. Será pois possível dar lições de tantas disciplinas a tantos alunos, para poder apresentar os mesmos resultados que os do curso diurno? Pois se têm um professor para cada disciplina e aulas diariamente, porque o não fazem da mesma forma no curso nocturno?»

E, mais adiante:

— «Porque não hão-de dar-se aos seus alunos dos cursos nocturnos, as regalias concedidas aos do curso diurno? Assim, não andarão a tirar o curso de arte de dizer e representar para chegar ao final e de nada lhes valer?»

E, pois, de deplorar que a boa direcção do Conservatório Nacional não lance um bom olhar para a situação destes alunos. Por outro lado, estou convencido de que os produtores e empresários nacionais julgam não existir o curso a que faço referência — e não seria mau que tratassem de procurar os elementos, porque, se assim não fizerem, irão

(Continua na pág. 24)

Um ser inexplicável

O empresário é um ser inexplicável. Nesse mundo que vive nos bastidores é a única entidade que parece não ter função própria e estar indiscutivelmente a mais.

Não é o dono do teatro que escreve as peças, mas sim um senhor, a quem, ainda que em exclusivo comediógrafo, chamam autor dramático. Não as interpreta, acção esta que cabe aos actores, até quando estes se incumbem, em obediência não sei a que secreto fatalismo, de as deturpar ou arrastar, o que sucede mais vezes de que se presume. Não pinta as cenas, que saem das mãos do cenógrafo, nome que abrange até pessoas, possivelmente com grandes virtudes conjugais, que confundem montanhas com torres de Alicante e paisagens com inundações, que chegam a parecer capciosas, das tintas sortidas e diáscas. Não ensaiam as peças, tarefa de que às vezes ninguém é incumbido, o que leva a crer que, em teatro, se julga que muitas delas se ensaiam por si próprias. Não vende os bilhetes, nem os compra; não arruma os espectadores, quando eles existem. Nem sequer varre ou limpa o teatro. Em regra, não capitaliza o espectáculo. Mas caber-lhe-á, ao menos a função de o orientar? As pessoas, que a esta pergunta respondem afirmativamente, são as mesmas que sustentam ser a causa fundamental da decadência do teatro a desorientação dêsse ser que não sou capaz de definir.

Se tudo o que se faz no teatro não carece do empresário para ser realizado, mesmo mal, é lógico concluir que, não servindo ele para nada, só vantagem havia em suprimi-lo.

Será lógico, mas não é exacto. Assim o afirma uma realidade, que transcende a razão humana: sem ele não há teatro. Podem faltar os actores, substituíveis por pessoas que fingem de actores com notável capacidade de dissimulação. Os autores podem dispensar-se. Em sua vez, há os tradutores, pessoas que em regra, ignoram duas línguas — a sua e a alheia, que é a do original que cai em suas mãos, às vezes papudas e sinistras. Pode até faltar o público, que se obvia com as inextinguíveis reservas de ingénuos que pagam, com o seu dinheiro, o prazer inapreciável de ir de graça, ao teatro.

Do empresário, que parece não servir para nada e que a realidade prova ser indispensável, tudo o que dêle sabemos leva-nos a afirmar que é individualidade desconcertante e inexplicável. Faz o que não quer e não quer o que faz. Sobre determinado assunto tem todas as opiniões e não tem nenhuma. Acredita em tudo o que não acredita. Afirma tudo o que desmente e desmente tudo o que afirma. Zanga-se facilmente com os amigos e é capaz de proclamar qualquer dos seus inimigos a pessoa eleita e preferida entre todas. Tem explicações para tudo e nega, até sem reparar, muitas vezes, na sua vida, o fundamento das suas explicações.

Acérrca do público, é invariavelmente paradoxal. O empresário, seja ele qual for, dispõe dum repertório de justificação que se tornou clássico para justificar a ausência do público: se é de inverno, a causa está no frio e na chuva ou nas duas razões meteorológicas amebadas. Se é de verão, afirma logo, peremptório, que a culpa é do calor. Mas se o tempo é incaracterístico, arranja uma crise económica (que às vezes existe), e diz, catadráticamente, que o teatro se ressentia quando os negócios estão parados. E se o público vai ao teatro êle, sem pensar no que tantas vezes afirmou, diz convicto:

— Quando a peça agrada, «êles» vêm ao teatro, quer chova ou faça frio, quer faça calor, mesmo até que não tenham dinheiro para os bilhetes. Financeiramente, não sabemos como vive o empresário. É provável que êle também o não saiba. Mas já ouvimos várias pessoas, dignas de crédito, afirmar que Deus, se não quer que êles enriqueçam, também não tem o menor desejo de que morram de fome...

CRISTIANO LIMA

Fim de época, fim de concessão...

JUNHO aproxima-se e, com êle, o fim da época teatral — a época oficial, pelo menos, pois tudo indica que, à maneira do ano passado, os nossos teatros vão estar activíssimos durante o Verão. O facto mais importante, porém, dêsse fim de época — é o fim de uma concessão: a do Teatro Nacional à empresa Amélia Rey-Colaço e Robles Monteiro, pelo Estado. Quere dizer: acaba em Junho o 4.º contrato ou, ainda o período de doze anos de actividade daquela empresa na nossa primeira casa de espectáculos. Que irá passar-se, portanto?

Amélia Rey-Colaço e seu marido ficarão de novo com a exploração da Casa Garrett? Tudo indica que sim — e a maior das indicações é a consciência ou o êxito que a experiência daqueles ilustres artistas podem apresentar como melhor e mais sólido argumento à sua candidatura. Não há dúvida de que, não obstante muitas vezes se dizerem coisas amargas — há sempre, e ainda bem, quem queira mais e melhor... — Amélia Rey-Colaço, com o seu bom-gosto, «savoir-faire» e alto sentido artís-

tico, tem contribuído para manter no teatro a única coisa de bom que, entre nós, no meio de tanta desorientação, se tem feito ultimamente. Por êste lado, portanto, quasi seria de pedir a quem de direito que não deixasse sair Amélia Rey-Colaço de onde está. Mas, por outro lado, e em face das prodigiosas qualidades de trabalho, persistência e experiência — e saber querer — dos ilustres empresários, quasi apetece perguntar: se Amélia Rey-Colaço e Robles Monteiro deixassem o Nacional não seria um bem para o nosso teatro? Não ficaríamos assim com a certeza de que Lisboa passaria a ter com estabilidade, pelo menos, duas organizações teatrais à altura de um capital — a do Nacional e a que tivesse a frente o nome prestigioso de uma das nossas mais ilustres artistas?

Amélia Rey-Colaço talvez não esteja positivamente de acôrdo com isto, mas nós, pelo muito que a apreciamos e pelo muito que reconhecemos a sua boa-vontade não achamos outro modo de lhe manifestar o nosso apreço e confiança, que não seja esta pequena discordância...



Considerações à volta de críticos e de arte

A propósito do último Salão das Belas Artes, ouvimos, há dias, um dos expositores, que se queixava amargamente dos críticos. Bom rapaz, destes que não procuram nas redacções dos jornais simpatias com que amparar as suas produções, o artista em questão — é escultor e diz que unânimemente o distinguiram ou, simplesmente, não maltrataram — criticava por sua vez a crítica: — Se os críticos estão mal dispostos, velhos ou cansados, quem os obriga a ir às exposições? Serão os directores dos jornais? Mas, se são, porque não hão-de queixar-se-lhes, em lugar de virem extravasar a sua má disposição para as colunas dos jornais, rezingando constantemente: «Ora, para que foi que nos incomodaram? Por isto, não valia a pena virmos cá!»

Evidentemente, da parte do artista há ressentimento — não, pelos vistos, pessoal, mas de classe ou colectivo, o que quer dizer que é ainda mais simpático. E, se não fosse esse ressentimento, com certeza que é havia de reconhecer que não há boa vontade crítica que consiga erguer da mediocridade um certame a que nem o próprio júri, com a sua competência e boa vontade de selecção, pôde valer, ao ponto de banir do último Salão o que realmente não tem significado artístico.

Quere isto dizer que reprovamos o critério do júri? Não é bem assim... Antes ser benevolente e estimular os indecisos mediocres, do que ser rigoroso e desencorajar os autênticos valores.

Isto, porém, não quer dizer que quem vê e tem o encargo de comunicar as suas impressões, seja obrigado a fazer vénia, ao passar pelos trabalhos insignificantes... É certo que há um factor de importância: muitos rapazes e raparigas, se expõem, é à custa de sacrifícios — com recurso às cautelas de penhor — e esses sacrifícios merecem também o respeito de quem vê e comenta publicamente o que vê. Esse, porém, é o aspecto moral e social do problema — e não o aspecto artístico, que é o ponto de vista do crítico...

Uma lancetadela a tempo, é de resto, é às vezes coisa de veras benéfica, porque se expurga um perigo: o da invasão dos pseudo-artistas, iludidos nos seus propósitos e gostos, e que ficam, depois da operação, em condições de não precisar de fazer sacrifícios por um sonho vão!...

A crítica deveria ser imparcial na sua benevolência — passe o paradoxo — mas não deveria nunca pactuar com a mediocridade. É razoável que se apontem os defeitos a quem tem chama artística e possibilidades de boas realizações. Mas nunca se deveriam encorajar as nulidades, por levandade, ignorância ou amizade particular. É certo que o espaço de que as publicações dispõem não permite ao crítico uma análise dissecada dos trabalhos; é certo que muitas vezes os críticos não sabem, não podem ou não querem dizer porque gostam ou porque não gostam... Mas, quando o artista veste o fato ou o vestido que chegou do alfaiate ou da costureira e reconhece que não está bem — é capaz de analisar os defeitos da obra, desde o chuleado à emenda da manga ou da bainha?

A maior parte das vezes, diz que não está bem, devolve a obra e manda fazer a emenda, sem precisar de dizer que o defeito se corrige apertando a costura ou alargando os botões...

Então, aí está porque se pôde compreender que o crítico, com o pouco espaço de que dispõe, se limite a dizer que gostou ou não gostou...



Rudy apresentou no Salão de Belas Artes mais um excelente trabalho: é um auto-retrato que o júri admitta em boa hora e que atesta o valor, a persistência e a boa vontade do seu autor. Rudy é um artista moderno, de largo futuro, que se tem feito pelo seu esforço. O trabalho que apresentou agora, a óleo, depois do êxito obtido no Salão de aquarelas, fala com mais eloquência do que quantos aplausos possam dirigir-lhe daqui.

ARTES

ANTONIO SOARES UM PINTOR EXCEPCIONAL



ANTONIO Soares mergulha as raízes da sua arte no mais puro da forma e da criação clássica para aflorar da terra na mais bela, sã e estonteante expressão da pintura moderna. O artista desputa os europeus do academismo decadente e ergueu-se, puríssimo de forma e de cor, acima de tudo o que entre nós constitui conceito de arte. Na verdade, que suave, que reconfortante, que extraordinário banho de beleza se toma, visitando a mais notável exposição de pintura a que Lisboa tem assistido nos últimos anos...

Mesmo quando é pagão — é unguido de um misterioso sópro de sentimento bíblico. As vezes, as suas têmperas são pastorais melódicas. Outras vezes, porém, lembram bocadinhos de brasa viva e satânica, arrancados a corpos coleantes ou às almas de fogo de vidas transviadas do caminho do amor sagrado...

Quando se entra no primeiro salão da exposição, ali à rua Ivens, na Casa Jalco, o interiorismo da pintura como que se fecha ainda mais. É preciso pôr os olhos em cada um dos quadros, porque nêles não há as cores gritantes do empastelado dos óleos, mas a suavidade austera — mesmo quando é fresca e primaveril — das têmperas inconfundíveis de... António Soares.

Que coisas maravilhosas é possível criar com uma sépia quente, um rosa suave e um verde seco de combinações secretas!...

António Soares é hoje o nosso primeiro artista de tempera: pela segurança do desenho, pela voluptuosidade quasi inconsciente das formas e o bom gosto das combinações de cores. E, não só por isso — e nem só na tempera — António Soares se pôde comparar só a si próprio: é principalmente pela frescura e espontaneidade dos seus temas. Há dias, visitando as Belas Artes, dissemos uma heresia de que queremos penitenciar-nos: a arte de pintar não está em crise. Os artistas é que o estão — diremos agora, ao deixar saudosamente desprenderem-se os olhos do último quadro de António Soares. Os temas não estão batidos nem banalizados — há muito de extraordinário a colher da natureza como sugestão artística. António Soares assim o prova na escolha dos assuntos em que nem uma só vez se repete, banaliza ou amesquinha. A tempera, como o fresco, é a arte dos mestres por excelência, aquela que não consente a hesitação nem o engano. E António Soares, dando-nos os seus quadros, é muitas vezes mestre.

Que admirar mais na pureza desta obra, feita por um homem excepcional do nosso século — e desde já queremos dizer que este artista é «aquilo» que procurávamos em pintura — com seu respeito pela forma, dentro de um processo absolutamente moderno, quer pela técnica, quer pela interpretação da vida e dos homens?

Das suas paisagens russumas um «sombre» aveludado, de tufo voluptuosos, como das velhas e magníficas tapeçarias da *Brocades*; as suas figuras têm qualquer coisa de ríctico sem etnografia. E, mesmo quando são os nossos homens do campo ou lavadeiras — dir-se-lha que não pertencem ao nosso meio, que são faunos ou ninfas de bosques maravilhosos, tão outros, na sua superioridade, são os olhos do artista que os virm e os transmitram à tela, em cromáticas criações do seu espírito.

«Composição» dá-nos, efectivamente, esse vislumbre de paragens

edénicas dos quadros da Renascença florentina, e a «Rapariga das Maças», como «Vindimadora» ou o «Corpete vermelho», riquíssima policromia feita de pedrarias, servem apenas para ilustrar, como evocação, uma opinião que há-de ser unânime — para prestígio e boa reputação do nome da nossa gente.

Entretanto, António Soares não val só à natureza e às coisas materiais buscar sugestões para os assuntos dos seus quadros. Porque tem sensibilidade, técnica e espírito criador, a música serviu-lhe um grande, um excelente tema: Dukas no «Aprendiz de Feiticeiros», teve em António Soares um grande intérprete sem instrumentos musicais nem influências de Disney.

Dizem-nos que os quadros deste grande artista — e grande em qualquer parte, como o consideraram em Paris — têm obtido uma alta consideração do público que pode animar as artes. Ainda bem! Ainda bem — não por António Soares, já o dizemos, mas por ele próprio, o público que demonstra, assim, ser acessível à penetração da arte de António Soares — uma arte que não tem comparação e é só igual ao espírito de quem a cria... — M. A.

Uma anedota de Cícero Dias e Picasso

COMO não há quem ignore, Cícero Dias veio para Portugal depois da queda da França. Em Paris — isto é que talvez nem todos saibam — Cícero Dias, como bom pintor e brasileiro que se preza de ser, conviveu com todo o grande mundo das Artes e das Letras. Entre os seus amigos, um havia particularmente conhecido: o pintor Picasso, que vivia pelos modos, principicamente instalado. Nem lhe faltava um secretário!

Foi este secretário era, pelos modos, um grande cágado que tinha um fraco doido... pelo café. E café, precisamente, era uma coisa que faltava em Paris e, portanto, em casa de Picasso. Ora, Cícero Dias, cuja actividade artística não parou nem com a guerra, tinha por sua vez grandes dificuldades em arranjar tintas — aquelas grandes bisnagas de branco Lefranc. E como lhe sobrara café, naturalmente chegado por vias diplomáticas, o secretário de Picasso fez uma proposta honesta a Cícero: — O sr. dá-me café e eu arranjo-lhe bisnagas, que tenho facilidade em adquiri-las.

Se bem o disseram, melhor o fizeram. Nunca mais faltou café em casa de Picasso, nem bisnagas de Lefranc na casa de Cícero. Até que um dia, Picasso vai ao «atelier» do brasileiro e pasma diante da sua caixa de tintas: — Onde é que você vai arranjar tantas bisnagas de Lefranc?

— Troco-as por café...
— Homem, então ceda-me algumas, que eu não tenho nenhuma... (Farece-nos que o secretário não assistiu à conversa).



DE SANTA RITA

AUGUSTO de Santa Rita nasceu poeta — e nasceu logo de monóculo. De monóculo e poeta se tem conservado pela vida fora. A sua obra reflecte, não apenas o seu estro (desculpem a palavra) mas o brilho da pequena rodela de cristal que lhe penetrantemente encastou na órbita. Mesmo o Preto-Papusse-Papim — o terror dos meninos que se debruçam — é, se vimos bem, um preto de caquinho no olho como o poético autor dos seus dias.

A última criação de Augusto de Santa Rita foi o Teatro de Mestre Gil, alegre teatro de fantoches que as suas mãos de artista souberam criar e mover. O Teatro de Mestre Gil é ainda uma obra poética — e de monóculo. No fundo, constitue um milagre verdadeiramente augusto... de Santa Rita.

Ora pro nobis!

A maneira de Camilo Castelo Branco

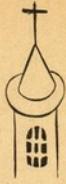
Amigos cento e tantos, talvez mais,
Eu já contei. Orgulho que eu sentia!
Julguei que sobre a terra não havia
Mais amado mortal entre os mortais.

Amigos cento e tantos, tão leais,
Tão zelosos das leis da fidalguia,
Que pensava — ai de mim — sem cortezia,
Que não havia senhores mais serviçais.

Um dia precisei de vinte contos.
Dava hipoteca e juros sem descontos
Como fazem os grandes figurões.

Dos cento e tantos amigos, um sòmente,
Ouvindo a minha súplica inocente
A custo me emprestou uns três tostões...

NAS escadinhas que sobem de São Mamede ao Milagre de Santo António, nesta velha e nobre cidade de Lisboa, existe uma pequenina torre sineira com a sua cruz, a sua corda, a sua janela gradeada, a sua expressão ingénua e simples — e que é conhecida vulgarmente pela sineta de São Crispim. Estas torres sineiras deparam-se-nos, a cada passo, quando percorremos a parte antiga da cidade, e cada uma delas guarda, mais ou menos religiosamente, a sua lenda, a sua tradição, o seu pitoresco — e o seu sorriso. Se as coisas grandes constituem, na verdade, a crónica de Lisboa, — as pequeninas coisas constituem, de facto, a sua iluminura. A sineta de São Crispim não será uma Acrópole de bronze — mas é, sem dúvida, como poucas, um pequenino coração sonoro que, na sua palpação, dir-se-ia acordar, à volta, as sombras e as imagens do passado. Escrevo estas palavras ao fechar o último volume de Norberto de Araujo — *Legendas de Lisboa* — em que se adivinham ao mesmo tempo as mãos do historiador e do aquarelista. Lendo aquela série de páginas, admiráveis de leveza literária e de sentido paisagístico, tive a impressão de que o autor das *Miniaturas* não era apenas um dos nossos mais brilhantes homens de letras: era também o infatigável sineiro daquela pequena torre sineira.



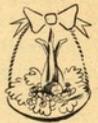
O INCENDIO

HÁ dias na estação do Carregado manifestou-se um incêndio num vagon cheio de papel-velho. Dado o alarme logo foram chamados os bombeiros de Vila Franca que prontamente compareceram, mas cujos serviços — disseram os jornais — não foram utilizados em virtude de desinteligências entre eles e o chefe da estação. Este simples episódio, ocorrido numa pequena gare de caminho de ferro, contém afinal a síntese do que vai pelo mundo. De facto, enquanto o mundo vai ardendo nós assistimos às eternas desinteligências entre os bombeiros — os homens da paz — e alguns chefes de estação, verdadeiros homens da guerra...



A «CORBEILLE»

L I, há dias, a descrição duma *corbeille* assim constituida: em volta duma grande couve-flor acastelaram-se, entre folhas viçosas, nabos, cenouras, cebolas, hortaliças frescas e — ó aparição celeste — algumas batatas novas, senhoriais. Era, de facto, uma autêntica *corbeille* de noiva, duma noiva-1944, em que as costumadas dádivas de prata e ouro tinham sido substituidas por algumas joias raras nestes tempos de guerra que atravessamos.



AS ANDORINHAS

UMA manhã destas, sobre o Teatro-Circo de Braga, esvoaçava, dando sinais de grande inquietação, um bando de andorinhas. O facto despertou as atenções de quem passava, e não foi difícil verificar que uma dessas andorinhas estava presa por uma das asas numa cornija do teatro, enquanto as companheiras, à volta, tentavam agitada e socorrê-la, sem entretanto, o conseguirem. Então alguns operários, condoidos da pobre ave, subiram ao telhado e libertaram-na, ante o alegre esvoaçar de todo o bando. Numa época em que a solidariedade humana parece tão descuidosa, a lição dada aos homens por estas andorinhas é, na verdade, relevante.



O BOM-HUMOR NA GUERRA

O major Afonso de Carvalho reuniu agora num volume interessantíssimo algumas anedotas ocorridas, durante a chamada Grande Guerra, no C. E. P.. Já lá vão vinte e tantos anos, mas quasi todas essas anedotas conservam ainda um vivo pitoresco. Nelas se adivinha, heróico e risonho, o nosso «poilu». Uma história ao acaso. Dois soldados passaram em frente do Cristo de Neuve-Chapelle:

— Olha lá, ó 27, porque estará ali Nosso Senhor Jesus Cristo, preso na cruz?
— Porque havia de ser? — respondeu o outro. — Foi-se queixar que só davam um pão para oito soldados: prenderam-no.



A CRITICA

UM jornalista ilustre quis ter, recentemente, a generosidade de me entrevistar. Dirigi-me apenas três perguntas, mas de tamanha gravidade que eu, não desfazendo, tive a sensação de me debruçar sobre um abismo:

- Que entendes por crítica?
- Como deve ser feita a crítica?
- Um prosador ou um poeta deve ser crítico?

Respondi-lhe como sabia, mas há algumas noites que não durmo a pensar se a minha resposta estará abaixo ou acima de toda a crítica...



VEJA SE ADIVINHA QUEM SÃO...

Então, adivinha? Pois não é muito difícil. Esta foto representa apenas Franklin Roosevelt e a senhora Roosevelt... pouco depois de casados, ou seja na sua juventude. Hoje em dia, não estão muito diferentes, pois não?



As distrações de Einstein

COMO acontece a muitos homens de génio, o professor Einstein demonstra ser muito distraído. Quando esteve em Paris, da última vez, um dos seus amigos encontrou-o sentado à mesa dum café e imensamente preocupado.

— Auxílie-me! — pediu o grande matemático — Saí do hotel para dar um passeio de dez minutos, a pé. A minha mulher e eu temos de tomar parte num banquete, convidados por um célebre político francês. Já é tarde e, apesar de ter dado voltas por todos os lados, não consigo descobrir o hotel onde estamos hospedados.

— Qual o nome do hotel? — perguntou o amigo.

— Não sei... Esqueci-me!
— E como se chama o político que os convidou para jantar?

— Esqueci-me disso também!
O amigo do professor ficou um pouco atrapalhado. Por fim, foi ao telefone e informou-se, pelo registo de estrangeiros, a que hotel pertencia o nome de Einstein.

Enquanto aguardavam uma resposta, ficaram a observar uma senhora que, no passeio em frente, caminhava, sem cessar, dum lado para o outro.

Einstein soltou uma risada:
— Vê? Porque não aceita aquela senhora as coisas com calma? Parece agitada. Ainda bem que a minha mulher não é assim!

Nesse momento, veio a resposta dizendo que o professor Einstein se hospedara no Hotel do Louvre, ou seja no hotel que ficava no lado de lá da rua, mesmo em frente do café.

Satisfeito, Einstein encaminhou-se para o passeio fronteiro. Quando se aproximou, a senhora nervosa correu para ele. Era a sua esposa!

A EUROPA VISTA POR UM CHINÊS

«Chamam-se modas, entre os europeus, as formas, adornos e cores dos trajes que costumam usar, e que variam em cada estação e em cada ano. Aqui não é decoroso alguém apresentar-se perante gente respeitável com vestes e chapéu cuja moda tenha passado. O que custa tão ridícula mania, a estes bárbaros, é incalculável. A corrupção e as misérias que geram são tantas e tais, que bem mereceria ser classificada entre os vícios mais abomináveis de uma sociedade que funda na moda um dos traços do que pretenciosamente chama civilização. O que as modas fazem gastar por ano a trinta ou quarenta milhões de europeus daria para vestir, calçar e abrigar quatrocentos milhões de chineses. Os vestidos das damas têm armaduras de arame e são tão incômodos que lhes tolem, às vezes, os movimentos. Há muitos anos, dizem, esteve em moda por estes países uma saia, a que se chamava «guarda-infante», nome malicioso, que dava a entender um disfarce de contrabando e, por certo, não de guerra.

«A moda tem aqui arruinado mais famílias e causado mais vítimas do que o ópio, introduzido na China por estes próprios europeus, e do que a peste e a guerra em todo o mundo. Quantas mulheres se perdem aqui, para alcançar os meios de se divertirem com a moda? Quantos maridos são enganados, traídos, por causa desta tirania, a que não podem resistir as suas mulheres?

«Não há no mundo quem fale mais de liberdade do que estes bárbaros da Europa, e, não obstante, são escravos das modas, que os avassalam, dominam e exploram, sem que lhes ocorra a idéia do menor protesto contra tão injustificado e arbitrário domínio!

COCKTAIL

LEMBRA-SE ainda de Liszt?



QUEM não se recorda, por certo, da imortal Rapsódia Húngara e do seu autor, esse extraordinário Franz Liszt de quem se conta uma vida que tem o seu quê de lendário?

Supomos que toda a gente se recorde ainda de Liszt. Em todo o caso, vamos aqui resumir, em traços leves, a biografia desse músico genial, tão profundo como Bach e tão poderoso como Beethoven e tão sugestivo como Mozart.

Filho dum administrador do príncipe húngaro Esterhazy, mal chegou aos seis anos começou imediatamente a estudar piano com os melhores mestres da Hungria. O pai via em Franz Liszt mais um menino prodígio, rapaz de grandiosas proezas. O que é certo é que ele fez progressos enormes e, apenas com nove anos de idade, deu um concerto triunfal.

Depressa a fama do novo menino prodígio correu a Hungria de lés-a-lés. Aos doze anos quis entrar para o Conservatório de Paris e, apesar da sua pouca idade, superiorizou-se a todos os demais candidatos. Simplesmente éle era um estrangeiro — e o Conservatório fechou-lhe as suas portas douradas.

Liszt, porém, não desistia assim com tanta facilidade. E dentro em breve, todo o Paris elegante e nobre, amador da boa música, acorria atrás das mãos extraordinárias do jovem Liszt, cujo talento se fazia pagar a péso de ouro.

Alguém lhe dissera uma vez, na sua meninice promissora «Serás Mozart!» e agora, na cidade da Luz, a legenda de então transformava-se, para éle, quasi num estribilho de luta pela glória: «Serás Mozart! Serás Mozart! Serás Mozart!».

Isso foi-o enchendo de vaidade. E a audácia de Liszt chegou a este ponto: em São Petesburgo onde fóra dar um Concerto para o «tzar» éle percebeu, a certa altura, que o soberano falava baixinho com um dos seus substitutos.

Imediatamente, sem a mais ligeira hesitação, éle suspendeu o Concerto e o que levantou pasmo na sala.

— Que aconteceu? — interrogou o próprio soberano, surpreendido.

E Liszt, arrogante, ativo, respondeu apenas numa ironia desdenhosa: — Majestade, enquanto fala o «tzar» de todas as Rússias, é natural que o comum dos mortais se cale...

Era assim Franz Liszt. Sendo descreveu-o nestas palavras reais:

— «Vê-o na sua entrada para um Concerto público: primeiro atira as luvas a um «garçon», depois senta-se com barulho. Passela o olhar dominador, pelo numeroso auditório, fixa uma a uma as suas admiradoras, que imobiliza com a sua pupila ardente, como um abutre fascina as pombas amedrontadas. Por fim derruba as mãos sobre o teclado e, rolando o seu trovão e desferindo o seu ralo, conserva ainda o sangue-frio para ouvir o que se passa em torno d'ele. Quando não toca, fala, gestueia, marca compasso, caminha, chama a atenção de qualquer manelra».

Mas, apesar disso tudo, Franz Liszt foi um grande, um extraordinário músico — dos maiores de todos os tempos!

«Confundindo a idéa de luxo com a de moda, os europeus rendem culto a esta e têm o ar de condenar aquêle. Não lhes ocorre a idéa de que o mal não está no luxo, isto é, não está na excelência e no gosto dos tecidos e dos demais objectos de

que fazem uso, mas sim na sua continua mudança e de seus feltos.

«Enfim, não há moda — uma vez passada — que não pareça ridícula a estes occidentais, o que prova evidentemente serem todas elas ridículas!»

OUTROS TEMPOS... OUTRAS MODAS!...



É verdade, leitor! Quem havia de dizer que estes vestuários que hoje nos parecem totalmente ridículos — foram a grande moda duma geração!

Reparai bem. Tendes diante dos vossos olhos curiosos o traje rico dum elegante cavalheiro — inglês ou francês — dos últimos anos do séc. XVIII e dois costumes tipicamente femininos usados pelas senhoras inglesas da alta nobreza, respectivamente nos meados e nos finais do mesmo séc. XVIII.

Outros tempos... Outras modas!

«CERROMAIOR»

A gênese do romance não se explica apenas pelo leitor — o homem comum, que tem necessidade de ficção. Explica-se sobretudo pelo romancista que tem na obra de arte uma aspiração: realizar o romance como forma de desprendimento de si próprio. O romancista sincero, o que consegue dizer realmente alguma coisa aos que o lêem, abandona na sua criação imaginativa tudo o que o eu já repete como passado; mas esse desprendimento da experiência vivida, essa libertação do que perdeu sentido actual na vida interior precisa de ser corrigido pelo que já se adivinha como substância futura da consciência. Experiência e previsão — o que se viu e que se espera ver, o que se sofreu e o que se deseja, a pretensa realidade e a absoluta fantasia — constituem a substância psicológica do romance sincero.

Para que o livro signifique alguma coisa mais que um passo vazio ou até ridículo na chamada «carreira literária», para que seja realmente uma obra, deve conter igualmente a experiência havida e a experiência a haver. Retinir na mesma visão formal a realidade e o sonho.

O futuro é também um fardo pesado da consciência que se transporta com mau humor porque não o podemos realizar ainda. Em contraste com o conteúdo real e actual da vida, o futuro — mais perfeito e ardente ou mais banal conforme a ideologia vivente que se professa — o futuro derrota sempre o que somos e, quasi sempre, o que podemos ser. Freud diria que não há só recalcamento da experiência havida, mas também da experiência a haver, embora ela seja pura adivinhação.

Por isso o romance tem valor catártico para as quimeras esperadas e previstas, como toda a gente sabe que o tem para as realidades já experimentadas. É preciso criá-lo com o amor da mãe que sabe ser continuada no filho — mas sem «responsabilidade», no sentido doméstico da palavra, porque o romance viverá por si como não vive um filho, gerado mas não «feito» por quem o traz ao mundo.

Assim a obra de arte superior, a que domina o tempo e os homens circunstanciais, é uma expulsão do que mais se teme no eu — o não vivido, o esperado, que se recela ser impossível, o melhor de tudo, em cuja presença o eu tem que sentir-se «mediocre e incapaz». Não pode ser um elemento de perfeição interior, porque a arte vai além das possibilidades concretas de realização pessoal, mas é sem dúvida um penhor de liberdade. O que não se fez na vida, representou-se na literatura e no campo ilimitado das suas convenções fantásticas. Vale a pena criar um romance por egoísmo e não por «serviço» ao auditório que frequentemente se despreza mas pe-

rante o qual se gosta de ser julgado. E ao cabo de tudo isto lembra um conto de Gorki, em que o lenhador da floresta, o mais forte e o mais puro, arrendendo em ânsia sobre-humana de sacrifício pelos seus companheiros na luta pela libertação, faz estoirar o coração que se espalha em centelhas inúmeras de luz sobre a imensidade magica das árvores, ensinando assim aos companheiros a via da redenção.

Estoirar em luz a própria alma para servir os melhores, fazer da obra um facho para o que virá depois e não para o que ficou atrás — destino supremo de um escritor com o génio exacto do nosso tempo...

* * *

Manuel da Fonseca construiu em «Cerromaior» o seu primeiro romance, depois de conquistar pelos contos de «Aldeia Nova» uma nomeada justa. Tem este jovem autor o talento especial de engrandecer os quadros restritos da vida que descreve. De um pequeno personagem, de uma pequena situação, de um pequeno ambiente social, faz um drama forte e um panorama largo sobre a alma humana e as realidades da sua luta com a sociedade e o mundo.

Pode dizer-se que é um romancista capaz de transfigurar o mediocre para lhe dar grandeza. E, embora esta traga sempre a marca inicial da mediocridade — que é a mediocridade concreta da existência — não há dúvida que a sua construção literária abre espaço aos seres e aos seus dramas dando-lhes um sentido e uma força.

«Cerromaior» é uma notável experiência deste processo em que há, desde início, vantagens e inconvenientes manifestos. Creio ser opinião unânime que Manuel da Fonseca é, de todos os novos romancistas portugueses, o que transporta para as suas obras mais amplo e profundo lirismo. Também o creio — e não só pela composição efectiva deste seu livro, mas pelo intuito prévio que o inspira. Manuel da Fonseca tomou como tema a vida colectiva de uma povoação alentejana, seca pelo calor, pela estreiteza dos hábitos, pela mediocridade das ocupações, pelo vazio das almas. Lancou nêla a história de algumas vidas, também pequenas e miseráveis — um rapaz insatisfeito e acbrunhado, alguns camponeses esmagados pela terrível «escravidão do músculo», meninas em busca de um sonho que a todos os instantes se desfaz em fumo, espaldadores transidos pela miséria da sua existência na vida. Tudo isso aparece mes-

romance de Manuel da Fonseca

«EXILIO» POR PEREIRA FAISCA

quinho, estreito, constringido e vão, como a própria realidade que representam os pobres seres descritos. Mas do seu drama conjunto, concentrando na angústia do protagonista as pequenas parcelas de drama de cada personagem, resulta um quadro pungente e amargo da vida que transcende a todos e sobre todos paira como verdade terrível da existência. Manuel da Fonseca viu bem o real e descreveu-o com as cores justas do observador sincero; mas um impulso de poeta superou essa malha estreita das existências penosas e em todas infiltrou uma gota do terrível veneno: a vacuidade da existência, com idéias ou sem elas, dentro ou fora do sonho, transportada ou não por aspirações superiores. Realizou a genuína tarefa do homem inteligente: compreendeu a realidade e fez dela uma idéa.

Se há páginas medíocres, personagens mal definidos, situações muito frágeis ou convencionais neste livro — e é natural que suceda assim num romancista que começa — o sentido geral da obra absolve todas as insuportáveis e consagra acima dela o espírito que a construiu.

O segundo aspecto notável deste romance é a força sugestiva com que a paisagem tudo envolve e coordena. Os campos secos e crestados, as árvores nuas e trágicas, as ruas cegando os olhos sob o sol, os pontos de tristeza coalhada, são pintados com mão segura e, muitas vezes, com alta «maltrise» de artista.

A composição do romance é rica e difícil. O argumento não decorre numa linha contínua, mas em quadros ajustados que permitem algumas vezes o jogo talentoso dos contrastes. Falha algumas vezes o processo, mas o seu todo é feliz. De mais, esse defeituoso enquadramento dos capítulos, que se faz sentir uma vez por outra, é compensado pelo seguro sentido do dramático que o autor possui: a tentativa de suicídio do velho Garrado, o encontro de Tóño Revel com os saltadores, a desordem na feira com o lavrador Carlos Runa, têm intensidade no movimento dos personagens e dos caracteres já definidos que os movem. Sob esse aspecto, Manuel da Fonseca cumpre muito bem a regra de que o romance deve ser mais espectacular do que a vida — porque a concentra e resume, sugerindo muito mais do que refazendo.

Nietzsche falava na «formidável erosão dos contornos» que toda a obra de arte deve realizar para ser realmente arte. O romance novo, a cujos destinos em Portugal nunca recusarei a mais apaixonada aten-

ção, não tomou ainda consciência precisa dessa necessidade estética fundamental.

Manuel da Fonseca realiza em certa medida, mas vê-se bem que por pressentimento intuitivo, por espontânea contração da matéria efabulada e ainda não por domínio seguro de uma técnica. «Cerromaior», porém, é um grande passo num caminho longo e difícil.

* * *

Pereira Faísca é um nome desconhecido nas letras contemporâneas. Sob o título de «Exílio» aparecem reunidas algumas crónicas romaneadas ou narrativas com certa dose de fantasia que merecem apreciação literária. O autor revela aí, ao mesmo tempo, uma vasta e rica experiência das pessoas e das coisas, e uma inexperiência desconcertante das formas em que elas devem traduzir-se. O convívio literário actualíssimo, revelado nas dedicatórias dos capítulos do livro a figuras como Teixeira Gomes, Fernando Pessoa e Ferreira de Castro, não se exprime em idêntica capacidade de representação escrita. Pereira Faísca deve ter viajado muito e com a variada experiência que adquiriu, enriquecida por uma fantasia típica do viajante, compôs estes breves quadros em que a expressão é desconexa sem deixar de ser pitoresca. A sugestão de Teixeira Gomes — nas páginas inimitáveis das «Novelas Esféricas», do «Inventário de Junho», da «Miscelânea» — é muito evidente. E, embora o autor de «Exílio» possua cultura requintada e fina, dotes de narrador e até um gosto literário que algumas linhas destacam em certos passos, falta-lhes o dom da unidade que faz o verdadeiro escritor.

Ao cabo da leitura deste livro têm-se uma impressão desconjuntada que cheira muito a fracasso. Recordam-se páginas de apreciação inteligente sobre escritores e artistas, o desenho feliz, uma vez ou outra, de certas figuras fantasiadas ou entrevistas na realidade, quadros de natureza ou de estados íntimos que o homem culto viveu e sentiu. Mas tudo isso se dissolve numa argumentação claudicante, de prosa desigual e esborçada que por vezes faz sorrir. Sem dúvida que o autor nos deu o que podia dar. Mas o mais embaraçoso é que apetece pedir-lhe muito melhor do que isto, embora se pressinta que falta a juventude para alongar tentativas — porque uma inteligência delicada e rica preside a estes retalhos de fantasia e crónica.

A POESIA ESQUECIDA DE ANTONIO MACHADO



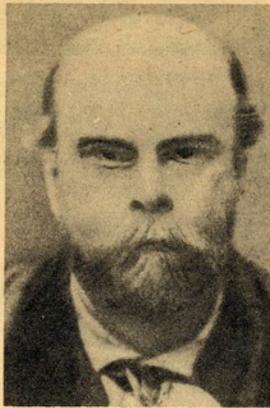
DISSOLVIDAS para o comum as lendas dolorosas da guerra de Espanha, fizeram-se reparações parciais de alguns nomes que ela vitimou. Assim sucedeu com Federico Garcia Lorca, cuja nomeada e a do seu «Cançoneiro gitano» se converteu em símbolo da moderna poesia espanhola. Outros, porém, ficaram arredados da imaginação dos leitores portugueses e da imaginação muito mais eficiente dos editores. Quando se lembrará alguém, entre tantas colecções que por aí proliferam, de apresentar ao público que entre nós compra livros e lê uma

série de espanhóis contemporâneos? E entre todos — e por todas as razões — bem caberia uma antologia breve de António Machado, hoje enterrado ao lado da sua velha mãe e companheira dolorosa de exílio, no pequeno cemitério francês de Colloure.

Jean Cassou chamou-lhe «um dos mais profundos líricos não só do seu país mas da poesia universal». A sua volta formou-se, antes da guerra e do éxodo que o vitimou, o grupo de jovens poetas da «Hora de Espanha» que procurava libertar a arte lírica do seu país das influências desastrosas do neo-gongorismo e do surrealismo. Não estava muito longe a poesia nobre e ardente de António Machado da escola que se formara em torno da irradiante frescura intelectual e moral de artistas como Rafael Alberti e María Teresa León. Nos versos de António Machado, ao mesmo tempo que se exaltam com espontânea sinceridade o sentido humano e popular da arte, há uma

concepção austera e castelhana da vida que não prejudica, antes acompanha a alegria impetuosa e a pureza juvenil da sua mais profunda natureza.

No ambiente pobre e sem ecos do nosso meio literário a revelação de poetas tão singulares e sugestivos teria, sem dúvida, excepcionais efeitos. Não só António Machado e Lorca, mas Juan Jiménez, Domenchina, Altalaguirre, Serrano Plaça, Alberti, Emilio Prados e tantos outros — a pleiade magnífica que o vendaval dispersou e cujas vozes claras não voltaram a ouvir-se. O vasto «romancero» que as obras destes poetas constituem e que tiveram na «Hora de Espanha» a sua revista anunciadora, seria uma fonte de impressões preciosas na inquietada busca do estilo que caracteriza a mais recente poesia portuguesa. O sentido aventureiro, heroico e criador, que a nossa época exige aos que souberem compreendê-la, tem nessa poesia espanhola esquecida alguns dos seus melhores arautos.



UM VELADOR DE VERLAINE

TRANSFORMADO
EM "QUARTO DE DOR-
MIR" NUM CAFÉ DE
MONPARNASSE

Os franceses acabam de celebrar a obra de Verlaine, o «sublime pochard». Mas, pelos modos, nem tudo quanto existe, como reminiscência da sua vida e obra, foi suficientemente esquadrihado. Pelo menos, é o que se pode desprender de um jornal francês que nos chega às mãos e que nos dá conta de um caso curioso, decerto interessante para os colecionadores de «bric-à-brac» e admiradores do autor das «Flores do Mal». Assim, no meio de tantas evocações, uma «personagem» contemporânea de Verlaine ficou esquecida: um velador que está hoje nos arredores da «gare» de Montparnasse e que se aluga por 50 francos por noite, aos viajantes que ali tomam uma pequena refeição de frios. Com a mala entre as pernas, por detrás da chapa ondulada descida, o viajante pode, assim, gozar de um prazer desconhecido... até por ele próprio, viajante.

Este velário de mármore rachado não é outro que o mesmo utilizado por Verlaine. Era ali que o grande poeta caía, vencido pelo absinto, depois de ter lançado algumas das suas magníficas estrofes sobre um caderno de colegial ou sobre a conta do café...

Hoje, é lá que se consultam os horários dos combóios, à espera de assaltar o «guichet» da «gare» próxima, para ter a certeza — ou a esperança... — de que se arranjará bilhete para o último combóio, uma vez que, para o primeiro, já estão sempre vendidos...

Terão as coisas inanimadas uma alma, como escreveu Lamartine e os árabes asseguram? Sendo assim, este velador há-de hoje sofrer imenso, cada vez que o caixeiro lhe passa sobre o tempo um pano enxovalhado, para limpar do mármore rachado, os fundos dos copos de cerveja que os senhores do nosso tempo lá deixaram...

Uma luz que se apaga e que renascerá

MORREU em França o filósofo Léon Brunschewig. Os seus restos mortais repousam em Aix-en-Provence, quasi tão obscuramente, como viveu esse homem que só não foi célebre como Bergson, porque era modesto e tímido e, ainda, porque era mais racional do que o «fator de «La rière». Por isso foi também menos popu-

lar. Nos seus livros, a obscuridade começava pelos títulos. Por isso este grande cérebro nunca alcançou o cérebro pequeno do público anónimo. Para nos servirmos de uma expressão de Jacques Servoz: nunca houve o snobismo do brunschewiguismo, do mesmo modo que houve o do burgonismo ou freudismo.

Léon Brunschewig era idealista, tinha uma concepção extraordinariamente elevada da grandeza do homem e da força do seu espírito. Por isso Jacques Chevalier, na sua mordaz crítica, costumava chamá-lo «Monsieur Brunschig brunschewigant»...

O pensador, porém, morreu há pouco, em liberdade, porque os alemães respeitaram a sua condição de homem superior, embora publicamente revoltado contra os ocupantes. Mas, um dia, certamente, sobre o túmulo modesto de Aix-en-Provence, um lampadário será aceso — o lampadário de uma eternidade histórica, que é a do espírito de um homem bom, superior e justo, a palpitar em alguns livros de inexcédível elevação moral.

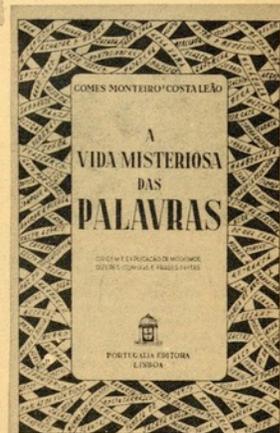
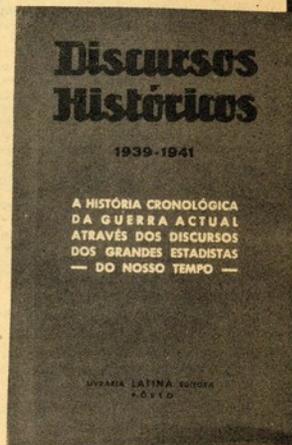
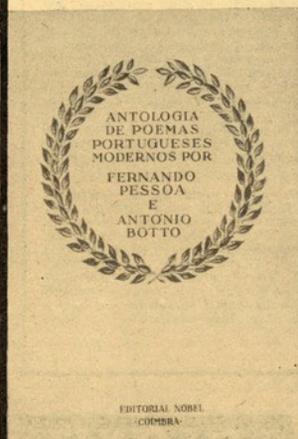
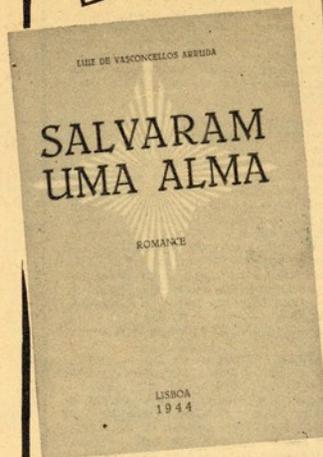
FAÇA DE PAPEL

Pela Editora Marítima-Colonial, vai ser publicado um volume de cerca de trezentas páginas, intitulado «As memórias dos outros», escritas pelos srs. Drs. José Ribeiro dos Santos e Luiz de Oliveira Guimarães.

— José Loureiro Botas deve ainda apresentar este mês o seu segundo livro de novelas, em que o autor nos dará mais alguns flagrantíssimos da vida e gente de Vigia de Lima.

— João de Barros publicou, em Separata da «Sera Nova», um poema que é uma notável afirmação de espírito, sensibilidade e elevação mental do seu autor: «Canto de Prometeu» — a que faremos mais larga referência.

OS LIVROS DO MOMENTO



Os livros
que deve ler

DOMUNDO

A guerra sem armas

ENTRETANTO... Mas entretanto sucede exactamente aquilo que todos estamos vendo... Esta guerra não é uma guerra como as outras, não é apenas o combate ardoroso entre um e outro antagonista, o chocar do ferro e a troca de metralha lançada de longe, a poder de explosão. Quasi que iam mesmo a escrever que, nesta guerra, isso é o menos, porque, para além da guerra e antes de se chegar à guerra e para desenvolver cada um dos seus lances, há uma longa e difícil escala de preocupações de outra espécie. Quere dizer: a guerra é a mesma, toda ela é uma, mas nega-se a ter a impressão de que, embora tudo dependa da acção militar, a parte militar é, de tudo, o menos impressionante e definitivo. Não será, entretanto, bem assim. O que há, realmente, é uma interdependência de causas e de efeitos de que nem sempre todos somos capazes de dar conta.

Antes de 1939, durante todos esses inquietantes e perturbadores episódios que constituiram como que o prefácio à conflagração — o caso de Munique, por exemplo, deu, nas mesmas 24 horas, para uns a angústia da guerra para o dia seguinte, para outros a esperança de uma possível paz de longa duração — toda a gente sentiu os efeitos do que já então se chamava a guerra de nervos. O período propriamente decorrido após a abertura das hostilidades revelou-nos em toda a sua extensão a importância fundamental que os condutores da guerra atribuíam ao aspecto que se tem chamado da preparação psicológica. A invasão da França, da Bélgica e da Holanda documentou, em lances a que, à distância, na densidade profunda da sua tragédia, nem sequer faltou o pitoresco, que valor excepcional tinha tido, efectivamente, essa nova experiência. O amolecimento da estrutura moral das populações, como das próprias forças combatentes, tinha gerado como que, de certo modo, a convicção da inutilidade da luta, pelo fatalismo da derrota ante o Apocalipse esmagador. A prova estava feita, dessa maneira, de que não era só as armas que se fazia a guerra.

Essa primeira fase revelou, entretanto, a existência de novos problemas, após o contacto dos exércitos com as populações dos países ocupados. Hoje, que a ofensiva passou da mão dos países do Eixo para a coligação das Nações Unidas, os governos destas últimas têm diante de si uma série de preocupações de ordem política e administrativa que antecedem e acompanharão a própria fase militar. A empresa de uma ofensiva em ponto grande, que se destina a sulcar, de país em país, os caminhos de um continente inteiro, faz pensar num conjunto de questões que reclamam solução prévia. Na Itália, a colaboração entre as diferentes organizações administrativas que acompanham os exércitos aliados e as organizações locais nem sempre correspondeu, na medida precisa, ao que se previa. Essa experiência, porém, serviu para ponto de partida de uma nova estrutura, cujos fundamentos principais foram já enunciados de Londres com certa cópia de pormenores. A Europa foi sectionada e classificada em sucessivos traçados para o grav das relações a estabelecer, para a natureza dos governos provisórios a instituir, para processo que há-de percorrer sucessivamente desde a reconquista até à reintegração da sua autonomia política e administrativa. Dentro desse esquema, o pormenor mais surpreendente terá sido, porventura, o que inclui a Dinamarca — país ocupado e sem governo próprio — entre os países que têm direito a ser tratados como amigos das Nações Unidas, sinal de reconhecimento das actividades de resistência constantemente manifestadas no país.

Tudo isto, que noutras ocasiões nem sequer seria, talvez, lembrado, surge neste momento como pormenor fundamental: tudo está previsto, tudo está estudado, metódico, sistematizado, organizado — pronto a actuar. E nem sequer se guarda segredo. Pelo contrário, tudo se comunica aos quatro ventos, como se, mais importante ainda que a sua existência, viesse a ser, feitas as contas, o conhecimento, a publicidade dessa existência. Mas isso tudo, afinal, faz parte da própria excitação nervosa que serve de preparo às grandes operações, como que o tempêro psicológico com que se abre o caminho às hostes armadas aos pés à cabeça. A guerra sem armas — continua a ser uma perigosa arma desta guerra...

J. R. S.



POLÓNIA

Onde se bebe azeite em vez de Porto...

LWOW volta a ser falada nos comunicados de guerra. A capital da Galícia, volta, pois, ao seu martírio. De mão em mão, sempre sofrendo o mais cruel destino, eis a legenda de Lwow — em alemão Lemberg, em francês Leopold e em ucraniano Lwiv. A cidade-mártir foi fundada no séc. XIII por Daniel de Halitch que a deu ao seu filho Lev — donde lhe veio o nome de Lwow. Sempre de mão em mão, tema de ódios e disputas — enfim, a cidade, em 1939, por acórdio germano-russo, parece que deveria ficar definitivamente para a Rússia, tal qual o havia propósto Lord Curzon em 1921.

Enfim, em 1941, o rompimento germano-russo levou à ocupação da Galícia pelos alemães — e com ela, lá se foi outra vez a «nacionalidade» de Lwow.

Cidade universitária, sede de três arcebispos, centro industrial, à

frente das ricas regiões mineiras e petrolíferas da Galícia meridional, cruzamento de importantes caminhos, sede de uma grande feira oriental anual — Lwow é uma grande cidade triste e pouco azeada, fina e empapada de lama, rica e miserável. Ainda há pouco, era o centro da Europa Central que apresentava maiores proporções de israelitas — 15 por cento — sendo dos seus 250 mil habitantes, dois terços rutenos e um terço judeus.

A desproporção entre a riqueza e a pobreza é tão grande, que no único bairro moderno da cidade, os menos afortunados — lêmos isto no «Illustré de Lausana»... — são forçados a...

E, entretanto, a menor prova de gentileza é acolhida com manifestações de tocante gratidão... de uma época que já não é a nossa, como seja o beija-mão e o beija-pés... Mesmo antes da guerra, o azeite era tão raro que se comprava a péso de ouro, nos drogistas, em pequenos frascos — como a glicerina... — sendo suprema elegância tomar uma gota de azeite... depois das refeições, como quem toma um «Porto»!

ELISABETH, FUTURA RAINHA DE INGLATERRA

LADY Asquith, esposa de Lord Herbert Asquith, publicava, num dos últimos números de «Tam», um curioso e delicado artigo a respeito da princesa Elisabeth, presumível herdeira do trono. E diz-se presumível porque Elisabeth pode ainda vir a ter um irmão, forçado herdeiro da coroa de Inglaterra. Mas, porque o facto de essa hipótese não destrói a outra, os pais e os mestres da gentilíssima princesa preparam-na para um dia vir a ser rainha.

Diz Lady Asquith que Elisabeth se parece muito pouco, de feições, com sua mãe e rainha. Mas tem o mesmo poder de graça e de simpatia, a mesma mistura de gravidade e alegria, uma tranqüila dignidade, tão distante da ênfase e que faz perder a timidez de quantos tímidos se aproximam da sua presença. A maior semelhança entre mãe e filha reside na voz e, de facto, aqueles que puderam ouvir a princesa, quando aos 14 anos falou pela primeira vez na rádio, às crianças do Império, ficaram tocados por essa semelhança de tom de voz e de dicção. Debaixo de uma cortesia amável, há, na mãe e na filha, uma grande personalidade inconfundível.

Como foi, então, preparada a educação desta menina que será rainha, segundo tudo leva a crer?

Sua mãe não quis que ela não vivesse a alegria descuidada de todas as infâncias e, durante muitos anos — até aos sete, a bem dizer — Elisabeth desconheceu o fardo da realeza que um dia pesará sobre os seus ombros. Foi a mãe que a ensinou a ler, e as outras lições até aos sete anos, limitaram-se a uma aprendizagem de francês, dança, natação e, naturalmente, a escrita. A rainha sua mãe, de resto, pretende sempre afastá-la da rigidez e cerimónia do palácio da corte, de modo que a vida da princesa e de sua irmã decorrem sempre no ambiente calmo de uma «casa» particular, de uma família igual à de todas as famílias felizes.

Diz Lady Asquith que apenas numa coisa foi precoce o ensino que prestaram à princesinha: o das boas maneiras — mas este foi ministrado pelo exemplo e não pelos exercícios escolares. E, porque é saudável, toda a infância e juventude de Elisabeth

INGLATERRA



tem decorrido alegremente, repartida entre os estudos de História e de Geografia. Esta princesa, que será rainha de 500 milhões de indivíduos e que reinará sobre um território de 14 milhões de quilómetros quadrados, tomará o nome de Elisabeth Alexandra Mary, fazendo assim rever uma grande tradição, porque foi durante o reinado da rainha Elisabeth que o Império britânico mais prosperou.

Uma vez, quando a princezinha tinha apenas 12 anos, explicavam-lhe a sua árvore genealógica e disseram-lhe, fingindo desprendimento, que talvez ela viesse a ser rainha. Elisabeth tremeu ligeiramente e disse passado o momento de comção:

— Se um dia for rainha, a primeira coisa que hei-de fazer é uma lei proibindo que os cavalos trabalhem ao domingo. Os cavalos precisam de ter férias...

A frase revela espírito de humanidade e de justiça?

Elisabeth está ao par de toda a literatura clássica e lê os modernos romances franceses e ingleses, sem esquecer as biografias de Zweig. Gosta — ela mesmo toca piano — de música, assistindo a concertos, indo ao teatro às vezes com a mãe, e assistindo a audições do organista Harris com acompanhamentos de coros. Tanto Elisabeth como sua irmã são boas amazonas, inteligentes estudantes, andando agora a futura rainha a tirar o curso de enfermeira e de defesa passiva.

NORUEGA

Quando o silêncio é de ouro...

EIS a história de uma pequenina norueguesa de 8 anos, contada por seu pai, o tenente Eric Petersen, que presta serviço na aviação inglesa. Tem ternura, delicadeza — e dela poderão tirar boa lição todos aqueles que têm mais de 8 anos e não são noruegueses nem se chamam Gerda. Porque Gerda era o nome da pequenina heroína, nesta história em que há alemães a invadir a sua pátria. A guerra levou-lhe a mãe. Pouco depois, o pai partiu para editar um jornal clandestino numa outra cidade — o princípio passa-se em Oslo — e, porque a hora era difícil e não podia levar consigo uma criança de oito anos, resolveu entregá-la a um amigo de nome Kmet. Dois anos mais tarde, porém, o tenente Petersen foi preso pelos ocupantes, conduzido à sua terra e condenado à morte. Disseram-no a Gerda que, mordendo os lábios e contentando as lágrimas, perguntou se não podia ver o pai. Depois de muito trabalho, foi possível obter licença para a levar à presença do pai.

E passou-se, então, qualquer coisa de maravilhoso: no momento em que o guarda dava volta à lingüeta da fechadura da cela, para conduzir Eric ao palatatório, o chefe chamou-o. Disse-lhe que esperasse e afastou-se rapidamente. Como se encontravam num corredor, Eric que estava em traje civil, foi andando despreocupadamente e seguiu dois visitantes que se aprontavam para sair. E como se

éle próprio fosse um visitante, avançou, avançou, até ao locutório... Quando todos chegaram ao anti-chambre, Eric viu Gerda, sentada num banco, com os pés a baloiçar, de grandes olhos atentos e as mãos fincadas na borda da madeira. Durante um minuto, o pai viu-se perdido: a filha ia precipitar-se, denunciá-lo na sua inocência. Mas não, Gerda inclinou-se para a frente. Esboçou um sorriso, trocou com o pai um olhar inteligente e deixou-se ficar numa atitude despreocupada. O pai pôde, assim, de olhos umedecidos, sair sem ser notado...

Gerda ficou três horas à espera do pai. De vez em quando perguntava muito delicadamente:

— Quando posso ver o meu papá? — Até que lhe disseram que ele tinha fugido. Interrogaram-na, voltaram a interrogá-la — mas Gerda nada viria nem ouvia. Regressou, então, a casa dos amigos mas nada contou, repetindo apenas o que os guardas e os agentes da «Gestapo» lhe haviam perguntado ou dito.

Três vezes a pequenina mulher é interrogada pela polícia que nenhum esclarecimento obteve. Kmet, o amigo de Eric, resolve fugir com Gerda para Inglaterra, aliás ajudado pelo próprio amigo.

E é só em Londres, quando todos três estão em verdadeira segurança — que Gerda resolve quebrar o seu silêncio de ouro e explicar tudo quanto se passou!...

GRÉCIA

JORGE II

Simbolo de um regime e de uma pátria

E' em tôrno da personalidade do rei Jorge II que se desenrola todo o drama da Grécia invadida e ocupada. A figura do soberano avulta, na cena política do seu país, e é certo que muito virá ainda a falar-se d'ele pois, segundo tôdas as probabilidades, a crise grega se prolongará para além do termo das hostilidades na Europa.

Em Outubro de 1940, as tropas italianas penetraram em território grego, depois do ministro da Itália em Atenas, sr. Grassi, ter entregue ao chefe do governo grego dessa época, general Metaxas, um ultimato cujo prazo expirava algumas horas depois da sua entrega. O governo grego resolveu resistir e a luta prolongou-se durante alguns meses. Na primavera do ano seguinte, as exigências da luta e a situação difícil em que se encontravam as tropas italianas, incapazes de dominarem os gregos, levaram o Reich a intervir nos Balcãs e a sua aviação a ir ao Mediterrâneo. Seis meses depois de ter entrado na guerra, a Grécia depunha as armas e os contingentes da Wehrmacht faziam a sua entrada solene em Atenas.

O rei com o governo, que já não era presidido pelo general Metaxas, falecido, entretanto, em consequência duma operação a que se submetera, seguiram para o exílio.

A PERSONALIDADE DO REI

Quem era o soberano grego, de quem a Europa bem pouco sabia nessa altura, e que passou a ser unanimemente considerado como o símbolo da resistência da sua pátria?

Jorge II era neto de Jorge I, um príncipe dinamarquês, irmão da rainha Alexandra de Inglaterra, que se conservara no trono dos helenos durante meio século, exactamente de 1863 e 1913. Quando o assassinaram, a guerra rondava a Europa, e era quasi certo que a Grécia não conseguiria escapar às suas vicissitudes.

Sucedeu-lhe seu filho, Constantino, cujo reinado foi todo influenciado pela marcha da primeira conflagração mundial. Subindo ao trono em 1913, Constantino viu, no ano seguinte, o seu povo dividido em duas facções irreconciliáveis: os intervencionistas, partidários dos Aliados, e os neutralistas, adversários da intervenção grega na luta. Os primeiros eram acaudilhados por Venizelos, os segundos tinham o seu chefe natural no próprio rei, casado com uma irmã do kaiser, e cujo conselheiro militar mais escutado era o coronel do Estado Maior, João Metaxas, que fizera o seu curso na Academia Militar de Berlim.

As divergências entre intervencionistas e neutralistas levaram o rei ao exílio e a Grécia à intervenção na guerra ao lado dos Aliados. Para suceder a Constantino, os gregos escolheram o seu filho mais novo, Alexandre, pois o mais velho, Jorge, era olhado como partidário da causa da Alemanha e tido com estreitamente ligado à tradição paterna.

Alexandre reinou poucos anos. Em 1920 morreu vítima da mordedura dum macaco. A Grécia atravessava um dos períodos mais difíceis da sua história. Aos sacrifícios, que consentira para participar na conflagração europeia, somavam-se as infelicidades que resultavam da sua guerra malograda contra a Turquia kemalista. Venizelos foi derrotado nas eleições e teve de abandonar o poder. O trono foi ocupado durante três anos pelo rei Constantino. Mas a impopularidade d'este levou-o, em 1923, a abdicar em favor de seu filho mais velho, que começou a reinar com o nome de Jorge II.

UM REINADO PERTURBADO

Ao contrário do que era convicção geral, o novo rei começou por afirmar os seus sentimentos de amizade pela Inglaterra, país que passou a visitar frequentemente e onde fixou residência quando teve de abandonar a pátria, perante a intensidade das lutas internas em que o seu nome e a sua função apareceram envolvidos. Durante doze anos, conservou-se no exílio, de onde regressou em 1935, em seguida ao golpe de Estado do general Condillys que pôs termo à efêmera república grega. Pouco depois do seu regresso, o rei chamou ao poder o general Metaxas, que estabeleceu um regime de ditadura pessoal, o qual teve o seu epílogo, em 1940, com a invasão italiana. As infelicidades que a Grécia tem atravessado não diminuíram o ardor das lutas internas. Essas lutas projectam-se no Cairo, onde o rei procura resolver uma crise que, fundamentalmente, lhe diz respeito e à estabilidade do regime que ele simboliza.



ESTADOS UNIDOS

UMA BOMBA RÁDIO-COMANDADA

REPAREM no esquema junto. Não lembra um pequeno avião? Pois é apenas uma bomba-fuzil, guiada rádio-eléctricamente, que costuma fixar-se no «avião-mãe», e que por este pode ser largada a cerca de 6.000 metros do objectivo, e a uma altitude de 12 a 15 mil metros.

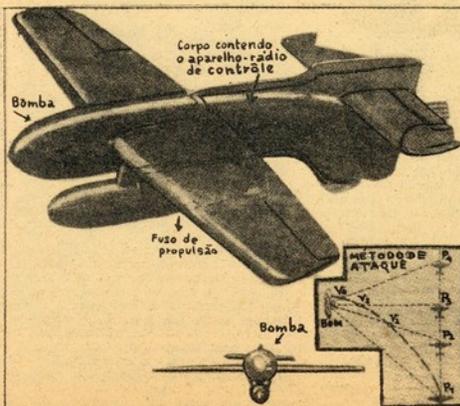
Esta bomba contém um pequeno pósto receptor de bombas hertzianas, alimentado por acumuladores minúsculos, e cujo funcionamento dura apenas 30 segundos. Este pósto receptor opera, por telecommando, sobre quatro pequenas asas de direcção, análogas à «empennage» de um avião. A bomba pode, portanto, mudar de direcção durante o caminho. O piloto, depois de a ter lançado, segue-a com os olhos e dirige as suas evoluções, por meio de um pequeno pósto emissor, fazendo girar certas pequenas molas, correspondentes às mudanças das direcções.

A principal dificuldade reside, para o operador d'este «avião-mãe» em conseguir uma linha de direcção constante, com rumo a determinado objectivo. Se o menor incidente de voo, devido, por exemplo, à defesa anti-aérea — caça ou D. C. A. — obriga o «avião-mãe» a mudar de caminho, o controlê de bomba rádio-guiada perde-se imediatamente, conforme se viu, sempre que os ataques foram dirigidos por estes engenhos.

O pequeno «croquis», à direita, esquematiza, em projecção horizontal, as posturas sucessivas (P.) do avião, desde que foi largada a bomba, até à sua chegada ao objectivo, representando o sinal V as diversas mudanças de direcção comandadas pelo piloto, durante a trajectória do engenho.

Antes de 1939, muito antes, mesmo, já um oficial aviador francês havia obtido certos êxitos, voando num avião «Breguet» telecommandado a distância. A marinha britânica, por sua vez, utilizava já, também, um pequeno avião «Queenby» que voava sem tripulantes. Era catapultado de bordo de um cruzador e um membro da tripulação manobrava-o à vontade, pre-mindo, simplesmente, certos botões dispostos num pequeno pósto emissor.

Perante estas possibilidades, os técnicos americanos não tiveram segredo que pór em execução o aperfeiçoamento de um mecanismo que tão graves perigos havia de oferecer ao inimigo e que está a ser agora empregado com frequência verdadeiramente espantosa.



Sabe quem foram os intelectuais que estiveram na guerra em 1914?



O cronista da guerra serena e objectivo, que mais tarde havia de se evidenciar, era, em 1914, o tenente aviador Lelo Portela.

A guerra de 1914 — a chamada Grande Guerra — levou a França e à África muitos portugueses que, pela Pátria, se bateram com heroísmo. De entre tantos — alguns humildes soldados que de lá voltaram cobertos de glória — pretende-se, nesta reportagem, evocar o nome daqueles intelectuais que, envergando a farda de combatentes, souberam, na trincheira, dar honra a Portugal. Desde André Brun — o inesquecível humorista — que escreveu a «Maita das Trincheiras» — a Albino Forjaz de Sampaio — hoje gravemente enfermo e que no «front» viu a sua admirável «Avalanche», muitos intelectuais publicaram volumes sobre a guerra. As visões das trincheiras, os choques dos exércitos, o troar das metralhadoras, o canhão forte, serviam de tema a impressionantes livros. Mestre Sousa Lopes — esse vigoroso pintor que a morte ceifou recentemente, foi o pintor da guerra. Vestido de capitão correu o campo sangrento da Flandres — e os seus olhos de artista souberam, emocionados, pintar aquelas telas inesquecíveis que os nossos museus militares guardam como reliquias.

O general Ferreira Martins, que está aqui ao nosso lado, era tenente-coronel quando foi para França. Investido no alto cargo de sub-chefe do Estado-Maior do C. E. P., assistiu aos duros embates da guerra. Homem de letras, tem na sua vida uma série de altíssimos trabalhos históricos que fazem dele um dos mais considerados cronistas das nossas epopeias coloniais.

Mas deixemos o general Ferreira Martins, aposentado, que vive numa linda casa em Algés, toda cercada por jardim — e conversemos com o tenente-coronel, sub-chefe do Estado-Maior do C. E. P. — há 26 anos.

«Era em fins de Março de 1918. O inimigo tinha desencadeado a sua grande ofensiva, e a pacata cidadezinha de St. Venant, onde estava instalado o Quartel-General do C. E. P., estava sendo bombardeada, mais amida do que até então, pela artilharia pesada que, por uso e costume, visava em especial a linha férrea e uns depósitos de munições próximos. Numa bela manhã, eu e

o coronel Sinel de Cordes, então chefe do Estado-Maior do Corpo, lembrámo-nos de, antes de dar começo aos nossos trabalhos de gabinete, ir dar uma volta pela terra, tomar um pouco de ar fresco da Primavera, e examinar os estragos produzidos pelo forte bombardeamento da véspera.

Havia calma no nosso sector. Até ao momento em que saímos do «Château» que nos albergava, as granadas inimigas tinham-nos favorecido com a sua ausência. Ao chegarmos, porém, à «Place Verte», uma grande praça relvada que havia no meio da cidade, um projectil dos de grosso calibre fez ouvir, sobre as nossas cabeças, o ruído característico do percurso da sua trajectória, para ir cair e explodir mais adiante, não tão longe do sítio onde esse seu ruído nos surpreendeu, que não fossem sofrivelmente maculadas as nossas fardas pela terra úmida levantada pela explosão. Eu nunca, até então, tinha «cavado».

Mas, daquela vez, o «cavango» era inevitável; ambos nos detámos no chão logo que percebemos que a granada passava sobre nós. Passada a borrasca, levantamo-nos — e a narração do incidente ainda serviu de risível distração à hora do almoço na «mess» do Quartel-General do Corpo.

Veio o armistício, acabou a guerra, e em Maio de 1919 regressé à Pátria. Aqui foram passando os anos e já quasi me esquecera o plectresco incidente quando um dia, um meu colega no Conselho de Cadastro (de que durante muitos anos fiz parte), me levou de presente um estilhaço de granada, todo torcido e cheio de arestas vivas, cuja proveniência então me contou. José Martins, esse colega e amigo, estivera no C. E. P. como funcionário da Pagadoria. Por acaso assistiu, da porta ou da janela do seu boquete, a pequena distância do local daquele meu primeiro e último «cavango», a toda a cena que a este deu lugar. E, seguidamente, foi encontrar precisamente nesse local aquele estilhaço ainda quente que, graças a Deus, não chegara a beliscar-me.

Guardo religiosamente esse bocadito de ferro na minha colecção de recordações da Grande Guerra.

José Martins era alferes equiparado — e só quando, passados anos, as nossas funções comuns no Conselho de Cadastro nos irmanaram hierarquicamente — e consolidaram a nossa amizade — julgou oportuno fazer-me a oferta gentil daquele malféfico objecto que conservava como recordação.

O GENERAL RAUL ESTEVES, COMANDANTE DO BATALHÃO DE SAPADORES DE CAMINHOS DE FERRO

O Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro mereceu os maiores elogios pela maneira, altamente disciplinada, como se portou em Fran-

ça. Era seu comandante o sr. major Raúl Esteves.

Na Ordem do Exército de 10 de Julho de 1920, em que se concedera com a comenda da Torre Espada, vem a seguinte menção:

«Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro, num aturado serviço de campanha de quasi dois anos deu continuamente provas brilhantes de inexcusable dedicação pelo cumprimento dos seus deveres, estando sempre pronto para os mais árduos e arriscados serviços que desempenhou com perfeita competência técnica e particular distincção, tendo merecido honrosas referências dos comandos aliados, sob cujas ordens serviu, e mantendo sempre um alto moral e um espirito de corpo fora do vulgar».

Esta ordem é assinada pelo falecido presidente António José de Almeida.

O general Raúl Esteves — hoje administrador da C. P. — foi, durante muitos anos, o comandante do Regimento de Sapadores de Caminhos de Ferro, onde, pela disciplina, soube impor à admiração do país, o seu nome — e o da unidade que comandava.

QUANDO CARLOS SELVAGEM ERA ALFERES

O tenente-coronel Carlos Afonso dos Santos (Carlos Selvagem na vida literária), foi dos primeiros oficiais que, voluntariamente, se ofereceu para seguir nas tropas expedicionárias. O general Gil levou o moço alferes como comandante do seu Quartel-General.

E esteve, proezas sobre proezas, 6 meses em França. Carlos Selvagem e o seu pelotão — que ficou sendo conhecido pelo «Fantasma» — tiveram arriscadas patrulhas.

Uma delas ia-lhe custando a vida — e aos seus. Aliás, a morte andava sempre próxima. Mas o «Pelotão fantasma» sabia esquivar-se, no momento oportuno, depois de começar as suas façanhas, depois de receber a ordem para seguir na direcção Oeste, para despistar o inimigo e dar assim passagem, por outro lado, a uma coluna. Chegado ao sítio em que supunham acampados os soldados contrários — viram, com surpresa, que as palhotas estavam abandonadas e que já não estava ali ninguém. Largaram fogo a aqueles montes de palha — que eram casas improvisadas — e voltaram, satisfeitos, ao encontro da coluna. Mas quando chegaram ao Quartel-General ficaram alucinados — a coluna tinha sido toda exterminada pelo inimigo, que fizera aquela cidade. Afinal, a grande missão do «Pelotão Fantasma» livrou-o duma morte certa — porque se não fosse ele, ele teria seguido com a coluna e não poderia escapar a um embuste dum inimigo numeroso e aguerrido...

REINALDO DOS SANTOS, CHEFE DE AMBULANCIA

Muitos médicos estiveram na guerra. Reinaldo dos Santos, crítico de arte, artista e escritor de aguçado espirito, foi dos primeiros cirurgiões que, com o posto de capitão, serviu a guerra. Os «hospitais de sangue» tiveram um lugar de relevo na Grande Guerra. Reinaldo dos Santos — ao lado das maiores notabilidades da cirurgia fez, também, honrar o nome de Portugal.

LELO PORTELA E A «ESQUADRILHA GOERING»

O comandante Lelo Portela foi um dos nossos primeiros aviadores. Monteiro Tórrès cobriu-se de glória — e a Pátria considera-o hoje, justamente, um herói.

A aviação, ainda em princípio, só no final da guerra teve acção preponderante. Os aviadores portugueses, pela valentia e entusiasmo, mereceram louvores dos altos comandos. Lelo Portela, então tenente, teve 22 combates e 220 horas de voo. Na ofensiva de Maio (Chemín des Dames), houve um emocionante combate. Uma «esquadrilha», de que fazia parte Lelo Portela e dois companheiros, foi atacada, já sobre as linhas, por 9 triplanos e 5 biplanos. Houve combate cerrado. Um dos aparelhos, todo crivado de balas, foi abatido — e Lelo Portela conseguiu, livrando-se duma morte certa, dar réplica — e aterrar. A «esquadrilha inimiga» pertencia à «Hachthafens», comandada por Goering.

CARLOS OLAVO E OS POLACOS

O dr. Carlos Olavo esteve também no «front». Foi feito prisioneiro quando do 9 de Abril. Escreveu aquêlle livro — que é um dos melhores da nossa literatura de guerra: «Jornal dum prisioneiro de guerra na Alemanha».

Este pequeno episódio — é muito curioso e merece ser aviado:

«Nós e os polacos temos a cozinha comum. Trabalhamos juntos, mas nem sempre nos entendemos facilmente. Ainda ontem, para regular um mólho de bacalhau, e depois de muitas tentativas infrutíferas, em diversas línguas vivas, para nos compreendermos, um oficial polaco, de óculos, ar eclesiástico, perguntou se falávamos latim. Imediatamente se adiantou o alferes de artilharia Carusca, que estabeleceu com êle a indispensável conversação na nossa velha língua originária. E aqui está como, por intermédio duma língua morta, que quasi não serve senão para investigações de filólogos e para ritualismos de igreja, se puseram de acôrdo portugueses e polacos sobre a melhor maneira de fazer um mólho de bacalhau!».

MANUEL MARTINHO



Era assim, quando partiu para o «front» o então major Raúl Esteves dos Santos, mais tarde chefiado e desempenhar os mais altos cargos da Noção.



Estava longe dos seus êxitos de médico e de investigador de artes, o capitão-médico dr. Reinaldo dos Santos.



O tenente-coronel Carlos Afonso dos Santos, que mais tarde havia de adoptar como pseudónimo literário, o nome de guerra que os companheiros de colégio lhe puseram.



Carlos Olavo esteve prisioneiro. Mais tarde, havia de escrever um livro curioso: «Jornal de um prisioneiro de guerra».

NOTAS RÁPIDAS

A ENTREVISTA DA ACTUALIDADE



O que nos disse ANTÓNIO MARIA PEREIRA da "Arte de bem vender livros" em Portugal

A conversa, sem fugir dos livros, desvia-se, porém, um pouco da Feira. — Acha o comércio com o Ultramar viável?

A resposta foi pronta: — E, e acusa progressos apesar da guerra. Quere ver esta expressiva estatística oficial? Para Angola, até 1940, a verba de exportação raramente atingia 100 contos; em 1941 subiu a 538, e em 1942 atingiu 590 contos. Para Moçambique, a verba anual, até 1940, pouco excedia 100 contos; em 1941 e 1942 subiu, respectivamente, a 484 e 620 contos. Como vê, o comércio com o Ultramar continua viável e vai-se tornando normal, dentro da anormalidade dos bloqueios, dos «leusuras», dos «navicerts» e das carências dos transportes.

A última pergunta para fechar esta entrevista tem qualquer coisa de alvítre:

— Que sugere para que o livro seja mais acessível ao público?

— Na impossibilidade de tornar o livro mais acessível ao público, deve-se á tornar o público mais acessível ao livro. Esclarecendo: os benefícios pecuniários recentemente concedidos aos gráficos reflectiram-se em apreciável agravamento do custo dos trabalhos tipográficos e, consequentemente, no preço do livro. Não é de prever, por isso, que o livro se possa tornar mais acessível. Portanto só o nivelamento do poder de compra poderá tornar a bolsa do comprador acessível ao livro!

ESCLARECIMENTO

A propósito do artigo «A Roménia através dos tempos», publicado no penúltimo número desta revista pelo nosso apreciado colaborador sr. José Miguel Correia Ribeiro, recebemos do nosso illustre amigo, sr. dr. José Correia Ribeiro, a seguinte carta:

...Sr. Director da «Vida Mundial Ilustrada», e meu prezado amigo: — Para evitar confusões que me desagradam, rogo-lhe a fineza de declarar na sua tão apreciada Revista que o artigo nela publicado no número do dia 11 — «A Roménia através dos tempos» — assinado por José Correia Ribeiro, não é, nem podia ser, da minha autoria.

Com a maior consideração, creia-me sempre amigo e grange admirador — Correia Ribeiro (José) Affonso.

DENTRO de dois dias, a «Feira do Livro» vai abrir. Acontecimento que muito interesse e simpatia tem despertado no nosso público — a «Feira» deve muito a António Maria Pereira, presidente do Grémio Nacional dos Editores e Livreiros, pessoa de entusiasmo que, com esclarecida inteligência, vem orientando aquele organismo corporativo. Foi no seu gabinete de trabalho da Parceria, que tem o seu nome, que lhe perguntámos:

— Este ano apresentam alguma novidade na Feira?

— Frontamente, António Maria Pereira respondeu:

— Duma maneira geral, a Feira deste ano continuará as normas seguidas nos 13 anos anteriores. Apenas uma inovação: o tempo que durará. Em anos transatos arrastava-se, com sucessivas prorrogações, durante um mês. Este ano, não. O prazo foi fixado em 15 dias improrrogáveis, isto é, do dia 27 de Maio a 10 de Junho.

— E o número de barracas? — Aumentou consideravelmente. Olhe, apesar das dificuldades da hora presente podemos apresentar 38 barracas — mais cinco que o ano passado.

— E os resultados que se colhem são satisfatórios?

— Sim, em relação ao público, porque uma volta pela feira corresponde a uma peregrinação pelos livreiros, pelos editores e pelos alfarabistas dispersos pelo país, além de que, no geral, adquire na Feira os livros com tentadores descontos.

— E em relação aos livreiros? — O conhecido editor tem um sorriso, e logo volta:

— Em relação aos livreiros... além do acréscimo da clientela e, portanto, de vendas, consegue-se liquidar muito mono esquecido que enchia as prateleiras.

— Quais os livros que têm mais procura?

— Na Feira só é permitida a venda de livros portugueses e brasileiros — e há público para todo o género de livros, desde os de literatura popular (e é ver as enchentes nas barracas que a esse género se dedicam) até aos mais eruditos e de maior raridade bibliográfica.

O quarto aniversário da "Vida Mundial Ilustrada"

QUATRO anos. Quatro anos de canseiras — e, porque não dizê-lo? — de compensações morais, passaram sobre o aparecimento do primeiro número desta Revista. Para percorrermos este caminho, fizemos muitas tentativas, tasteámos muita vez a interpretação de todos, procurando dar a «Vida Mundial Ilustrada» aquelas características capazes de interessar as diferentes correntes de público. Algumas vezes teríamos errado. Não em relação a nós e ao que ainda hoje mesmo consideramos uma boa revista — mas em relação ao público. Presentemente, depois dessas tentativas, depois dos muitos sacrifícios de quantos prestam a sua colaboração à obra que está à vista — «Vida Mundial Ilus-

trada», não sendo ainda aquilo que desejariamos que fosse e que virá a ser um dia — é, todavia, uma Revista moderna, qualquer coisa de diferente e ainda assim imitável que sentimos muito bem ir ao encontro do gosto da gente nova. Aliás, não é de admirar: esta Revista é feita por novos — que são os que melhor são capazes de falar à mocidade do seu tempo. Por isso mesmo, «Vida Mundial Ilustrada», que criou entre nós um novo tipo de jornalismo, até há pouco desconhecido entre nós — entra no quarto ano da sua publicação, confiante como um ser jovem que tem já no futuro e na sua capacidade criadora e realizadora.

Assim os nossos leitores estejam de acórdão conosco...



O sr. Presidente da República inaugurou a 3.ª Exposição Filatélica Portuguesa, na Sociedade de Geografia. O acto, como dxcc compreender-se e foi largamente noticiado, teve luzimento e consagração, plenamente, o esforço e a entusiasmo de quantos contribuíram para o luzimento indiscutível desta exposição.



Na Maternidade de Magalhães Coutinho, as alunas do 1.º e 2.º anos homenagearam, há dias, os professores Drs. Pedro de Cunha e Freitas Simões. Cento e setenta alunas, acompanhadas das enfermeiras daquele estabelecimento falaram, pela boca de uma das alunas, do muito que ficaram a dever aquêles dois ilustres clínicos, que foram homenageados com flores e a oferta de um objecto de arte.



Foram festas cheias de alegria e de mocidade, as que os estudantes do 4.º ano de Letras, Ciências Económicas e Agronomia, realizaram em dias diferentes para a queima tradicional das fitas. Na foto, vemos um grupo galante de alunos do 4.º ano de Letras, antes da cerimónia que os reúne na cerca da Faculdade.



Os nomes daqueles que enriquecem o nosso espólio no mundo das artes, das ciências ou das letras, não pode ser esquecido, porque não somos tantos nem valermos demais. Os nossos organismos responsáveis pela perpetuação dos valores morais ou espirituais da pátria estão atentos. Por isso a Câmara Municipal e o Instituto de Arqueologia, História e Etnografia resolveram colocar uma lápida na casa onde viveu o professor Leite de Vasconcelos, um dos grandes nomes do nosso tempo. A cerimónia, como a foto mostra, teve imponência e luzimento.

Quando a natureza mata

MESMO pondo de lado as mortes causadas, em cada ano, pela doença que isoladamente atacam os indivíduos antes da velhice, a história das epidemias mostra que a Natureza é muito mais «assassina» do que o homem.

A primeira epidemia registada pela história é descrita por Tucídides na sua «Guerra do Peloponeso», e propagou-se na cidade de Atenas, super-povoada por refugiados da guerra. A mortandade foi enorme e os médicos mostraram-se impotentes para debelar o mal desconhecido.

Mais tarde, na Idade-Média, as crônicas dos historiadores descrevem-nos fome e enfermidades tremendas e misteriosas. O sarampo e a varíola apareciam periodicamente. A lepra era epidêmica. A invasão da Europa pelos Árabes (Sec. VII) auxiliou a revisão desta enfermidade. As relações comerciais através do Mediterrâneo aumentavam constantemente a oportunidade de infecções.

Outra doença, de consequências quase sempre fatais, aparecia de tempos a tempos, alimentando o pessimismo universal e a crença do próximo «fim do mundo». Esta enfermidade — o «ergotismo gangrenoso» — foi conhecida na Europa do Séc. X e XI sob o nome de «fogo sagrado» ou «fogo do inferno». As suas vítimas pereciam devoradas por um calor interno inextinguível. Os membros tornavam-se negros e caíam do corpo. Só em 4 províncias de França, e em poucos dias, morreram 40.000 pessoas.

A miséria orgânica gerada pelas fomes e pelas péssimas condições de vida, abria as portas às epidemias e, por isso, morreram na Europa, durante a Idade Média, muitos milhões de pessoas, vítimas da lepra, da peste bubônica, do tabardilho e da sífilis. Esta última doença foi trazida pelos marinheiros de Colombo, que a contraíram durante a estadia entre os índios de Haiti.

A contribuição dos ratos para o aparecimento de epidemias devastadoras, num meio onde a higiene era nula, foi também extraordinariamente grande. A eles se deve a peste bubônica (chamada morte negra), o tifo, a hidrofobia e outras infecções.

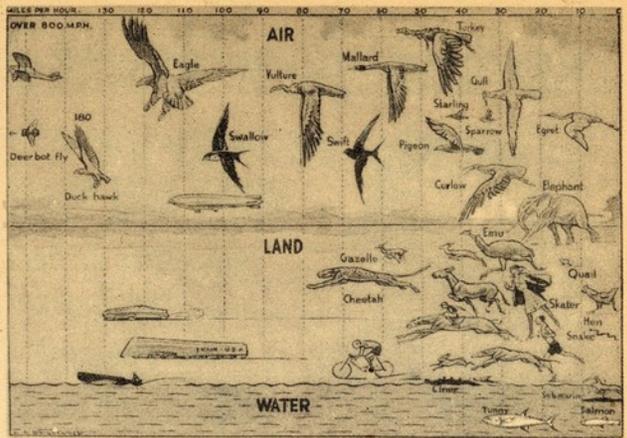
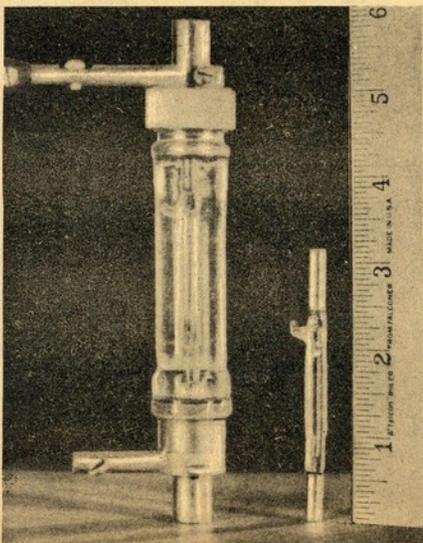
No século XIV lavrou a mais terrível de todas as epidemias da história: — a «peste negra», que começou no norte da China, em 1346, onde, em menos de um ano, eliminou 13 milhões de vidas. Depois, principiou a mover-se em direcção da Europa, através das grandes rotas comerciais. As cidades situadas no seu percurso ficavam quase despovoadas.

Na Grande Guerra de 1914, graças aos progressos de higiene, não houve aquelas grandes epidemias que costumam acompanhar os conflitos armados. Todavia, no começo de 1918 verificou-se a «influenza (gripe)». Iniciada nos Estados Unidos e, depois, na China, em poucos meses passou à França. Não houve um único lugar da terra, incluindo as próprias regiões polares, que não tivesse sido atingido. Resultado: 20 milhões de mortes — o dobro das vítimas causadas pela Grande Guerra...

Apesar da população da Terra se ter multiplicado várias vezes, morrem-se menos e com mais idade. Estas vitórias contra a morte e contra a dor, devem-se ao grandioso exército em que enfileiram os criadores e propagandistas dos princípios da Higiene; os descobridores das origens das doenças e dos seus remédios; os inventores das máquinas que permitem espalhar conforto; os que conseguiram obrigar a terra a produzir mais alimentos, graças à ciência e à técnica; os que, finalmente, têm lutado para aniquilar as condições sociais inimigas de uma vida saudável — todos aqueles que desejam, para os homens, uma só espécie de luta: o combate contra as impiedades da Natureza.

A LAMPADA MAIS FORTE

AS lâmpadas mais fortes criadas até hoje têm apenas alguns centímetros de comprimento. Conseguem transformar eficientemente um milhar de «watts» de energia eléctrica em luz, fazendo com que a corrente eléctrica atravesse esses minúsculos tubos de quartz, contendo vapor de mercúrio. A lâmpada à esquerda está equipada com uma camisa transparente; entre esta e a lâmpada circula água para refrigeração do conjunto. O vapor exerce pressão de toneladas por centímetro quadrado de superfície do tubo, e sob estas condições há emissão de luz branca de deslumbrante intensidade.



VELOCIDADES

AQUI temos um mapa da velocidade dos animais. De tracejado para tracejado há uma diferença de 10 milhas por hora. Vêmos, pois, que uma serpente nem chega a «correr» 10 milhas por hora, e que um corredor humano anda perto de 20 milhas por hora. O mapa revela a manifesta desvantagem do homem a pé. Repare-se como a água atinge 120 milhas por hora, uma espécie de pato, chega às 180 milhas, e certo insecto alcança mais de 800 milhas por hora. Mas o homem supera a Natureza com o uso dos instrumentos, — a maior marca da sua superioridade. Graças às máquinas, vence todos os animais, no mar, na terra, no ar. O barco, o automóvel, o avião, prolongam a natureza humana e multiplicam por milhares as suas forças.

A B C sobre as conjuntivites

A conjuntiva é uma membrana mucosa cheia de vasos sanguíneos, que recobre a parte interna das pálpebras (conjuntiva palpebral) e, encurvando-se para dentro, vai terminar em cima e em baixo sobre a córnea (conjuntiva bulbar).

A conjuntivite é uma inflamação desta mucosa, mas há várias espécies de conjuntivites. O *tracoma*, é das mais graves; as mais frequentes são as conjuntivites muco-purulentas e as purulentas.

As muco-purulentas são devidas ao bacilo de «Weck» ou ao diplococo de Morax. Aparecem de repente. Ao acordar, as pálpebras estão coladas, e o olho vermelho. Na parte de dentro das pálpebras vêem-se filamentos. O doente sente picadas, ardores. A evolução é rápida; ao fim de 8 ou 10 dias dá-se a cura, excepto se houver complicações, tais como úlceras corneais.

As purulentas, incluem as conjuntivites gonocócicas ou blenorragias, causadas pelo gonococo de Keisser. É das mais graves. Produz secreção abundante, que escorre pela face. As pálpebras incham muito; a superior, por vezes, vem recobrir a inferior, e embas se apresentam violáceas e quentes. A afeição da febre produz mau estado geral.

Se não há complicações, a cura vem ao fim de 3 ou 4 semanas. Mas em geral aparecem ulcerações na córnea, que podem ir ao ponto de a perfurar, e afectar a íris (a parte central da chamada *menina do olho*), produzindo cegueira devido à formação duma mancha chamada *leucoma*.

O tratamento destas conjuntivites pertence só ao especialista: lavagens com soro fisiológico e cianato de mercúrio; cauterizações com nitrato de prata, etc.

As fantásticas aplicações do quartzo

Os cristais de quartzo geram cargas eléctricas nas suas superfícies quando são comprimidos ou sofrem trações, ou, pelo contrário, se encolhem e se dilatam ao receber choques eléctricos muito rápidos.

Durante a primeira guerra mundial, foram utilizados para captar as ondas sonoras provenientes dos submarinos. Depois viu-se que serviam como microfones de rádio, para transformar ondas sonoras em ondas eléctricas. Encontrou também aplicações nas modernas linhas telefónicas, servindo de filtro de vibrações, e permitindo assim que 200 conversações telefónicas simultâneas se façam por um só par de fios. Dão ainda excelentes «pick-ups» para fonógrafos, e podem ser utilizados como receptores e transmissores telefónicos.

Os relógios mais exactos, cujo «tic-tac» se faz à razão de cem mil vezes por segundo, são postos a funcionar por estes cristais piezo-eléctricos. Excitando-os electricamente com altas frequências, os cristais emitem ultra-sons, que são de grande valor no «cracking» do petróleo bruto, aumentando a sua produção de gasolina. São, finalmente, empregados para localizar os «icebergs» e outros obstáculos marítimos — e para apressar a transformação dos pepinos em «pickles»!

O engenho humano é inesgotável.

O valor das saborosas bananas

AO passo que a maior parte das frutas não apresentam um real valor nutritivo e se limitam a constituir um alimento de sobremesa, deleitável, refrescante e benéfico pela sua riqueza em vitaminas, as bananas fazem excepção à regra e são extraordinariamente alimentícias graças à sua alta percentagem em hidratos de carbono.

Mas note-se que os hidratos de carbono da banana não madura aparecem, sobretudo, sob a forma de amido inassimilável, ao passo que na banana madura esses hidratos surgem quasi só como açúcar. Por isso são aconselhadas as bananas às pessoas que precisam de uma super-alimentação ou têm de fornecer esforços físicos ou intelectuais.

As bananas são perfeitamente di-

geríveis quando se apresentam com uma cor amarelo-acastanhada, tendo, aqui e ali, manchas de bem maduras. Caso contrário, é preferível cozê-las; às crianças convém servil-as esmagadas, de mistura com um pouco de açúcar e fraca quantidade de leite.

As bananas contêm vitaminas de três categorias: A, que favorece o crescimento, e ajuda a assimilação das gorduras; a vitamina B, que é anti-nevrótica e anti-pelafrósia; e a vitamina C, ou anti-escorbútica.

Sabe-se, também, que as bananas mostram um efeito benéfico no tratamento da diarreia simples. Neste caso, são comidas em puré, misturadas a caldo de arroz ou limonada láctea. Os resultados obtidos são encorajadores.

Os nossos inquéritos semanais

5.º Inquérito: O problema económico

Série A

POR comodidade, vamos dar as seis melhores respostas, por ordem alfabética e escolhidas entre as primeiras cartas que chegaram à nossa redacção. As restantes, ficarão inseridas na série B, e serão transcritas no próximo número.

«Mesmo que faça por abstrair-me desse casal que serve de modelo ao vosso inquérito, creio não conseguir fazê-lo completamente. Dal, o lembrar que a soma necessária para a vida desse par recém-casado poderá variar segundo a maneira de se desse mesmo casal. Se viverem com um gosto desmedido pela solidão a dois, creio poder bastar-lhe 2.000\$00 mensais. Se, pelo contrário, gostarem de jantar fora uma vez por outra, de fazer umas extravagâncias, creio que precisarão de mais 1.000\$00, ou seja 3.000\$00 por mês.»

ANTONIETA

«Por mim, acho que o principal é escolher uma casa barata, um «appartement», qualquer coisa, enfim, que não exceda 300\$00. Se isto se conseguir, penso que 1.500\$00 mensais poderão bastar para viver razoavelmente.»

BEBIANA

«Nos tempos de hoje, em que a vida está tão cara que até as grandes fortunas estão ameaçadas de ruir, o orçamento mínimo para a vida de um casal depende do meio em que vive. Na província, onde os grandes quintais favorecem a cozinha com as hortaliças e legumes, e onde se dispensam as stillettes luxuosas, um casal sem filhos pode viver razoavelmente com 1.000\$00, oscilando até grandes economias. Porém, na cidade, onde o bulício entoucece e as stillettes deslumbram, são, sem dúvida, precisos mais 300\$00, a não ser que os cônjuges se privem de tudo o que não seja absolutamente necessário.»

Gastar demasiado em jóias, que por vezes chegam a dar à portadora ar de provinciana ou nova-rica, é disparate, bem como em idas diárias ao cinema e a bailes, que chegam, sendo em demasia, a perturbar o espírito. Aprovo uns passeios de distração, e mesmo o cinema, uma vez por outra. Acho bem que se comprem alguns livros bons, é claro, que são os melhores amigos, e para manter em equilíbrio as despesas caseiras deve apontar-se diariamente o que se gasta, nunca indo além daquilo que o vencimento mensal permita.»

LEOLINA MARIA CLARA

«O governo dum casa, é o grande «jogo» permanente das senhoras casadas. Todavia, nem todas o jogam com técnica segura...»

Em muitos casos, uma senhora sem filhos, a qual tenha como ordenado do marido mil escudos mensais, consegue, pelo seu método sensato, melhor equilíbrio que outras mais abastadas e cujos lares... são um «dos» de péssima orientação!

Eu creio que o segredo da boa dona de casa reside na forma de não gastar dinheiro inutilmente, desprezando luxos e demais coisas desnecessárias, mas não prescindindo de outras indispensáveis a uma vida desafogada e alegre.»

LISBOETA REBELDE

«Acho bastante complicada a questão última dos inquéritos habituais. Complicada, porque tudo o que sei é apenas teoria, e porque a vida está actualmente muito instável. Contudo, esforçar-me-ei por responder a este inquérito absolutamente curioso: Se eu casar e viver em Lisboa, mesmo sem filhos não poderei estar sossegada com menos de 2.000\$00, porque não podemos esquecer o «papão» das casas em Lisboa. É um lóbo sempre à espera do capuchinho vermelho!... Se viver na província, tudo correrá bem com 1.200\$00 mensais.»

MARIANA

«Eis expresso em números o que penso ser mensalmente necessário para um casal de educação média, sem filhos, novos ainda, e vivendo em Lisboa:

Renda de casa.....	500\$00
Alimentação.....	800\$00
Gás, electricidade e água	140\$00
Criada.....	100\$00
Drogaria e diversos.....	100\$00
Vestuário do casal.....	500\$00
Dinheiro em caixa em	100\$00
caso de doença.....	50\$00
Esmolas.....	10\$00
Total.....	2.300\$00

Como vêem, esta será uma vida sem grandes ambições!...»

MARIA FILOMENA

6.º INQUÉRITO

OS FILHOS NO LAR!

- Quantos filhos deve ter um casal?
- É de opinião do filho único?
- Porquê?

As respostas a este inquérito devem ser enviadas num postal para «Página Feminina de «Vida Mundial Ilustrada», Rua da Emenda, 69, 2.º — Lisboa, até 30 de Maio.

ROMANCES DA HISTÓRIA

La Vallière e o seu pecado de amor!

20 de Maio de 1674. A multidão é enorme em volta do palácio. Em todos aqueles rostos há algo de ansiedade e tristeza. Em muitos daqueles olhos tremem lágrimas de saudade: a duquesa de La Vallière, a que fôra a doce e feliz «mademoiselle» de La Vallière — vai deixar a corte!... Todos a querem admirar ainda. Ela está quasi a sair. A carruagem espera-a, e os cavalos, impacientes, batem com as ferraduras no saibro da estrada.

Súbito, ouve-se um «ah!» gigantesco que parece ter sido dito por uma só boca. É a ex-favorita de Luís XIV que aparece. Está em traje de gala. Os seus cabelos loiros, parecem ainda mais loiros, naquele começo de tarde. A branura da sua pele, está ainda mais realçada pelo azul-céu do vestido que a cinge. Os seus olhos tão doces, estão ainda mais enternecidos pelo saudoso adeus a tudo o que ela amara com quanto força o seu coração podal!...

Lá longe, o convento espera-a. O convento das Carmelitas. Essa ordem tão pobre e tão singela, a única certamente que lhe agradara como melhor penitência para o seu grande pecado: o amor imenso, desmedido, ao rei, que fôra o seu senhor, soberano da sua vontade, do seu espírito, do seu corpo!

La Vallière sorri tristemente para a multidão que a acarinha. Está desiludida, mas resignada com a sua sorte. Fizera tudo o que humanamente se pode fazer para conservar esse homem que apesar de tudo não esquecera ainda.

Louise tem trinta anos apenas. Jovem, bela, muito bela, meiga e dócil, ela pensa, contudo, ter já vivido toda uma vida. Conhecera o entusiasmo do amor de Luís XIV. Conhecera o fausto da corte de Luís XIV. Conhecera a ventura suprema de ter dois filhos de Luís XIV. Que mais poderia desejar? O seu amado, olhava agora para outra. Outra que fingira ser sua amiga e lho roubara, roubando-lhe tudo!...

Que mais poderia esperar da vida? Os filhos? Esses estavam já bem entregues!... Restava-lhe, portanto, a exploração do que fizera sofrer à



ruína Maria Teresa. Restava-lhe a penitência do claustro para merecer o perdão doutro soberano que ela esquecera no seu delírio: Aquê que morrera por todos, pedindo tão pouco!...

A carruagem vai arrancar. Louise de La Vallière olha, uma vez mais, esse castelo de sonho, esse parque encantado, esse ninho que fôra tão agasalhado e onde agora, para ela, parece ter entrado a tempestade. Louise de La Vallière olha uma vez mais a multidão comprimida para a ver melhor. E acena lângidamente, dolorosamente, enquanto de seus olhos tristes correm duas lágrimas de saudade e de renúncia!...

Os cavalos trotam pela estrada arranjada de novo. O passado vai ficando para trás, perdendo-se no pó do caminho. E com êle a própria vida da duquesa de La Vallière. O claustro espera-a. É e quasi com a inocência dum virgem que Louise olha aquelas paredes enegrecidas e frias, aquêles rostos maclentes que a recebem sorrindo.

Horas depois, na cela estreita, a que fôra durante tantos anos a favorita idolatrada do turbulento e belo Luís XIV, reza baixinho a um Cristo colocado na parede:

— Perdai o meu pecado, que reconheço ser grande. Mas perdoai-o, Senhor, porque foi com sinceridade que amei!...

MARIALIA

3 VESTIDOS, 3 ARRANJOS



Reparem em cada um dos modelos reduzidos correspondentes aos modelos maiores. São idéias para transformar vestidos que iríamos pôr de lado, em «stillettes» de uso prático, se não muito belas, pelos menos, razoáveis!

CONSELHOS PRATICOS

A maneira mais rápida e prática para se lavar os véus dos chapéus, quer sejam pretos ou de côr, consiste em mergulhá-los em alcool dentro dum vidro de boca larga e sacudi-los energicamente para que fiquem limpos, esticando-os em seguida sobre um pano.

* * *

Depois de uma boa caminhada, nada melhor para aliviar os pés do que mergulhá-los em água fria, à qual se adiciona um pouco de alcool.

* * *

Quando as pontas dos tapetes tendem a virar-se, molha-se a parte contrária e imediatamente elas tomam a posição adequada.

* * *

As roupas de algodão descordadas pelo uso podem ficar inteiramente



Correspondência

ALBERTINA — A sua carta é muito curiosa, contudo... não pode ser publicada por ser extensíssima!

JULINHA e MARIA HELENA — Como as vossas cartas chegaram já ao fechar da página, só poderão ser publicadas na série B.

LISBOETA REBELDE — Muito obrigada pelos votos de felicidades para a minha Anisabel e pela sua perseverança nas respostas ao nosso inquérito.

M.

brancas, dando-se-lhes uma fervura de alguns minutos com cremor tártaro.

* * *

Ao usar-se a tintura de lodo deve ter-se um certo cuidado, pois quando ela está velha fica muito concentrada e pode provocar até queimaduras.



A maior cantora da América é filha de italianos

O primeiro telefonema que Vivian Della Chiesa, recebeu na manhã do Ano Novo, de 1944, foi de Arturo Toscanini, que, desta forma, realizava a tradição italiana que diz trazer sorte a primeira chamada telefônica do ano, sorte que ele lhe desejava para 1944.

Della Chiesa é uma das maiores sopranos líricas da América e já por duas vezes foi solista nos concertos.

— «Não tenho palavras que possam dizer quanto avalio a sua amizade» — disse Della Chiesa, indicando a fotografia de Toscanini sobre o piano, na sua sala — que dá para o Central Park no coração da cidade de Nova York. — «Ele veio aqui ver-me e tornámo-nos amigos».

— «Se não fosse cantora teria entrado para as forças auxiliares do exército ou da marinha», — disse, com aquêle seu sorriso muito bonito.

Della Chiesa tem apenas 28 anos, mas já conquistou enorme fama como cantora. Encontra-se, actualmente viajando pelos Estados Unidos a convite de 60 cidades. Cantará para as forças armadas durante esta temporada.

Alta e loira, olhos azues, maneiras simples, Della Chiesa seria tomada em qualquer parte por uma típica americana. Porém, os seus pais, que agora vivem com ela em Nova York, são italianos. A mãe, Dullia Morelli, era filha dum maestro que vivia em Milão; é uma excelente pianista e bastante tem encorajado Vivian no seu trabalho.

— «Poderia ter tocado assim que comecei a andar e a falar» — disse rindo — «Iniciei as minhas lições de piano aos três anos. Aos sete, comecei a aprender violino e canto».

Aos 14 anos, Della Chiesa apresentou-se ao público pela primeira vez no Clube Musical de campo. Mais tarde, obteve uma bolsa de estudo que a habilitou a estudar com Marion Claire da Companhia de Ópera de Chicago. De 1934 a 1939 foi discípula do grande tenor Forrest Lamont. Em 1933, entrou num concurso de rádio, que se destinava a descobrir uma cantora ainda desconhecida. Foi uma das 3.700 concorrentes e ficou surpreendida quando soube que havia sido escolhida. Após a sua segunda emissão encontrou alguém que financeiramente passou a responsabilizar-se pelos seus programas. Desde então passou a ser constantemente incluída nos programas de óperas, concertos e rádioteatros.

Trabalhou durante 3 anos na Companhia de Ópera de Chicago tendo feito a sua estreia em 1936 na «Boémia».

Della Chiesa anseia por cantar no Scala de Milão, pátria dos seus pais, quando a paz voltar a reinar na Itália.

— «Toda a cantora nova precisa da experiência que lhe proporciona uma «tournee» — disse — O efeito é estimulante. É bom encerrar o público e ouvir os seus comentários. A minha ambição é cantar bem e desenvolver o meu sentimento artístico. E, para o conseguir, é necessário ter uma experiência variada no mundo musical».

Della Chiesa é de temperamento afável e muito alegre. Frequenta pouco o teatro e o cinema, mas pratica desportos com regularidade e entusiasmo.

Tal é a biografia de uma das maiores cantoras americanas — a Della Chiesa, de sangue italiano.

À ESCUTA

IMITAR BEM, PELO MENOS...

Há uns certos artistas (?) portugueses que preferiram arranjar um padrão estrangeiro e seguir-lo completamente à risca.

Temos ouvido, por exemplo, o senhor Luís de Freitas, um conec-tista da Emissora que pretende talvez ser o «Charles Trenet português»... Mas enquanto o verdadeiro Charles Trenet é prodigioso, rico de vivacidade, pleno de dinamismo... o senhor Luís de Freitas parece que canta por favor. E depois imita tão mal, tão mal, o seu ídolo. Sim, que nestas coisas, pelo menos deve-se saber imitar...

DOIS CONSELHOS À MESMA PESSOA

Magda Portugal cantou. E não cantou bem. Faltou-lhe expressão, personalidade.

Magda Portugal interpretou no «Domingo Sonoro» um diálogo com o Olavo. E portou-se muito bem. Mesmo muito bem.

Portanto, daqui oferecemos dois conselhos à bonita Magda Portugal. Nunca será uma boa cançonetista. Segundo: Dedique-se ao Teatro Radio-

fónico. Tem magníficas qualidades para triunfar nessa modalidade!

De QUEM É A CULPA?

Ainda a respeito do mesmo assunto, perguntaram-nos há dias a quem cabe a responsabilidade de certas «anormalidades» que a Emissora apresenta nas suas horas de Variedades e nos seus Serões. Limitamo-nos a endereçar a pergunta à própria Emissora — sem comentários alguns...

E PENÁ...

— Ouvimos e gostámos da «Quinzena Sonora n.º 10», que a rádio Graça transmitiu no passado domingo. Pena é que o locutor não seja tão bom como o programa...

SAO SEMPRE OS MESMOS...

Bom Deus! Quando renovado os nossos postos os seus estafados, velhos e reijos discos? Não será abusivo ouvirmos, hoje ainda, músicas sem qualquer ponta de interesse — e que nem interessaram há anos atrás, quando foram compostas e registradas?



O que pensam do nosso concurso os seis vencedores

LUÍS PIÇARRA

GANHOES e maltezes dançavam. No ar, sublim e estalavam foguetes. As moças pulavam as fogueiras, à espera da meia-noite para chamuscar as alcachofras. Era a véspera de S. João, desse ano de 1917. E Luís Piçarra nasceu. Aos nove anos, trocou Moura por Lisboa. Estudou violino e piano e fazia o curso dos liceus ainda não tinha 16 anos. Saltitou de uma facilidade para outra, mas em nenhuma delas encontrava o seu meio. Experimentou a Escola de Belas-Artes, experimentou o jornalismo, fazia versos e... gostava de cantar.

Um dia, o maestro italiano Padovani, que o ouvira, aconselhava-o a aprender canto. E Luís Piçarra estudou. Hermínia Alagrim foi a sua professora. E estava descoberta a verdadeira vocação daquele jovem que andara a pulular de Escola em Escola em busca de um caminho.

Em 1937, estreava-se oficialmente com uma selecção do Rigoletto e do Barbeiro de Sevilha, num concerto dirigido pelo maestro Pedro Blanch. Depois, partiu para o estrangeiro, onde cantou nas principais emissoras da Europa. A sua voz correu e corre o mundo em discos gravados na França.

De regresso a Portugal, Luís Piçarra é contratado, durante dois anos, e em exclusivo, pela E. N., canta em todos os micro nacionais e actua em vários filmes.

Há três anos que trabalha no teatro e, sempre que os espectáculos permitem, dá breves saltadas à Emissora, onde a sua voz bem quente, bem melodiosa, arrebatada e delicada todos os que o escutam.

Luís Piçarra foi distinguido com o primeiro prémio do nosso concurso. A partir da segunda etapa, o seu nome não mais largou a cabeça da classificação. De toda a parte vieram votos para ele. Luís Piçarra ganhou. Luís Piçarra ganhou bem. Indiscutivelmente, ele é a primeira voz masculina da nossa rádio e do nosso teatro.

— Estou satisfeíssimo! — exclama, a uma pergunta do repórter. — Que melhor poderia desejar? Mas confesso que não esperava uma reacção tão grande da parte dos meus admiradores.

Luís Piçarra estava no camarim, a preparar-se para entrar em cena. A entrevista teria de ser breve.

— Como achou o nosso concurso? — Uma iniciativa muito interessante, organizada com inteligência e com aquêle dinamismo próprio de uma publicação moderna como é a «Vida Mundial Ilustrada».

Figurantes passam pelo corredor, a caminho de cena. O intervalo está a findar.

— Se não tivesse ganho, quem gostaria que ganhasse?

— Ele fica um nadinha a pensar. — Talvez Maria Gabriela... Talvez Maria da Graça... talvez Maria Sidónio... que sei eu?...

Sou amigo de todos e gostaria que todos tivessem ganho.

Metete a espada na bainha, ajeita o boné. O ponto batia as três pancadas. O repórter fez-lhe a última pergunta:

— Projectos?

— Ele sorri.

— Tantos e tão vastos! Mas estou preparando uma longa e esplendida tournée por esse mundo fora.



MARIA DA GRAÇA

SUPÕEM muitos admiradores da simpática vedeta que ela é filha de terra brasileira. Outros pensam que viu a luz do sol em qualquer bairro de Lisboa. E outros ainda...

Pois bem, nós vamos dizer a todos a grande verdade: Maria da Graça nasceu lá longe, em Lourenço Marques, sob o inclemente sol africano e nessa África distante e misteriosa.

Contudo veio muito cedo para Lisboa. Aos dezasseis meses, os seus olhinhos de menina fixavam-se curiosos nas águas mansas do Tejo e no casario colorido da capital.

Nem vale a pena perguntar a Maria da Graça quando começou ela a cantar. Conforme nos disse, uma vez, sorrindo com o seu sorriso bonito e gaíto: «Possivelmente os primeiros vagidos já traziam o ritmo do samba».

Em Lisboa, Maria da Graça seguiu a vida normal duma menina bem educada. Mas aos quatro anos já ela deslumbrava quantos a ouviam, com o metal cristalino da sua voz fresca e doce.

A menina cresceu, desenvolveu-se, tornou-se uma rapariga atraente. A sua voz ganhou volume, foi-se aperfeiçoando. Em casa, a Maria da Graça era uma pequena rainha (era e continua a ser...) E, finalmente, no dia 22 de Dezembro de 1939 — um dia que ela não mais esquecerá — Maria da Graça estreou-se na Emissora Nacional, cantando — salvo engano nosso... — o samba «António Maria», com música de Nuno da Cunha Gonçalves.

E assim começou verdadeiramente a carreira triunfal da popular artista. Hoje, Maria da Graça é uma das



(Luís Piçarra, Maria da Graça e Maria Sidónio, os três primeiros classificados do concurso, vistos pelo caricaturista Pacheco)

maiores atracções da rádio portuguesa e festa onde ela não esteja não é completamente uma grande festa.

Simples, despretençiosa, despida de vaidades e de exibicionismos, simpatíssima — Maria da Graça alla à sua finura de espírito um talento excepcional de cantora de rádio. O público reconhece-lhe abertamente os seus méritos, sem dúvida alguma. Isso ficou comprovado com o arranque final dos seus admiradores que lhe deram o primeiro lugar feminino no nosso Sensacional Concurso.

O número preferido por Maria da Graça, entre todos os que tem cantado, é esse delicioso «Eu gosto do samba», que ela interpreta melhor do que ninguém. E a sua colega mais querida — a vedeta mais popular da rádio portuguesa, na opinião de Maria da Graça — é, incontestavelmente, Maria Gabriela.

Eis aí duas curiosas revelações que devem interessar os nossos leitores...

MARIA SIDÓNIO

PREGUNTAR a uma senhora a idade que tem é tarefa arriscada e feia, tão feia que vem inscrita no «parece-mal» de todos os tratados de etiqueta e civilidade das baronezas de todo o mundo. Mas quando a senhora ainda é menina, isto é, quando não passou além dos vinte e três, a pergunta é permitida porque ela responde sempre com prazer: — Tenho 22 anos!

Foi assim que começou a nossa busca de elementos para esta pequena biografia. Maria Sidónio tem, portanto, 22 anos, nasceu em Lisboa, nesse bairro bonito e pitoresco que se chama Campolide. E parece que já nasceu com a paixão pelo canto porque, garôta ainda, de lacinhos e trancinhas, levava o dia a cantar com grande prazer dos vizinhos. A sua voz era bonita, melga e nostálgica — e as pessoas ficavam paradas a ouvir. «Esta garôta ainda há-de ser alguém»...

E foi mesmo. A Rádio-Peninsular transmitiu, pela primeira vez, a sua voz. O público gostou, aplaudiu, choveram cartas — e ela continuou.

Durante três anos não fez outra coisa, atirando para o ar as suas modinhas brasileiras. Depois, saltou para a Emissora, para a Hora de Variedades.

Um dia, apenas de passagem, experimentou o teatro, como atracção, numa revista em cena no Maria Vitória. No Ginásio, nas festas do Carnaval, cantou pela primeira vez o «Lero-lero» e a «Mulher do Padeiros», que, depois, toda a Lisboa havia de cantar até cansar...

— Que lhe pareceu o nosso concurso? — É a primeira pergunta que lhe fazemos.

— Uma iniciativa interessante! — responde ela.

— E a sua classificação, que tal acha?

— Ela tem um encolher de ombros, não se sabe se de resignação se de aborrecimento. Talvez as duas coisas...

Depois, porém, exclama: — Foi o público que a decidiu. Estou sempre de acordo com o público...

— Quem gostaria que tivesse ganhado?

— A resposta não tardou: — A Maria Gabriela.

E estava terminada esta entrevista-relâmpago com a «Mulher do Padeiros». A Maria Sidónio, boa camarada, sempre sorridente, não se importa que a tratemos assim. E ainda bem...

MARIA GABRIELA

HÁ alguns anos — não interessa quantos... — nasceu em Luanda, no selo dessa Angola ainda ignorada, ingratamente por muitos portugueses — uma engraçada menina, de rostozinho páldio e de olhinhos espitavados.

Essa menina passou os seus primeiros...

(Continua na pág. 24)

O NOSSO SENSACIONAL CONCURSO!

Considerações gerais

SINCERAMENTE, estamos satisfeitos. O nosso concurso em procura do artista mais popular da rádio portuguesa, revestiu-se dum êxito indiscutível e dum interesse exponencial e entusiasmado. Receberam-se ao todo para cima de vinte mil votos. Isso diz tudo! Repetimos, mais uma vez: é possível que nem todos fiquem satisfeitos com a classificação geral. Mas ela não significa, de modo algum, a cotação do valor dos artistas premiados e, sim, a sua popularidade. Ora, a popularidade só pode ser reconhecida pelo número de admiradores e pela sua fidelidade ao longo das jornadas do concurso. Foi o que sucedeu!

As condições eram iguais para todos — as possibilidades, as mesmas. E assim, o concurso de «Vida Mundial Ilustrada» agitou, durante semanas, o meio radiofónico português.

Sentimo-nos pois satisfeitos. Não só o nosso Concurso resultou uma bela campanha para a rádio nacional como também veio demonstrar que o público não esquece facilmente os seus ídolos.

Os que venceram — venceram bem! Os que não venceram — não deixam, por isso, de ser menos queridos dos radiouvintes portugueses. Foram apenas, menos, votados...

Comentário à classificação final

Analisemos agora, em breves traços, a posição dos artistas na classificação final e os comentários requeridos por essa mesma posição.

Luís Piçarra foi, de facto, o grande vencedor do nosso Concurso, com uma considerável diferença de votos. Pode pois orgulhar-se de ser hoje o artista mais popular da rádio portuguesa — ainda que actualmente êle se dedique mais ao teatro do que à rádio.

Antes da primeira metade do Concurso, já a posição de Luís Piçarra vinha sendo briosamente defendida pelos seus admiradores. Não deturam que êle baixasse de posto e, na última etapa, deram-lhe, de longe, a certeza da vitória. Muito bem! Luís Piçarra deve sentir-se orgulhoso da sua popularidade e dos seus admiradores.

Maria da Graça, foi a primeira figura feminina classificada no Concurso. Ocupando o 2.º lugar da tabela final, ela demonstra na verdade que é a mais popular de todas as artistas da nossa rádio.

Maria Sidónio manteve toda a cerrada com ela, durante todo o Concurso — mas na última etapa os admiradores de Maria da Graça fizeram a grande surpresa: elevá-la do terceiro ao segundo posto. Guardaram-se para o fim, os inúmeros simpatizantes da querida vedeta. Mas na altura necessária não pouparam esforços nem se mostraram ingratos. Ajudaram-na a vencer!

E assim Maria Sidónio que chegara a ocupar o primeiro posto e que mostrava imensas possibilidades de conservar o segundo lugar, pelo menos — viu-se relegada, na etapa final, para terceira classificada. Contudo, pode envidar-se: foi uma grande adversária e só se deixou vencer por uma diferença mínima.

Maria Gabriela, a quarta classificada, devia e podia ocupar uma posição ainda mais condigna com a popularidade que disputa — se os seus admiradores não a tivessem olvidado, de princípio. Sim, só nas etapas finais é que Maria Gabriela começou a ganhar boas votações. Mas, então, já era tarde — porque os outros estavam distanciados. Contudo, ela figura entre os primeiros e isso satisfaz-nos, porque Maria Gabriela é incontestavelmente uma das primeiras e das mais populares figuras da rádio nacional.

Curado Ribeiro que durante todo o Concurso travou acesa luta com Graciete de Melo, conseguiu ultrapassar, na última etapa, ficando-se em quinto lugar da classificação geral. Curado Ribeiro mereceu esta prova de simpatia dos seus admiradores: a sua popularidade, como artista de rádio e de cinema, está subindo, de dia para dia...

No sexto posto da tabela final, temos Graciete de Melo, uma das grandes revelações deste Concurso. Bem situada desde a primeira etapa, Graciete de Melo não mais arredou pé — a despeito do esforço dos simpatizantes de alguns outros artistas. Mas Graciete pôde contar com a sua fiel falange de apoio. E agora ela deve estar bastante satisfeita com a magnífica posição alcançada, prémio dos admiradores pelo seu talento e pela sua perseverança.

A seguir, na classificação geral, vêm outras duas revelações deste Concurso: Maria Hortense e Fernando de Oliveira, colocados respectivamente em 7.º e 8.º lugares. É de realçar a posição de ambos, pois Maria Hortense, iniciou há bem pouco a sua prometedora carreira, na Emissora Nacional, e Fernando de Oliveira teve ocasião de ver o seu prestígio realçado duma maneira considerável.

... seguem-se os outros classificados, pela ordem que demos no nosso último número. De cada um, haveria qualquer coisa a dizer: uns porque foram abandonados ingratamente pelos simpatizantes, outros porque decifram, de etapa para etapa, outros ainda porque conseguiram ocupar posições dignas de registro...

O espaço, porém, é pouco e muitas coisas há para revelar sobre o sorteio dos valiosos prémios e a grande festa de consagração aos artistas mais populares da rádio portuguesa. A todos, pois, e, especialmente a Luís Piçarra, Maria da Graça, Maria Sidónio, Maria Gabriela, Fernando Curado Ribeiro e Graciete de Melo — os nossos sinceros parabéns!

O AMADOR DE MÚSICA não dispensa:



Uma colecção de discos das obras que mais lhe agradam. Um Discofone automático que lhe permita ouvir a música que quiser, quando quiser.

O novo discofone com mudança automática de 8 discos grandes e pequenos

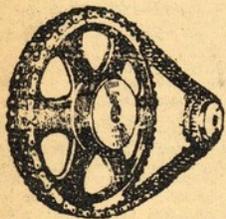
permite a audição ininterrupta dum programa organizado a nosso gosto.

45 minutos de música sem qualquer interrupção

Visite-nos e gostosamente faremos a demonstração

Est. Valentim de Carvalho

R. NOVA DO ALMADA, 97



CORRENTES RENOLD

A TRANSMISSÃO MAIS PRÁTICA, ECONOMIA DE ESPAÇO, ECONOMIA DE FÓRÇA

TRANSMISSÃO POSITIVA COM CÉRCA DE 99% DE EFICIÊNCIA

FUNCIONAMENTO SUAVE — LONGA DURAÇÃO

HARKER, SUMNER & C.^a, Lda.

14, Largo do Corpo Santo, 18 LISBOA 152, R. José Falcão, 156 PORTO

FABRICA DE LOIÇA DE SACAVEM

A maior Fábrica de Cerâmica fina da Península

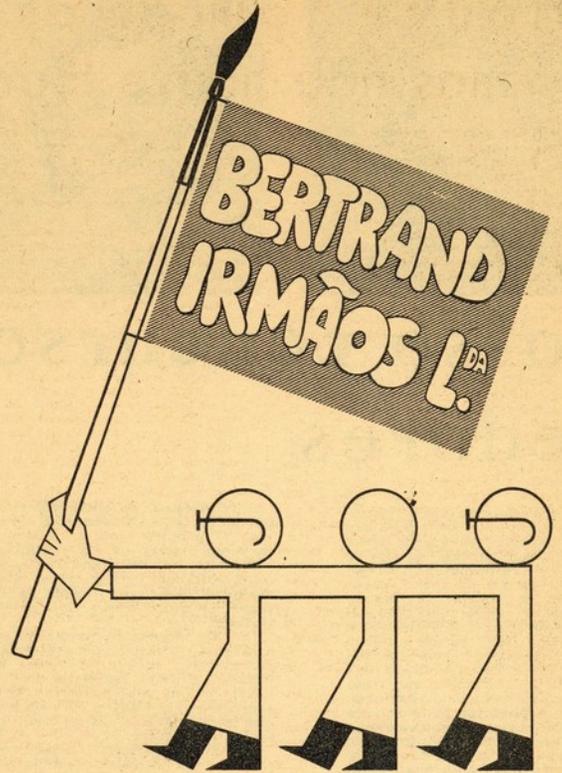
FUNDADA EM 1850

Loiça de uso doméstico — Loiça de fantasia — Loiça sanitária: Retretes, bidés, lavatórios, etc. (branca, creme, azul, verde, preta, etc.) — Azulejos: brancos, de cor e pintados — Mosaico Cerâmico: grande variedade de padrões — O pavimento sem rival para cozinhas, quartos de banho, — terraços, hospitais, estabelecimentos de venda, etc. —

ARTIGOS DE 1.^a QUALIDADE

Séde e Vendas: Avenida da Liberdade, 49-59

LISBOA



Os maiores ateliers gráficos do país

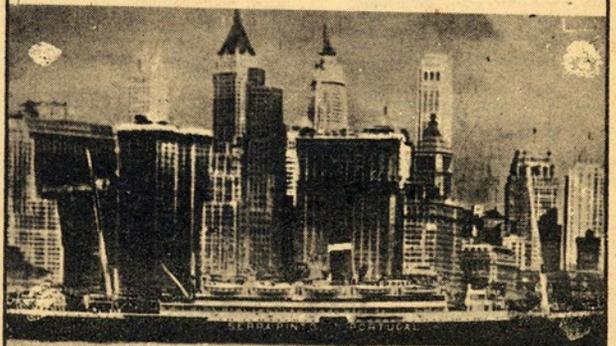
TELEF. P. B. X. | 2 1368
2 1227

TRAV. DA CONDESSA DO RIO, 27
LISBOA

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

Serviço de carga e passageiros

LINHA RÁPIDA DA COSTA ORIENTAL — Saídas mensais regulares, com escala por: Funchal, S. Tomé, Sazaire, Luanda, Pôrto Amboim, Lobito, Mossâmedes, Lourenço Marques, Beira e Moçambique e para os demais portos da Costa Ocidental e Oriental.



O paquete «Serpa Pinto»

LINHA RÁPIDA DA COSTA OCIDENTAL — Saídas mensais regulares, com escala por: Príncipe, S. Tomé, Ambriz, Luanda, Pôrto Amboim, Novo Redondo, Lobito e Benguela e demais portos da Costa Ocidental.

LINHA DA GUINE
LINHA DO BRASIL
LINHA DA AMÉRICA

ESCRITÓRIOS

LISBOA

Rua Instituto Virgílio Machado, 14
(à R. da Alfândega) — Tel. 2 0051

PÓRTO

Rua do Infante D. Henrique, 9
Telefone 2 342

Houve toureiros mas não houve toiros

SE a corrida enviada ao Campo Pequeno pelos «ganaderos» Andrade & Irmão, de Almeirim, possusse melhores condições de lide teria resultado brilhantíssima a tarde de 21, tal a vontade que os toureiros imprimiram a tudo quanto fizeram.

Cartaz de interesse que continha dois excelentes «mano-a-mano» entre «espadas» e cavaleiros, foi tão equilibradamente elaborado que mesmo com a má qualidade dos pontudos, a corrida decorreu por forma a ninguém se aborrecer e, pelo contrário, ganhou em certos momentos verdadeira emoção.

Simão da Veiga, que teve de haver-se com dois inimigos de más qualidades e intenções, esteve à altura da sua excepcional categoria, sobretudo ao tourear o primeiro numa lide certa e inteligente, com preparações magistrais, de que resultaram três magníficos ferros compridos e um colossal «curto», o que lhe deu jus a recolher calorosos aplausos com saída aos «médios». No quinto, que ainda apresentava mais dificuldades, voltou a estar muito bem, variando a lide e terminando com um soberbo e emocionante «curto» que lhe valeu nova ovação. Simão deu-nos, assim, a demonstração absoluta de estar na plena posse de todas aquelas faculdades que o colocaram por mérito próprio «non sanz» incontestável do toureiro eqüestre.

João Nuncio, a quem coube em primeiro lugar o único touro verdadeiramente bom da corrida, obteve um ruidoso êxito toureando-o com aquela beleza e calma que sabe imprimir a tudo o que faz. Dois dos ferros que travou foram primorosos, assim como o «curto» final. Ovacionado com calor, teve que sair aos «médios» a saltar. No sexto, que apresentava dificuldades, Nuncio não chegou a confiar-se, pelo que o seu trabalho resultou desluzido, com ferragem colocada em mau sítio e forte toque de montada no «curto» com que rematou.

Paquito Casado acompanhou todos os lidadores na vontade de agradar, e, se nem sempre o conseguiu, a culpa foi dos inimigos que teve, que

lhe não permitiram que se confiasse como é necessário para que um toureiro se mostre. Teve, no entanto, alguns lances de capote verdadeiramente bons (excelentes «verónicas», «chicuelinas», «gaoneras» e um magistral «faro de rodillas»), e com a «muleta», embora um pouco despregado e movido, mostrou aquela boa vontade que tornou justas as muitas palmas que escudou. Bandarilhando, tentou fazê-lo ao «quebro» mas, aparatosamente colhido, acabou por desistir.

Gregório García, a quem os detractores só conseguem ampliar as ovações por espervitarem com a sua discordância ou entusiasmo dos partidários, pode dizer-se que teve a tarde que se esperava como prova real das suas possibilidades actuais. Com os toiros que lhe tocaram em sorte parece-nos que não é demasiado afirmar que poucos se saíram mais airoso. No quarto da tarde, fez com o capote dois «quites» preciosos — um por excelentes «verónicas» carregando a sorte e rematado com «meias» estatúrias; outro por formidáveis «gaoneras» — ambos premiados com grandes ovações. Já no terceiro tinha feito meia dúzia de «chicuelinas» arripiantes. Bandarilhou o seu primeiro com curtas e a «quebro», como convinha, pois que o touro não o se fixava, e um dos passes resultou óptimo pela vista e colocação. No oitavo teve também um par verdadeiramente colossal. Com a «muleta», a sua primeira «faena», sem nunca perder a cara, foi tão boa quanto lhe permitiu um touro que chegara difícil ao último «tercio». Toureando mais pela esquerda, talvez se compusesse, mas, mesmo assim, e em conjunto, mostrou-se mais inteirado que de outras vezes. No último, touro incerto, teve um final de «faena» que empolgou a assistência pela valentia e elegância com que tirou uns «muletazos». O público aplaudiu-o com um delírio demonstrativo de que Gregório continua sendo o seu ídolo e o motivo de enchesmes como a que se verificou. Reunidos os nossos melhores bandarilheiros, todos êles se mostraram: Saravia, com um grande par no sé-

(Continua na pág. 24)

Augusto Gomes vai tourear a Madrid!

O que nos disse o valente novilheiro português



Lembramos, então, a Augusto Gomes que chegou a supôr-se que desistiria dos seus propósitos de toureiro, mas afim tem um protesto:

— Seria um disparate e uma fraqueza, desistir quando tudo me indicava estar no bom caminho.

Concordamos e inquiremos de novo:

— Diga-nos, Augusto, como resolveu a fazer-se toureiro?

Gomes sorri. Há no seu olhar como que uma carícia para um passado ainda próximo; nos seus lábios, um silêncio que é um remexer de recordações:

— Não posso dizer que isto nasceu comigo porque tinha dezano, anos quando pela primeira vez me vi diante duma vaca brava. Mas foi tanta a facilidade que encontrei em tudo o que fiz, tanta a alegria que senti, que chego a convencer-me de que sem eu mesmo saber, estava dentro de mim uma alma de toureiro. Eu lhe conto: — Era empregado duma firma onde tinham interesses os Irmãos Oliveiras que, um dia, me convidaram a visitar as suas propriedades. Foi então que pela primeira vez toureei. Digo-lhe que venci, que já não podia deixar de tourear muitas vezes! E fui aprendendo, não desperdiçando uma única oportunidade. Quatro anos depois, tomava a alternativa de bandarilheiro, mas bem depressa vi que essa situação de forma alguma podia satisfazer os meus desejos. Então, vendo que por cá não me era possível realizar o sonho que jamais me abandonara, resolvi-me a tudo tentar, embora me tornasse profissional de uma arte para só ter prejuízo material. Espanha atraía-me com o seu toureiro nos três «tercios» — o único que podia dar corpo às minhas ambições...

— E essas ambições eram...

— Eram e são bem pequenas. Como português e aficionado, desejo apenas dar a Portugal um matador de toiros com «alternativa»!

— Que será o primeiro?

— Sim, porque outros que se exibiram em praças espanholas fizeram-no episodicamente e sem uma resolução formada.

— Pois que seja muito feliz, Augusto!

E com um voto, sinceríssimo, davamos por terminada a nossa palestra com o único novilheiro português que, ninguém duvidará, irá vencer em Espanha sem esforço de maior. Basta olhar para êle, quando vestido de «lucers», para se sentir que está nele um toureiro!

— E depois...

— Barcelona e, possivelmente, outras localidades. Depende do meu comportamento...

— Que tenha mais sorte que há dois anos...

— Sim e não... Se é certo que com a colhida que me infligiu um touro de Aleas em Tafalla, perdi várias corridas em Logroño, Avilez, Aspetia e outras localidades, a verdade é que não posso esquecer como fui acolhido em Pamplona onde me apresentei toureando novilhos de Clairac com Albalcín e Boni — dois nomes consagrados — chegando a ter petição de orelha. Sobre-

tudo, o facto de me ter estreado, toureando com picadores — caso raríssimo — dá à minha primeira ida a Espanha um relêvo tão decisivo para o futuro da minha carreira que a colhida tem que forçosamente ocupar um lugar secundário.

— E como foi colhido?

— Quando bandarilhava o meu segundo novilho. Tinham-me anunciado como bom bandarilheiro e o público, como gostou dos meus anteriores pares, pediu mais um. Foi então que se deu o percalço...

— O desastre — corrigimos.

— Não! A colhida é apenas um acidente natural num toureiro e que só deve servir para o fortalecer... De resto, resultaria de modo menos grave, se tenho sido tratado convenientemente logo depois do ferimento.

CAPOTAZOS

CAPOTAZOS



Quando na semana passada aqui fizemos referência à publicação de obras referentes a assuntos tauromáquicos, desconhecíamos que outros livros mais viessem a aparecer para enriquecer a estante dos aficionados. Foi, portanto, com a mais agradável surpresa que vimos surgir «ABC da Tauromaquia» e «Soubemos da existência de «A Arena» — dois volumes que têm a recomendá-los o prestígio dos nomes que os assinam e que são respectivamente, Rogério Garcia Perez «El terrible Perez» e José Picão Telo.

Não nos foi ainda possível ler com atenção qualquer destas obras, mas logo que o fizermos lhe dedicaremos as referências a que, certamente, têm jus.

O CÚMULO DA CALMA



Manuel Nieto «Gorete» foi um toureiro de tão extraordinária calma, que essa circunstância lhe deu notoriedade.

Uma vez que foi fazer a temporada de inverno pelas Américas, deixou todos os seus haveres à guarda do ganadero Filipe Pablo

Romero, a quem ia enviando também as quantias que por lá ganhava. Quando regressou a Espanha, e para o assustar, os seus amigos, mal desembarcou, disseram-lhe com expressão afiada:

— «Sabes, Mánolo, que D. Filipe

«se ha quebrado»?

E «Gorete», impassível:

— Pues me alegro. Se ha quebrado, le habrán tocado una gran ovación!»

UM PARADOXO

Informa-nos o empresário duma praça do norte que vários ganaderos espanhóis oferecem toiros para as nossas praças, em melhores condições económicas que os seus colegas portugueses. A oferta é acompanhada de fotografias das rezas a fornecer, que parecem de excelente tipo.

Garantem-nos também que o ex-matador de toiros Nicanor Villalta veio a Portugal para adquirir uma corrida de Infante da Câmara e, possivelmente outras.

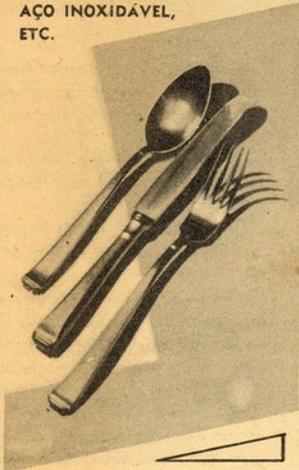
Não se compreende como isto possa acontecer e, para dar verosimilhança ao facto terá de admitir-se que os toiros oferecidos de Espanha não possuem condições de lide — hipótese, aliás, incompreensível, se repararmos que entre os ofertantes figura Clairac, cujos toiros, ainda há poucos anos, gozavam de razoável reputação.



PÁGINA DAS UTILIDADES

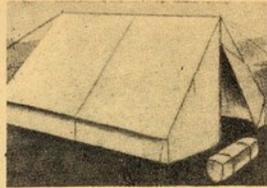
COMPLETO SORTIDO DE

FAQUEIROS PARA MESA
PRATEADOS
ALPACA POLIDA
ALPACA CROMADA
AÇO INOXIDÁVEL,
ETC.



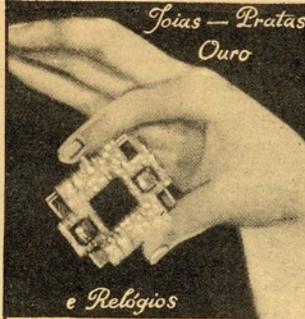
HORACIO ALVES, L.^{DA}
43, RUA AUGUSTA, 51
LISBOA TELEF. 26247

O CAMPISMO É SAÚDE E ALEGRIA



TENDAS E TUDO PARA
CAMPISMO

VIEIRA CAMPOS
(ANTIGA CASA FIGUEIRA)
215—RUA DA PRATA—217
TELEFONE 27606



*Jóias — Pratas
Ouro*

e Relógios

Joalharia Morgais
RUA NOVA DO ALMADA, 98
Telefone 27682



O SABOR AGRADABILÍSSIMO
DO CREME DENTAL "NOSEL",
NÃO É UMA PASTA VULGAR

*Todas as vantagens
de qualidade e preço*



Foto Central

Cópias e ampliações perfeitas
Record de rapidez (em 5 horas)

MATERIAL FOTOGRÁFICO IMPECÁVEL
RUA DA PALMA, 37 — LISBOA
TELEFONE 23716

FOGÕES ELECTRICOS
THERMA



APARELHAGEM ELECTRICA
CASEIRA, COMO: FERROS DE
ENGOMAR * FOGAREIROS
TORRADEIRAS * FERVEDORES

CASA CAPUCHO
121, Rua de S. Paulo, 125
LISBOA
139, R. Mousinho da Silveira, 143
PORTO

O essencial
para uma boa habitação



UMA INSTALAÇÃO
da casa **MÁRMORES DE SOUSA BATISTA, L.^{DA}**

PRAÇA DO MUNICIPIO, 30 — LISBOA — TELEFONE 27643

Preferiam

SHEAFFER'S

*A caneta
de tinta
permanente
n.º 1*



Use

Skrip

O SUCESSOR DA TINTA



Tudo para um belo lar
no **LARBELO**

195, RUA DA PRATA, 197 — LISBOA

Antes de fazer as suas compras consulte esta página

Assim nasceu um amor... ou o encontro do jovem romancista Disraeli com Nory Anne, que havia de ser a inspiradora da sua carreira política.

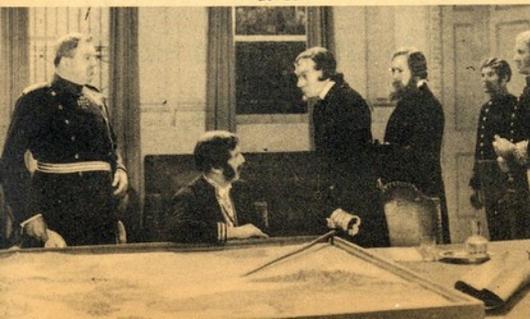


Baile na corte na época victoriana, uma das mais brilhantes da história da Inglaterra. Disraeli debutava na carreira de homem público, em que viria a tornar-se tão notável.



A Rainha Vitória outorgou o título de Lord Beaconsfield a Disraeli, pelos relevantes serviços por ele prestados à sua Pátria.

Disraeli — já Lord Beaconsfield — com Bismarck, o Chanceler de Ferro, no famoso Congresso de Berlim de 1878.



O GRANDE MINISTRO (DISRAELI)

Os filmes biográficos tiveram sempre o favor do público. A vida dos grandes homens foi sempre objecto da curiosidade e da admiração do comum dos mortais, tal é o poder de fascinação dos grandes e nobres exemplos.

E, assim, as grandes figuras têm sido tratadas com êxito pelo cinema, moderno meio de expressão, desde Napoleão até Zola, passando por essa admirável «VIDA DE PASTEUR», de que o nosso público ainda se não esqueceu. Justamente a casa que produziu esse filme famoso, a Warner Brothers, — aliás especialista do género — acaba de focar a vida de Disraeli, esse grande primeiro ministro que soube consolidar o Império Britânico e dar, ao reinado da rainha Vitória, um esplendor que fez época. Mais tarde agtaciado pela soberana com o título de Lord Beaconsfield, Disraeli foi um político hábil, um estadista consumado e um patriota extremo.

E, pois, esse vulto gigantesco da história de Inglaterra que vamos ver, esta semana, no filme «O GRANDE MINISTRO», que a Nova Organização dos Exclusivos Triunfo nos apresenta na tela do «EDEN», o cinema das super-produções.



A nobreza dava-se a descuidados «garden-parties» e a outros frívolos passatempos, enquanto as chancelarias tramavam a guerra que Disraeli conseguiu evitar...



Eloquente, irresistível, Disraeli sabia voltar a seu favor a Assembléa dos Comuns, nem sempre favorável ao grande político.

Quasi no fim da jornada — momentos de desalento que sua mulher carinhosamente dissipava...



SUISSE

Mondia

relógio

TITAN

SUISSE

DUAS MARCAS
QUE MARCAM CERTO

Companhia Nacional de Navegação

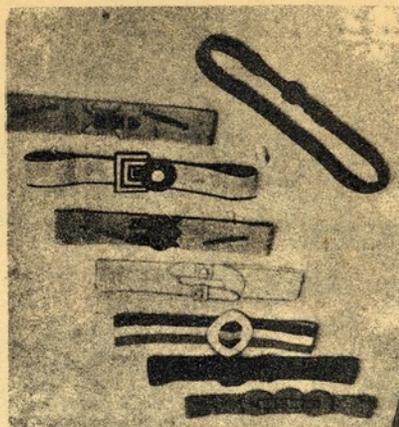
N/motor S. Thomé
Para Filadelfia

Saída em princípios
de Junho

Lisboa: Rua do Comercio, 79 e 85 — Telefones 23021 a 23026

Porto: Rua Infante D. Henrique, 73 — Telefone 1434

Modelos em Cintos



Pelaria **PAMPAS**

RUA DA CONCEIÇÃO, 65

A. P. T. — 21004

UM LIVRO EMPOLGANTE

FUGIU UMA ESPIA...

Por **CHARLES BERRY**

VERSÃO LIVRE DE
GENTIL MARQUES

1 VOLUME DA COLEÇÃO

«OS GRANDES ROMANCES
DA GUERRA»

HISTÓRIA AVENTUROSA
DE UMA ESPIA RUSSA:
DRAMATISMO, MISTÉRIO,
EMOÇÃO!



À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO PAÍS

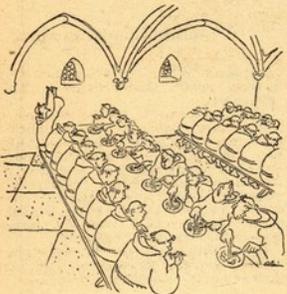
Pedidos directos: **VIDA MUNDIAL EDITORA, L.^{da}**

RUA DA EMENDA, 69, 2.º — LISBOA

PROGRESSO...



— Mas isto é um absurdo, este lançamento está errado! Não deves pôr o meu nome entre as «fontes de receita»!

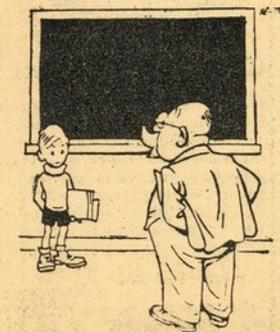


— Ah! Logo se vê que Frei Barilomen esteve em Roma!

LÓGICA INFANTIL



— Por que é que o teu pai manda telegramas escritos a lápis?
— Naturalmente, partiu o aparo...



O professor: — Já te expliquei o que é um espelho. Responde-me: Como vêes que o espelho está sujo ou limpo?
O aluno: — Com uma toalha, senhor professor...

Graças históricas

O ESPÍRITO DE LLOYD GEORGE

Certo diplomata disse ingenuamente a Lloyd George que ficara surpreendido quando o conheceu, pois nunca julgara que um tão grande homem fosse tão pequeno de estatura.

Lloyd George limitou-se a retorquir, muito calmo e muito irónico:

— Tudo depende da maneira como o senhor mede os homens. Não se devem medi-los do queixo para baixo e, sim, do queixo para cima...

A SINCERIDADE DO PRÍNCIPE DE CONDÉ

O príncipe de Condé foi a Bolonha e um deputado ambicioso aproveitou logo o momento para fazer um longo e fatigante discurso. Quando acabou de falar, voltou-se para o príncipe e perguntou-lhe o que devia anunciar ao povo, em seu nome.

O príncipe de Condé foi rudemente sincero:

— Pode anunciar que experimentamos ambos um grande desgosto: o senhor em terminar o seu discurso e eu em ouvi-lo...

NO TEMPO DE LUIZ XIV

Luiz XIV, o celebrado Rei-Sol, tinha horror às luvas. Raramente as utilizava e mesmo quando ia à caça não as usava.

Durante uma caçada, em Janeiro, dois camponês encontraram o rei. Um dos homens não pôde esconder o seu espanto de o ver sem luvas, apesar do frio intenso.

Mas logo o outro camponês, espertalhão, explicou:

— Não se admire, compadre... É porque o rei tem sempre as mãos metidas nos nossos bolsos...

UMA DEFINIÇÃO DE OFFENBACH

Offenbach, o famoso criador da opereta, costumava dar a seguinte definição, verdadeiramente espirituosa:

— Uma opereta... não passa duma ópera que deu um mau passo!

CONSOLAÇÃO DE REIS...

Quando o ex-rei Otto da Grécia, expulso de Atenas, chegou a Mônaco, recebeu uma carta do então imperador da Áustria, que concluiu assim:

«Alegre-se de que a Providência lhe haja permitido cair dignamente!»

E Otto respondeu:
«Agradeço-lhe e desejo que a Providência lhe ofereça idêntica oportunidade.»

TRAGÉDIA FAMILIAR



— Ai vem ela com o café. Não tarda que nos ponha na rua.

HUMORISMO

FÁBULAS DO NOSSO TEMPO

SAMUEL E O AMIGO DE SAMUEL

SIM, não sei se sabem mas é verdade. O Samuel tem um amigo. Um judeu tão judeu como éle próprio. Ambos se dão muito bem, um com o outro, a não ser...

Bom, mas vou-lhes contar algumas dessas ligeiras excepções. Uma tarde destas, Samuel e o seu amigo andavam a passear, nas margens duma ribeira. E a certa altura viram uma taboleta com êstes dizeres extraordinários:

Dá-se 100\$00 a quem salvar um náufrago

Os olhos de Samuel e do seu amigo luziram, luziram muito. E quando acabaram de luzir já ambos se tinham entendido: o amigo lançou-se à água, faria de náufrago fingido e Samuel correria prontamente a salvá-lo.

Tudo se passou na melior das hipóteses. Simplesmente, depois de estar meia hora dentro de água, sem que Samuel o fôsse buscar, o amigo começou a desconfiar da história.

Safu do banho, vestiu-se e — qual não foi o seu espanto! — viu Samuel plácidamente sentado à sombra duma árvore.

O amigo não se conteve sem o censurar com rudeza. Mas Samuel limitou-se a apontar os dizeres duma nova taboleta, colocada a distância da primeira. E os dizeres dessa taboleta rezavam assim:

Dão-se 500\$00 a quem retirar um cadáver da ribeira.

Como vêem, não há razão para duvidar da boa concórdia que existe entre Samuel e o seu amigo.

E já agora, conheçam outra história, passada também com êles.

Durante algum tempo o amigo de Samuel viveu numa casa que ficava entre a casa de Samuel e a casa dum tal Fuas Roupinho. Ora o Samuel tinha um cão que ladrava a noite inteira. O amigo de Samuel andava cheio de insónias e um dia atreveu-se a oferecer mil escudos a Samuel para que êle se desfizesse do cão.

— Sim senhor, meu caro amigo! Fique descansado!

E na manhã seguinte, deu a grande novidade: já não tinha o cão.

O amigo deu-lhe o prometido conto de réis mas sempre lhe perguntou:

— E que fêz ao cão?

Samuel sorriu:

— Muito fácil Vendi-o ao nosso vizinho Fuas Roupinho por 500\$00. Que tal? Foi um bom negócio, não foi, querido amigo?

Três perguntas de algibeira

Pergunta — O que está no meio do mar e aparece no fim da vida?

Resposta — O «a»...

Resposta — Um par de padeiros...

* * *

Pergunta — Que fazem dois padeiros juntos?

Pergunta — Qual é a coisa qual é ela que separa o riso das lágrimas?

Resposta — O nariz...



— Mas que significa isso? É a terceira vez que os senhores me raptam!
— É que o nosso chefe é tímido e tem hesitado em pedi-la em casamento...

O romance que está em moda



Pode entrar em todos os lares e ser lido por toda a gente.

Edição da

Parceria António
Maria Pereira



PÓ D'ARROZ "MONTEGIL"

UMA QUALIDADE SUPERIOR, ALIADA ÀS MAIS MODERNAS E LINDAS CORES

À VENDA NOS BONS ESTABELECIMENTOS



O que pensam do nosso concurso os seis vencedores

(Continuação da pág. 17)

metros tempos em Luanda, mas um dia trouxeram-na para Portugal. Era muito nova e prometia vir a ser muito bonita.

Começou a estudar, a estudar. Rapariguinha já, no frescor da sua juventude — qual rosa, desabrochando, sob um lindo sol de Maio... — entrou para o Colégio de Odiveiras.

E aí a menina começou a revelar-se uma excelente, uma prodigiosa cantora. Nas audições da sua professora de canto, a menina ocupava sempre um primeiro plano e deslumbrava os ouvintes com a beleza extraordinária da sua voz.

Até que... a Emissora Nacional a convidou a estreiar-se diante do microfone. Sucedeu isso no dia 28 de Fevereiro de 1942 e a partir daí os radiófilos portugueses passaram a ter um novo ídolo: Maria Gabriela. Assim se chamava a menina...

Maria Gabriela é, actualmente, uma figura bem destacada na nossa rádio. Tem, como já se disse, classe de cantora internacional. A sua voz de ouro é a mais bonita de todas...

Maria Gabriela ocupa o quarto lugar do nosso Concurso — mas tinha direito a uma classificação ainda melhor. Todavia os seus admiradores nem sempre estiveram presentes...

Ela, porém, não se mostra aborrecida.

— Está satisfeita com a sua classificação?

— Estou satisfeita com tudo!

E é sincera. Duma modestia graciosa, amável e adorável, Maria Gabriela tem sempre um sorriso meigo e bom para nos cativar.

— Digo-lhe: a ideia do Concurso foi muito interessante!

— Não lhe merece reparos alguns?

— Não! Só posso criticar... aquilo que sei criticar!

Quando lhe perguntámos qual é, para si, a artista mais popular da rádio portuguesa, Maria Gabriela responde logo, sem hesitação alguma.

— Maria da Graça!

É bom frisar que elas são muito amigas, talvez por haver qualquer coisa de gémeo na sua simpatia e no seu valor.

— Tem projectos, Maria Gabriela?

— Ela sorri mais. «Estudar, estudar sempre, até conseguir alcançar o mínimo da imperfeição». Não, nisso não estamos de acórdio.

Agora, Maria Gabriela só poderá alcançar uma coisa: o máximo da perfeição!

Fernando Curado Ribeiro

RECUEMOS no tempo. Regressamos a alguns anos atrás. Estamos, por exemplo, em 1940 e ao microfone da Emissora Nacional a voz conhecida dum locutor anuncia a estreia dum novo grupo musical: «Os excêntricos do Ritmo».

Os radióvintes fixam a atenção, ligam melhor o receptor. E o programa decorre com interesse. «Os excêntricos do Ritmo» triunfam, sem dúvida alguma. E, entre eles triunfa um rapaz chamado Fernando Curado Ribeiro, possuidor duns dotes invulgares de cantor.

Não só os radióvintes se entusiasmassem com essa estreia. Na própria Emissora, a voz de Curado Ribeiro não passa despercebida.

Tanto assim que, no ano seguinte, figurava um novo locutor na Emissora: o mesmo Fernando Curado Ribeiro que assim deixava o seus camaradas dos «Excêntricos do Ritmo» para seguir uma promissora e triunfante carreira.

Realizava-se o sonho de tantos nos de sonho. De facto, desde ga-

rto, Curado Ribeiro ambicionara sempre cantar e representar diante do grande público. A Emissora deu-lhe a primeira oportunidade. O cinema, a segunda, apresentando-o em «O Costa do Castelo», como um dos galãs portugueses com melhores possibilidades artísticas.

Hoje, Curado Ribeiro é popular. Os seus admiradores contam-se às centenas e no nosso Concurso éde suplantou muitos e muitos artistas, seus colegas na rádio.

Actuando como locutor, nas horas de Serviço e como cantor, nas horas de Variedades da Emissora — é ocupado, indiscutivelmente um dos primeiros lugares no nosso meio radiófonico.

Agora, val dar-nos em breve a confirmação das suas qualidades cinematográficas, em «A Menina da Rádio».

Curado Ribeiro está satisfeito consigo próprio mas tem sonhos de maior voo. E confessa-nos, sorrindo: — Logo que possa, partirei... Irei para muito longe...

— América do Norte?

— Não... América do Sul, talvez com preferência pela Argentina. Contudo, insisto sobre o Concurso de que éle foi um dos vencedores. Curado Ribeiro aplaude a ideia e, a uma pergunta nossa, responde sem hesitação alguma:

— Para mim, a vedeta mais popular da rádio portuguesa é, indiscutivelmente, a Maria da Graça.

Curado Ribeiro chama da Gracinha. E desculpando-se conforme sabe, Curado Ribeiro corre. É a sua hora. E na rádio um minuto de atropazo pode parecer uma eternidade...

Graciette de Melo

É a mais novinha de todas. Tem 17 anos e uma voz bonita. Desde jovem, garotita ainda, que sonhava em cantar, em fazer teatro.

Entretanto a rádio cresce, desenvolve-se, toma proporções. E Graciette de Melo quer cantar para a rádio.

Entra para o Peninsular (isto foi há 5 anos). A primeira canção que o microfone transmitiu chamava-se «Dans mon coeur». Depois, passou para a Emissora Nacional, para o grupo de Dias Pombo, fez parte do grupo folclórico da Casa Entre-Douro-e-Minho.

Um dia — há sempre um dia... — Carlos Ribeiro convidou-a para ingressar no quarteto de Belo Marques, formado, nesse tempo, por ela, Graciette, as irmãs Santos e a filha de Carlos Ribeiro. A sua voz de contrato era precisamente a voz de que eles necessitavam. Mas o grupo desfêz-se, antes da primeira emissão.

Graciette fica triste mas... outro dia, há pouco mais de um ano, Belo Marques procura-a, de novo, para se organizar, de vez, aquela sua ideia do quarteto, que ficou constituído além da Graciette pela Cláudia Melreles, Gina Esteves e Maria Lemos.

Resta dizer, que Graciette de Melo é, também, compositora — e está concluída esta espécie de biografia.

Perguntámos-lhe como lhe pareceu o nosso concurso:

— Muito bem! Concursos como este servem sempre para agitar o nosso meio radiófilo.

— E a sua classificação. Está satisfeita?

— Sorri.

— Sim. Bastante.

— Qual a artista de rádio que mais admira?

— Maria Gabriela.

Um apêto de mão. E conclui-se assim a volta feita em redor das 6 primeiros classificados do nosso concurso.

Houve toureiros mas não houve toiros

(Continuação da pág. 19)

timo; Gomes e Procópio lançando à «verónica», respectivamente o primeiro e segundo; Correia e Oliveira numa brega sempre acertada.

Os forçados portaram-se bem em duas boas pegas.

Manuel dos Santos, na «inteligência», substituindo um colega, esteve, como sempre, conhecedor profundo dos toiros e do que eles podem dar

por forma a marcar o tempo de lide necessário para que nunca decaia o interesse de quem assiste. Quando farão a Manuel dos Santos a ovação que há tanto vem merecendo? Não deve esquecer-se que, às vezes, a éle se deve em grande parte o êxito duma corrida.

JAIME DUARTE DE ALMEIDA

UMA GRANDE FESTA DE ARTE

Para fecho deste nosso primeiro concurso estamos organizando uma grande festa de arte. O respectivo programa está sendo devidamente preparado. Nêle devem participar não só as primeiras figuras da nossa rádio como alguns dos melhores elementos do nosso teatro e do nosso cinema. Este espectáculo deverá constituir um dos mais notáveis acontecimentos artísticos de Lisboa.

Não nos movem, na organização deste espectáculo, quaisquer objectivos comerciais, visto ser nossa intenção fazer reverter o produto deste notável espectáculo para fins beneficentes. Mais um motivo, portanto, para todos o verem com simpatia e lhe dispensarem o seu melhor aplauso.

Na nossa capa

Luís Piçarra

o vencedor do nosso concurso

Quando serei actor?

(Continuação da pág. 4)

nas penas a que se refere um dos nossos jornais humorísticos: «tais cineastas».

Mais cinemas?! mais teatros — sim — para acabarem em cinemas, pois por causa da má visão dos nossos produtores e empresários, por estarem constantemente a apresentarem os mesmos actores, os mesmos autores, as mesmas peças. E um dia se verifícará ser inútil a obra do nosso bom Professor Carlos de Sousa que não se poupa a esforços.

Quando serei actor? É difícil de obter resposta. Mas espero que alguém ouvirá as minhas palavras.

Não fazemos comentários a esta carta — mas esperamos que os homens de boa-vontade olhem com todo o carinho pelos rapazes que amam o teatro...



Os tapetes limpam-se com

CASULO Limpa-Fatos

célebre síntese de 6 substâncias químicas, inofensivas, que suprime radicalmente quaisquer manchas nos tapetes e lhas aviva as cores, assim como elimina AS NÓDOAS, o LUSTRO e o MAU CHEIRO DAS ROUPAS, TORNANDO-AS COMO NOVAS E MAIS DURAVEIS.

Só custa 2\$00

Em todas as drograrias

Revenda:

SCHROETER

& ALMEIDA

R. da Madalena, 128, 2.

LISBOA

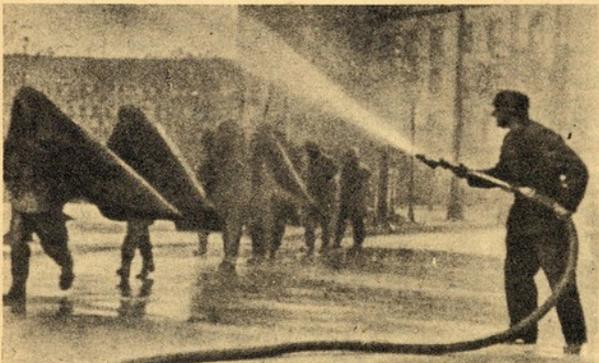


NOTAS DE GUERRA

FIGURA DA VIDA MUNDIAL



O caudilho, o general Franco, condecorou, há dias, o general Queipo de Llano, seu companheiro de lutas pelo regime. No acto da imposição das insignias da grã-cruz laureada de São Fernando, o general Franco.



«Canhões de água» — assim se denominam as novas armas contra o fósforo. Este empregado pelos anglo-americanos nos ataques à Alemanha. O facto de água destes «canhões» atinge 300 metros. Ao grito de «perigo de fogo!» dado pelos atacados que, de repente, ao fugirem para os abrigos encontram o chão em chamas, os bombeiros acorrem com as mangueiras e a população pode, então, passar assim protegida...



A campanha em Itália reassumiu um carácter imprevisível. Quando todos quasi haviam esquecido esse sector de luta, ressurgiram as tropas a manifestar a sua presença. E, a atestá-lo, aqui está a utilidade dos aviões abatidos pelos Aliados aos seus inimigos: à falta de melhor, servem de abrigo ao pessoal da R. A. F....



DR. OSWALDO ARANHA — Este bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, antigo professor da Faculdade de Direito, antigo sub-chefe da Polícia de Porto Alegre, intendente de município, deputado federal, secretário do Interior, presidente de Estado do Rio Grande do Sul, ministro da Justiça, do Interior e da Fazenda — é, desde 1938, ministro das Relações Exteriores do Brasil e uma das grandes figuras da América do Sul. Ninguém se esqueceu ainda da sua acção quando foi nomeado embaixador em Washington ou quando representou o Brasil na 2.ª Assembleia Geral do Instituto Pan-Americano de Geografia (História). Mas a sua fama alargou-se, de facto, quando depois da guerra actual, as repúblicas sul-americanas se dividiram em opiniões a respeito do seu comportamento, para com as facções em luta. Oswaldo Aranha — diga-se, de passagem, que ele é um grande amigo de Portugal — desenvolveu, então, uma extraordinária actividade ao serviço da sua grande inteligência, para criar um bloco de opiniões que de facto obteve, para bom nome do seu país.

(Caricatura de SANTANA)

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XXV - A campanha africana

A GRANDE OFENSIVA DO EIXO

EM fins de Fevereiro, pode dizer-se que a linha de batalha na Líbia se estabilizara. Durante os meses que se seguiram, a batalha dos transportes continuou sem descanso conduzida no Mediterrâneo pelas forças navais e aéreas dos beligerantes. Estes procuravam fazer chegar ao teatro da luta os reforços indispensáveis para a renovar, no momento oportuno. Sob esse ponto de vista, a vantagem das potências do Eixo, trabalhando em linhas interiores, era evidente.

Os navios do Eixo que conduziam reforços, abastecimentos e material tinham de transpor distâncias incomparavelmente mais pequenas do que aquelas que os seus adversários eram obrigados a atravessar. Além disso, os seus centros de produção aeronáutica encontravam-se nas proximidades dos campos, de onde os seus aparelhos deviam partir para atacar as forças, as vias de comunicação e as concentrações britânicas.

Esta vantagem foi explorada pelo comando germano-italiano, até às últimas consequências, durante os primeiros meses de 1942. Ao mesmo tempo, o Alto Comando Alemão preparava a sua grande ofensiva de verão na frente leste, a qual devia ser desencadeada simultaneamente com o retorno ofensivo do marechal Rommel no Norte de África. Esta simultaneidade de operações denunciava um propósito firme de arrancar rapidamente a decisão antes que a força industrial dos Estados Unidos pudesse pesar decisivamente para a continuação da guerra.

Nessa fase da luta o tempo jogava manifestamente a favor das Nações Unidas e o Eixo era obrigado a aproveitá-lo sofregamente, o que não deixava de fazer tendo concluído nesse sentido, durante o inverno, todos os seus planos de acção para pôr em prática logo que as condições de tempo tornassem possível o recomeço das operações nos dois teatros da Rússia e da Líbia. Os acontecimentos não deixariam de se precipitar logo que esse facto se verificasse, durante o mês de Maio, o mês das grandes decisões no decurso do actual conflito.

UMA CORRIDA DE VELOCIDADE

No decurso desses meses ia estabelecer-se uma verdadeira corrida de velocidade entre o programa de ofensiva das potências signatárias do pacto tripartido e o esforço de rearmamento anglo-americano. Esta corrida de velocidade aparecia complicada pela resistência soviética na frente leste, que não fôra possível quebrar durante a grande campanha do ano anterior.

Para as potências anglo-americanas tratava-se de transformar, no mais breve período de tempo possível, a sua capacidade de produção em armas, e de adaptar o seu potencial humano às exigências da luta, fazendo dos seus habitantes soldados e operários especializados para satisfazer as exigências crescentes da guerra moderna.

As nações do Eixo não ignoravam que o poderio anglo-saxónico, se essa adaptação se realizasse com a necessária brevidade, era capaz de produzir rapidamente armas e de levantar exércitos em número suficientes para fazer face a todas as contingências. Por isso lhes era indispensável agir depressa e agir sem hesitações.

Para as Nações Unidas, quaisquer que fossem as aparências, a Alemanha era o adversário principal. É certo que as vitórias espectaculosas, alcançadas pelos japoneses, denunciavam a existência duma grande potência militar no Extremo Oriente, a qual se havia preparado minuciosamente para conduzir a luta contra adversários que, há muito, se encontravam sólidamente implantados no terreno. Mas era evidente que o cérebro da acção se encontrava em Berlim e que era desta capital que partiam as directivas, às quais obedecia a guerra do bloco tripartido.



O general Koenig, à frente das tropas francesas, especializadas na guerra do deserto, defendia a posição de Bir-Hakeim.

Enquanto o grosso das forças alemãs continuava detido na Rússia, por falta duma decisão na frente leste, o papel dos ingleses consistia essencialmente em recuperar o continente africano e em reabrir a rota do Mediterrâneo, cuja importância aumentava à medida que o teatro de operações de leste se tornava o teatro decisivo da luta. As reuniões que os representantes da Grã-Bretanha, dos Estados e da Rússia realizaram, por essa altura, em Washington e em Moscovo, reuniões de carácter preliminar, significavam que estas potências tinham a noção do perigo que corriam e estavam decididas a opor-lhe todos os recursos e todas as suas possibilidades.

O PAPEL DA GRÃ-BRETANHA

O papel que a Grã-Bretanha devia desempenhar era incomparavelmente mais vasto e os encargos que devia assumir incomparavelmente mais pesados do que aqueles que assumira durante a conflagração de 1914-18. Na primeira conflagração mundial, o papel da Grã-Bretanha limitara-se praticamente a assegurar a defesa duma porção, relativamente limitada, da frente de batalha em França. Além disso, os ingleses distraíram uma parte pequena das suas forças para o Próximo Oriente (Dardanelos e Palestina), a fim de ensaiarem uma tentativa de abertura de segunda frente que se malogrou de início, mas que acabou por vingar, depois de ter sido reconstituído o exército de Salónica e praticamente aniquilados os recursos militares da Turquia, então aliada dos Impérios Centrais.

Nessa conflagração, a parte essencial da participação britânica fôra desempenhada pela esquadra que contivera em respeito a esquadra lema de Tirpitz, fizera malograr a campanha submarina e acabara por adquirir uma supremacia incontestável em todos os mares e oceanos, depois de ter organizado a sua cooperação efectiva com as restantes grandes potências navais aliadas, Estados Unidos, França e Itália.

Na fase da guerra, assinalada pela primavera de 1942, o papel da Grã-Bretanha era muito mais vasto e importante. O litoral do continente europeu era, na sua quase totalidade, controlado pelos alemães. A superioridade naval britânica era, dia a dia, contestada pelos factos. A via do Mediterrâneo estava fechada. O Japão alinhara ao lado dos adversários do Império britânico, a Itália tinha uma esquadra poderosa que se encontrava a favor do Reich, a esquadra francesa desaparecera como elemento de combate no quadro geral da luta mas a sua simples existência representava uma ameaça em potencial que obrigava o Almirantado a uma vigilância constante. No Mediterrâneo, o almirante Cunningham era obrigado a fazer verdadeiros prodígios de tática e de dissimulação para ocultar, dos seus adversários, a fraqueza real da esquadra que comandava.

A MISSÃO DOS ESTADOS UNIDOS

O colapso do exército francês criara uma situação que só parcialmente pôde ser resolvida com a entrada da Rússia na guerra. Porque, além das forças numerosas que a França tinha na sua metrópole, havia que contar com as forças acumuladas no Próximo Oriente e com a eventualidade imediata de uma intervenção turca ao lado dos aliados. Todas essas esperanças se haviam dissipado com a assinatura do armistício.

Assim, a Grã-Bretanha era obrigada a manter na sua metrópole, para fazer face à possibilidade de uma invasão, forças tão numerosas como aquelas que enviara para França vinte e cinco anos antes. Ao mesmo tempo era obrigada a enviar para o Próximo Oriente um exército poderoso, para garantir a defesa de regiões vitais à segurança e sobrevivência do seu Império. Para alimentar esse exército, eram indispensáveis recursos e transportes de que escassamente podia dispôr. Por último, o começo de 1942 trouxera para a Grã-Bretanha os encargos dum terceiro campo de batalha, o campo de batalha do Extremo Oriente.

Para os Estados Unidos também a tarefa, na segunda conflagração mundial, aparecia incomparavelmente mais complicada do que na primeira. Os americanos, pela primeira vez na sua história, conheciam as exigências duma guerra em duas frentes. Tinham de dispersar as suas forças e os seus recursos a oeste e a leste, contra o Japão e contra o Reich, isto é, contra duas potências militares de primeira grandeza, numa altura em que os seus preparativos se encontravam numa fase preliminar e a sua máquina industrial se adaptava, rapidamente embora, às exigências da guerra.



Rommel, comandante das forças alemãs em África, estuda com os generais Garibaldi e Terruzzi o plano das operações, ainda no tempo em que a luta se desenvolvia na Cirenaica.

A tarefa que se encontrava na sua frente era gigantesca. Sem dúvida, os Estados Unidos acabariam por se tornar a primeira potência militar do mundo, mas para isso era indispensável que lhe consentissem o tempo necessário para modificar radicalmente, não apenas os seus métodos de trabalhos, mas também as suas concepções de vida.

O TEATRO AFRICANO

No conjunto destes planos e intenções, era evidente que a calma verificada no teatro de operações africano, a partir do mês de fevereiro de 1942, quando a frente se estabilizara à volta de Tmimi, era apenas a calma que precedia a tempestade, pois dum lado e doutro se faziam entretanto preparativos fabris, denunciados pelo prosseguimento incansável dos combates navais e aéreos na área do Mediterrâneo.

Nos primeiros dias de Abril o envio de reforços para o exército de Rommel, por parte das potências do Eixo, intensificou-se ainda mais do que nas semanas anteriores que tinha sido já, sob esse ponto de vista, bastante movimentadas. As suas perdas, tanto em homens como em material, na campanha de inverno que acabámos de descrever, haviam sido particularmente pesadas. Mas os reforços que lhe estavam sendo enviados supriam, sobejamente, o montante dessas perdas e eram suficientes para permitir uma recuperação oportuna dos seus exércitos.

Aos ingleses chegavam informações, que eles facilmente podiam controlar pelos seus reconhecimentos aéreos, de que os alemães estavam fazendo grandes concentrações de paraquedistas e de tropas especializadas em Creta, na Grécia, e nas ilhas do Egeu. Essas informações, que chegavam por via neutral (Turquia), foram rapidamente confirmadas pelos próprios meios de informação de que dispunha o Alto Comando Britânico.

Estes preparativos, em tão larga escala e tão custosos, indicavam da parte do Eixo a intenção de empreender em África uma campanha de grande envergadura, diferente daquelas que anteriormente ali haviam sido conduzidas e que, sob o ponto de vista estratégico, se tinham reduzido a fazer oscilar, ora num sentido, ora noutro, o chamado pêndulo da Líbia. Os alemães estavam empenhados em conjugar a sua ofensiva em África com a sua ofensiva na Rússia, e se esse facto se verificasse, era evidente que eles se não contentariam com qualquer resultado episódico. Só a sua entrada em Alexandria e a posse efectiva do Suez era de molde a abrir-lhes o caminho que conduzia ao Próximo Oriente e, portanto, à junção com a parte da Wehrmacht encarregada da conquista do Cáucaso.

AS FORÇAS DE ROMMEL

Compreende-se que, para a realização de objectivos tão vastos, fôsem postas à disposição do marechal Rommel forças particularmente importantes e adestradas e que a estas forças fôsse fornecido um material adequado à grandeza da sua missão. Os reforços que recebeu consistiam, principalmente, em aviação e carros alemães e em novas unidades de infantaria italiana especializada para a luta em África. O mérito da obra que o marechal alemão realizou, nessa altura, deve atribuir-se à rapidez e perfeição com que funcionaram os serviços administrativos encarregados de reforçar a sua posição, os quais trabalharam numa forma inexcelável durante as semanas de Fevereiro a Maio de 1942.

O mês de Abril não foi assinalado por qualquer operação de envergadura.

Registraram-se simples operações de reconhecimento e uma ou outra escaramuça que não excedeu o simples carácter de empenhamentos locais. Num desses reconcontros que conduziu a um combate mais vivo entre italianos e sul-africanos, os primeiros perderam duzentos homens, entre mortos e prisioneiros.

Mas se, em terra, a calma era quasi absoluta, no ar a luta prosseguia com uma violência crescente e denunciadora dos propósitos dos dois beligerantes e especialmente das intenções ofensivas dos alemães. Os aparelhos do Eixo levaram os seus ataques até à zona defensiva do canal de Suez, onde o seu aparecimento foi assinalado com frequência, durante os últimos dias de Abril.

Na noite de 28 para 29 deste mês a Luftwaffe realizou uma incursão, em força, sobre Alexandria, da qual resultaram mais de cem mortos. Como represália, a R. A. F. atacou Benghazi. Em 10 de Maio voltou a verificar-se um novo «raid» contra a Alexandria, do qual resultou também um elevado número de mortos e feridos.

A AMEAÇA CONTRA TOBRUK

A partir do dia 15 de Maio os preparativos de Rommel tornaram-se intensivos e evidentes os seus propósitos imediatos. As patrulhas britânicas denunciaram a eminência dum ataque às posições que cobriam Tobruk, cidade que continuava a constituir a espinha dorsal da defesa do Egipto. Estas posições cobriam uma linha que corria desde o mar, nas proximidades de Gazala, até Bir Hakeim e Akroma.

A posição de Bir Hakeim era defendida por contingentes de franceses livres, especializados na guerra do deserto, e superiormente comandados pelo general Koenig, um alsaciano que se tornara famoso pela sua bravura pessoal. Documentos, posteriormente recolhidos pelos ingleses, revelaram que a intenção do marechal Rommel era atacar estas posições, num ponto que lhe parecia ser relativamente fraco, a fim de em seguida conseguir o aniquilamento das forças blindadas do inimigo. A ocupação de Tobruk seria a consequência inevitável da derrota das divisões blindadas britânicas. Uma vez a cidade de Tobruk em seu poder, os alemães sabiam que os ingleses não haviam construído qualquer outro sistema defensivo e que a sua penetração em território egípcio se faria sem grandes dificuldades. Praticamente, a queda de Tobruk abria à potências do Eixo o caminho de Alexandria.

O plano de Rommel era, portanto, bastante simples. Consistia êle na conquista de Bir Hakeim, localidade sobre a qual se apoiava, ao sul, o sistema defensivo de Tobruk. Uma vez realizada essa operação, o Afrika Korps, que

(Continua na pág. 30)



CAMINHO ERRADO

AINDA a propósito dos artigos que temos publicado no sentido de incitar as empresas das salas provincianas a melhorar as suas instalações, há um problema que nos parece oportuno focar paralelamente, e que consiste no comportamento das firmas distribuidoras em face dessas mesmas empresas, quando renovam, ampliam ou beneficiam as suas salas.

Dissemos, com efeito, e a prática tem demonstrado, que o público sabe corresponder à boa vontade dos empresários quando se verificam melhoramentos em seu favor. Apontámos, então, casos concretos de salas com exploração precária e que, feita a mutação que se impunha, passaram a dar mais espectáculos, com maior afluência de público.

Como procedem as firmas distribuidoras em face do empresário que inverte algumas centenas de contos na reforma das velhas instalações? Aumentando consideravelmente, os «mínimos» ou as percentagens, isto é: passando imediatamente a vender por mais alto preço o produto que até aí haviam tabelado de forma razoável. Não lhes importa que a empresa haja feito, da velha sala que funcionava uma vez por semana, um cinema de exploração continuada! Não lhes basta que a película que se exhibia normalmente durante uma noite, passe a exhibir-se duas ou três, por força da quantidade de público que a Empresa, e só a Empresa, mercê da sua iniciativa, soube captar e atrair. O que lhes interessa, acima de tudo, é garantir rapidamente um lucro certo maior. E, por isso, não deixam a entidade exploradora refazer-se dos dispêndios efectuados. Saltam logo à cabeça, com ambições desmedidas, a duplicar ou triplicar os «mínimos», a agravar contratos e percentagens.

A atitude é tanto mais estranha e paradoxal, quanto é certo que ninguém, mais do que os donos dos filmes, são interessados no desenvolvimento da indústria. Quanto mais cinemas houver, quanto mais público afluir, tanto melhor. O facto, mais tarde ou mais cedo, reflectir-se-á de forma inexorável no seu negócio. Pela nossa parte, achamos legítimo que se aumentem os preços, quando for justo e razoável. Mas não nos parece razoável e justo que se negue às empresas o incentivo que merecem, e que se procure asfiri-las, logo de entrada, só por que tiveram a coragem de gastar uns milhares de escudos em emendar o que estava errado.

Está provado que há poucos cinemas — e que a maioria dos existentes é deficiente, sob todos os aspectos. Impõe-se, portanto, uma política de fomento. E a maior tarefa, nessa finalidade, cabe aos distribuidores cinematográficos.

A Câmara, quando pretende activar a construção de prédios, isenta-os de contribuições durante um largo período de tempo. Não queremos, evidentemente, que os distribuidores forneçam filmes de graça, mas que, pelo menos, tenham a clarividência e a clemência bastantes para não alterar, dum dia para o outro, só porque o empresário cometeu o «crime» de fazer obras, o regime de contratos existentes. O homem que faz uma longa corrida não agüenta, ao chegar à meta, um encontrão. E não é pequena nem fácil a caminhada da empresa, desde que fecha a sala para a reformar, até o dia festivo em que abra as portas, com as instalações remocadas.

Não valerá a pena meditar sobre estas considerações?

FERNANDO FRAGOSO

O divórcio de Mickey Rooney



○ romance, iniciado sob tão bons auspícios, acaba de ter o seu fim. Não foi propriamente um «happy-end», como nas fitas. Mas um desabar total de ilusões! Com efeito, quando Mickey Rooney e Ava Gardner subiram o altar, o público do mundo inteiro esperava ver durar o idílio, não dizem a vida fora, mas por muitos e longos anos. Afinal, as desinteligências entre o casal acentuaram-se e os tribunais foram chamados a desfazer, aquilo que Ava apodou de um «quívoco». A questão arrastou-se durante o prazo previsto para a possível reconciliação. Esta não surgiu a tempo. E os juizes declararam os dois cônjuges, livres como o vento... Outra questão vai surgir agora! Uma questão mais fela e menos romântica... Porque Mickey terá que pagar à ex-mulher uma choruda pensão, até que ela volte a casar-se!

A foto que publicamos é a última em que os dois artistas apareceram juntos. E se o leitor atender bem nas expressões, verá que Mickey Rooney tem o ar de ser a vítima...



Patricia Lancaster, uma nova descoberta do cinema português

dades arreadas das nossas «estré-las...» — possui todavia, um tipo invulgar. Não é aquele género com que tropeçamos a cada passo na rua. Não. Pelo contrário, Patricia Lancaster tem qualquer coisa de esquivo e bonito que a distingue de todas as portuguesas, sem parecer estrangeira. Será por causa dos olhos grandes e sonhadores, a reflectir uma intensa vida espiritual? Será por causa da voz argêntea, que nunca mais se esquece? Será por causa dos seus vinte anos luminosos?... Mistério... Sempre mistério na vida de uma mulher. Mistério, até, quando lhe perguntamos:

Qual foi a casa que a convidou a prestar provas?

— Perdi-me, mas não tenho o direito de revelar o nome. De resto, eu não posso prestar declarações aos jornais...

Tentamos convencer Patricia Lancaster de que em coisa alguma a prejudicará a entrevista. Mas, Patricia recusa que a menor inscrição lhe faça perder o contrato que deve assinar por estes dias. Somos, portanto, obrigados a guardar as conveniências. De mais a mais, que Patricia Lancaster prometeu que, após a assinatura do seu contrato, e depois de concedida autorização dos produtores, nos dará a entrevista que nos nega neste momento...

Uma certeza, porém, nos fica: dentro de pouco tempo, iniciar-se-ão as filmagens de mais um filme português, feito em moldes diferentes daqueles que estamos habituados a ver sair dos nossos estúdios, e que terá por vedeta uma nova e feliz descoberta.

O silêncio feito à volta desta produção é o facto dum casa de filmes assumir a responsabilidade da mesma, dão-lhe a garantia que não sempre se encontra em filmes portugueses.

Esperemos, pois... para ver e crer, como São Tomé!

Realidades e projectos da cinematografia nacional

○ cinema português encontra-se novamente num período de franca actividade.

Na segunda-feira passada estreou-se «O Violino do João», de Braz Alves. No dia 13 de Junho, será a vez de «A Menina da Rádio», de Artur Duarte. Isto, quanto a apresentações.

Porque, no capítulo de produção, as coisas também vão bem. Jorge Brum do Canto começa a 29 do corrente, as filmagens de «Um Homem às Direitas», com Barrêdo Poeira, Julieta Castelo, Cármen Dolores e Vergílio Teixeira. A Cinelândia conta iniciar, por todo o mês que vem, os trabalhos, no estúdio, da sua primeira produção, que será dirigida por Carlos Formiga. António Lopes Ribeiro, que se mantém fiel ao projecto de «fazer «O Marquês de Pombal», talvez emprenda antes a realização de uma comédia. Fala-se na «Vizinha do Lado», segundo a peça de André Brun.

Artur Duarte, que acaba de constituir uma sociedade que adoptou, como razão social, a denominação de «Produções Artur Duarte», ainda não se fixou definitivamente no seu próximo trabalho, o que não admira, visto que a montagem da «Menina da Rádio» absorve, de momento, toda a sua actividade.

Ao que se diz, Império Argentina estuda uma película, a realizar nos estúdios da Lisboa-Filme, por seu marido, o sr. Goyanes. Letão de Barros, em Madrid, filma «Inez de Castro». Armando de Miranda prepara também um filme.

E se todos estes projectos se efectivarem, poderá afirmar-se que a indústria de cinema em Portugal atravessa um interessante período de actividade.



«Tudo depende dum jeltinho»... Parece o título dum romance, ou de um filme, mas não é. Foi assim que Gaby Siamor começou por justificar uma mudança de carreira:

— Estou no 1.º ano do curso de teatro do Conservatório Nacional. Lutei bastante para o conseguir, pois a família via-me já futura química-analista. Mas o teatro exerceu sempre sobre mim uma grande atracção. Custou a resolver, mas com jeltinho tudo conseguiu...

— Satisfeita, como é de supor... — Satisfeitíssima. Modéstia à parte, sou uma das mais classificadas do curso e estou cheia de entusiasmo, para o que contribue imenso o simpático ambiente que no Conservatório nos rodeia, desde os professores aos colegas.

— Como lhe nasceu a ideia de seguir a carreira teatral?

— Ora... Como nascem todas as ideias. O teatro apaixona-me. Confio em que voltará a ser em Portugal o que já foi e que merece ser: uma arte admirada, consagrada e respeitada. Claro que me refiro ao bom, ao teatro verdadeiro.

— Quando pensa em estreitar-se?

Inicialmente, como resposta, uma gargalhada sábia. Depois:

— Não sei. Tudo depende desse «grande senhor» diante do qual nos curvamos: o Destino...

— Interessava-se pela rádio?

— Sim, muito. Quere saber: também escrevo para a rádio... Eu conto: costumava corrigir ou aplaudir os trabalhos que um locutor de uma estação centra-

FILMES QUE VAMOS VER NA PRÓXIMA ÉPOCA

DENTRO de poucas semanas terão cessado praticamente as estreias dos grandes filmes. No entanto, a actividade das empresas não afrouxa, antes se intensifica, na preparação dos programas para a nova época. Que filmes verá Lisboa, a partir de Outubro? Eis uma pergunta cuja resposta não deixará de interessar o público, em geral — e os cinéfilos, em particular.

Por um rápido inquérito que fizemos pelo telefone, poderemos citar algumas das grandes produções a exhibir, na próxima temporada. Assim:

«Madame Curie», segundo a obra famosa de Eve Curie. Greer Garson e Walter Pidgeon nos protagonistas. O título do filme diz tudo.

«A Canção de Bernardette», com Jennifer Jones, uma desconhecida, no papel que lhe valeu o prémio da Academia, para a melhor interpretação feminina. É a história dramática e tocante da iluminada de Lourdes.

«A Comédia Humana», filme baseado na novela do mesmo nome do famoso escritor americano Saroyan. Mickey Rooney e Frank Morgan, nos principais papéis. Uma história para pensar, e que se impõe, ao que se diz, pelos seus extraordinários conceitos de humanidade.

«Lifeboats», de Alfred Hitchcock, o

autor de «Rebecca». Odisseia dramática de um salva-vidas, com meia dúzia de naufragos, perdido na imensidão do Oceano.

«Jane Eyre», versão cinematográfica do romance célebre de Charlotte Brontë. No protagonista, Orson Welles, desta vez apenas como actor. Joan Fontaine vive a figura maravilhosa da heroína.

«A mulher que não sabia amar», em technicolor, realização de Mitchell Leisen — lembram-se de «A Minha História»? — com Ginger Rogers e Ray Milland à cabeça de um elenco famoso.

«A caixaína das surpresas» (Three Caballeros), de Walt Disney, inspirado no folclore sul-americano e com Aurora Miranda. Filme de desenhos animados de grande metragem.

«A Balada Oriental (Song of Russia)», com Robert Taylor e a nova Susan Peters. A música de Tchickowsky. A sumptuosidade da corte dos czars. A actualidade...

«A minha secretária brasileira», o actual êxito do Rio de Janeiro. Um filme a cores, com Carmen Miranda, numa caracterização sensacional.

Não achas, leitor, que esta resumida lista basta para alimentar os teus sonhos e fazer-te desejar, ardentemente, a nova época?!

Para além da tela...

FORAM-SE de longada, em luzida comitiva, até Alcobça, cineastas portugueses, para filmar as últimas — que são das primeiras... — cenas do filme «Inês de Castro». As colas correram bem por fim, mas, no meio, houve arrelias, porque faltava isto, e sobrava aquilo. No meio da confusão de gente — figurantes, asilados, gente que de burel e vestido como o povo de D. Pedro tomou parte no enterro da «misera e mesquinha» — Seródio fez algumas fotografias pitorescas, não do filme... mas das filmagens... Os telefones ligados com Madrid, em instalações directas especiais, não cessavam de tocar; o povo, o clero, a nobreza, acotovelavam-se à luz dos archotes e, por fim, lá pelas três da madrugada, estava filmado o percurso de Coimbra a Alcobça... em 100 metros. O filme está bem-pósto, bem vestido e tudo correu bem. Vamos a ver como se comportaram os «artistas»...



Este é o António Vilar — o rei D. Pedro — surpreendido, muito desvestido da vida, quando esperava no claustro que recomencesse o enterro da esposa...



Leitão de Barros, o grande-pequeno animador do filme que está a realizar, subiu a um banquinho para explicar aos operadores — entre os quais, à esquerda, está Gartner — qual o «travelling» a fazer...



Chegou o atalide, levado pelos lacaios ao túmulo. Atrás, está o rei, três pagens e seis nobres, rodeados por clero, nobreza e povo. Não tem grandiosidade, esta cena?

Não, não é um funeral. Leitão de Barros não teria coragem de tocar assim a morte. Esta é uma figurante, que faz de Inês de Castro, para as cenas do enterro. Quem quereria seguir-lhe o exemplo?



GABY SIAMOR

de química analista a artista de teatro, trabalha na Rádio e vai fazer a «Dona Constança», no filme «Inês de Castro»

lizada apresentava semanalmente. Um dia, em ar de troça, perguntou-me porque não tentava eu escrever para a rádio... Como gosto de experimentar tudo o que não conheço, decidi-me. Comecei por um diálogo. Atrás deste veio outro e mais outro. Por fim, fez-se uma série, a que chamámos, eu e o Artur Agostinho, o locutor a quem me referia, «Jogo de Palavras», e por nós interpretada ao microfone do Clube Radiofónico de Portugal. Pode crer: sou uma das pessoas atacada desse micróbio tanto em voga, que é a rádio!...

— Por isso tem continuado...

— Presentemente, trabalho em teatro radiofónico, no Rádio Clube Português. Tenho também uns programas no Rádio Peninsular.

— Você declama?

— Sim, e também para o microfone. Mas ainda não estou satisfeita. Penso fazer ainda mais qualquer coisa em rádio, e sei que o posso conseguir...

O repórter deve, com certeza, ter esboçado algum gesto de dúvida, porque Gaby Siamor acode de pronto:

— Não se mostre incrédulo... Não me faço hipócritamente modesta. Sei o que valho, tenho confiança em mim própria... e na vida!...

— Na vida?...

— Sim, e depois? Tenho 18 anos — o repórter ficou assim liberto da preocupação de perguntar a idade... — ando sempre bem disposta. Não quero dizer que não tenha sorrido já muita decepçãozinha. Desde que deixei o bibe e o lacarote... Mas a confiança não me abandonou!...

— O cinema não a encanta?

— Prefiro ver cinema, mas para actuar seduz-me o teatro. Acho mais emocionante o contacto directo com o público... Muitas vezes sonho... com a emoção de uma «première»...

— Uma pausa. Gaby diz depois como que a medo:

— Todavia...

— Todavia... Diga...

— Estou convidada para desempenhar o papel de «Dona Constança» no filme «Inês de Castro», que na versão espanhola será interpretado por Alicia Palacios...

— Parabéns...

— E ainda cedo para os receber. Não cheguei por ora a acordo com a empresa realizadora. Vamos a ver... Já agora...

— Já percebi que você é uma rapariga romântica, sonhadora...

— Tenho a tratado por Gaby Siamor. Mas os leitores da «Vida Mundial Ilustrada» desejam saber o seu nome baptisma!

— Ah! Sim, evidentemente. O pseudónimo quasi que é o meu nome. Gabriela Alves Ferreira...

— Bom, mas esse... Siamor...

Gaby ri no seu riso engraçado:

— Ah! Sim, foi arranjado à pressa... Já estava sentada em frente do microfone. Lembrei-me que não queria estrear-me com o meu nome. Aproveitou-se o diminutivo «Gaby», e o Agostinho, não sei porque, nem a que propósito, lembrou-se de «Siamor»... Agradou e... ficou!

— Reconhece os seus defeitos?

— Como todos os mortais, não estou isenta deles... Sou teimosa, gulosa, tenho mau génio... Fiquemos por aqui!

— Aprecia a vida ao ar livre?

— Adoro-a. Gosto do sol. E, sabe? Gosto de boa música; gosto de desporto, em especial a equitação e a natação. Aprecio futebol... Adoro touradas e gosto de ver «box»... Quero muito às flores... Detesto o «swing», leio muito e de tudo!...

— Artistas da sua preferência?...

— Hesito... Compreendo porque... Mas respondo-lhe: no teatro, Samwel Diniz, Brunilde Júdice, Palmira Bastos, José Gamboa e Assis Pacheco... Na Rádio, Manuel Lereño como declamador radiofónico. Cantores: a Maria Gabriela e Guilherme Kjölner. Conjuntos vocais: irmãs Meirelles. Caçonetistas: Cidália Meireles, Loubet Bravo e Rui Ferrão.

— Uma última pergunta Gaby: porque não publica os seus trabalhos radiofónicos?

— A Jovem e insinuante Gaby, olhos traquinas que tudo perscrutam, baixa a voz para uma confidência que só o repórter ficará a saber:

— Tenciono publicar, além de um volume com os meus trabalhos radiofónicos, mais uns livros, novelas e talvez um romance!...

REPORTER LINCE



**EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS
EM LINGUA PORTUGUESA**

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

12,45	WRUS	30,9	WRUA	25,45	WKLJ	30,75		
13,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WGEO	19,66		
14,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUV	25,58	WBOS	19,7
17,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,5		
18,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,5		
18,45	WRUS	19,83	WRUA	26,9				
20,45								
a								
21,15	WRUS	19,83	WRUA	26,92	WGEO	25,3	WGEX	25,4
21,45	WRUS	19,83	WRUA	26,92	WGEO	19,5	WGEX	25,4
22,45	WRUS	30,94	WRUA	39,6	WRUL	25,58	WKLJ	30,77
23,45	WRUS	30,94	WRUA	39,6	WKLJ	30,77		

«A VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da «B. B. C.» das 19,45 às 20

EMISSÕES DIÁRIAS

**OIÇA a VOZ da
AMÉRICA em MARCHA**

O mundo Industrial lubrifica com

Eagloil

FABRICA DE MASSAS
LUBRIFICANTES



**500 MIL
KILOS**

DE CAPACIDADE

DE PRODUÇÃO ANUAL

H. VAULTIER & C^o

HISTÓRIA DA GUERRA

(Continuação da pág. 27)

incluía as divisões blindadas 15.^a e 21.^a, tentaria o envolvimento do sistema defensivo adverso com a colaboração das restantes forças de que dispunha nesse sector da batalha e que eram as divisões blindadas e motorizadas italianas «Trieste» e «Ariette». Esse movimento conduzia ao corte das comunicações entre Tobruk e o Egipto. Na fase final deste plano incluía-se um ataque às posições britânicas, entre Gazala e Capuzzo, que estavam principalmente confiadas à defesa duma divisão sul-africana em colaboração com a 15.^a divisão britânica.

A VANTAGEM DA INICIATIVA

É possível que o comando britânico tivesse também, por seu lado, a intenção de atacar, logo que o tempo se mostrasse favorável. O general Auchinleck recebera, durante o período de calma a que nos vimos referindo, abastecimentos, material e reforços em quantidades substanciais. Mas o transporte destes elementos para o local da batalha fazia-se com extrema dificuldade e percorrendo distâncias enormes.

A vantagem da iniciativa era, nestas condições, evidente. O primeiro a atacar beneficiaria, em larga escala, dessa vantagem! Rommel nunca deixara de contar com esse trunfo nos seus cálculos e estava disposto a utilizá-lo plenamente. A batalha dos transportes decidira-se a seu favor, apesar da opposição dos submarinos e dos aviões britânicos, e ele, logo que considerou os seus preparativos suficientemente adiantados, antes mesmo que eles estivessem completamente terminados, desencadeou uma acção que ia ter repercussões dramáticas, não apenas no quadro restrito da guerra africana, mas no panorama geral da guerra.

Os italianos, que pensavam em recuperar o seu império colonial, deram para esta empresa uma cooperação que deve ser considerada de primeira ordem. Todos os recursos, de que o governo de Roma podia dispor, foram postos ao serviço da nova fase da campanha que ia iniciar-se. Divisões frescas, material blindado e motorizado, artilharia e armas ligeiras de fabricação italiana tudo foi enviado, sem olhar às consequências possíveis dum desaire. A Itália, como potência beligerante, jogava tudo na carta africana.

Esta atitude era, de resto, compreensível. Os italianos sabiam que, uma vez perdida a guerra em África, dificilmente poderiam continuá-la na Europa, dado o estado de espírito da sua população e a sua fraqueza e vulnerabilidade, sob o ponto de vista económico. O jôgo arriscado que iam fazer era a consequência fatal das condições em que haviam entrado na luta. Por isso, a sua participação na grande ofensiva do Eixo foi a contribuição mais valiosa que a Itália prestou no decurso da sua intervenção.

(CONTINUA)

Composição: Mentolum 8 grs. - Methylum Salicylicum 8 grs. Lanolinum Anhydricum 16 grs.

BAUME BENGUE
ANALGÉSICO
GÔTA, REUMATISMOS
E NEURALGIAS

Dr. BENGUE, Farmacêutico de 1.^a classe pela Faculdade de Paris

**O mais antigo Analgésico
de resultados seguros**

Um medicamento que deve existir em todas as casas.
Alívio rápido, após a primeira aplicação.

À venda em todas as farmácias do País. — Escudos: 15\$00

P A P Y R U S

PAPYRUS — O melhor papel para escrever

PAPYRUS — O melhor papel para imprimir

PAPYRUS — O melhor papel para Títulos de Crédito

PAPYRUS — O melhor papel para Apólices, etc

PAPYRUS — Os melhores livros comerciais

PAPYRUS — Os melhores sobrescritos

PAPYRUS — O melhor papel para cartas

À venda nas Papelarias e Tipografias

Depósito geral:



Amador A. Dominguez & C^a (Filho)

Rua dos Correios, 70
LISBOA

End. telegráfico PAPIRO — Telefone 25854

Visado pela Comissão de Censura

Composição e impressão: Bertrand (Irmãos), L.^{da}

Telef. P. B. X. 21227-21368 — Lisboa

★ PASSATEMPO ★

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

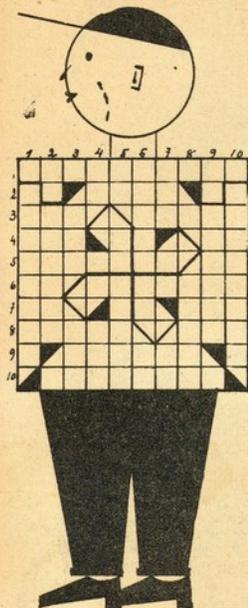
TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA A R. MARQUEZ SÁ DA BANDEIRA, 108-3.º — LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS • DAMAS • XADREZ • CHARADAS

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 29

Por José Rodrigues Correia (Viseu)



ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1 — Simulação. 2 — Descendente de. 3 — Mafoma. 4 — Ave pernalta, ribaltas. 5 — Génio; artigo (ant.). 6 — Fechara as asas para descer mais depressa; igreja; nota musical. 7 — Mistura fluida; nota musical; pôr isca. 8 — VI; juntel. 9 — Tabique; hora do ofício divino. 10 — Galanteio. 11 — Aguardar.

VERTICAIS: 1 — Relêvo. 2 — Segula; trituraria. 3 — Fileira; consoantes e vogal. 4 — Nome de letra; Bétele (pl.). 5 — Prefixo de negação; tumor; armo. 6 — Espreitas; segula; vogal e consoante. 7 — Data; troca. 8 — Pequena embarcação. 9 — Porco; que não tem pélo. 10 — Assalariar.

PROBLEMA N.º 28

Solução

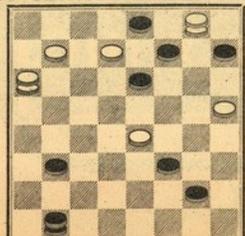
HORIZONTAIS: 1 — Ubere; aluir. 2 — Umirim. 3 — Ar; sítio; az. 4 — Noa; rua; ira. 5 — Osso; adir. 6 — Nova; upas. 7 — Pa; oc; só; to. 8 — Ad; al. 9 — Guapo; sobre. 10 — Arão; toco. 11 — Ralar; paiol.

VERTICAIS: 1 — Ulano; pagar. 2 — Rosnadura. 3 — Eu; aso; aal. 4 — Ras; óvo; pos. 5 — Emir; acro. 6 — Itua. 7 — Ária; usos. 8 — Lio; apo; Ota. 9 — Um; ida; bol. 10 — Aristarco. 11 — Rezar; oleol.

DAMAS

PROBLEMA N.º 30 (Concurso)

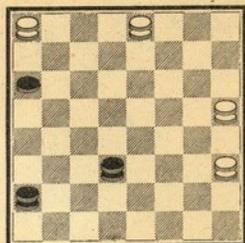
Por José Reis Martins (Caminha)



Jogam as brancas e ganham.

PROBLEMA N.º 31 (Concurso)

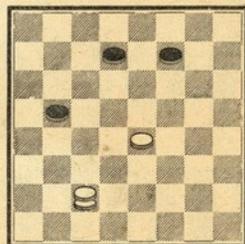
Por Adamastor Manuel Pereira da Costa (Pôrto)



Jogam as brancas e ganham.

FINAL DE JÓGO N.º 8 (Concurso)

Por Luís António David (Lisboa)



Jogam as brancas e ganham.

FINAL DE JÓGO N.º 7 (Concurso)

Solução

1.ª hipótese

4-7	15-19	7-11	11-6
5-1	1-0	10-5	5-1
6-10	ganham.		

2.ª hipótese

4-7	15-19	7-11	11-2
5-1	1-5	5-10	10-1
2-6	6-10	14-18	10-14
1-5	6-2	2-11	11-15
19-23	ganham.		

3.ª hipótese

4-7	7-11	15-19	11-24
5-2	2-5	5-2	2-5
24-2	2-9	9-13	13-10
5-10	10-1	1-5	5-2
14-18	19-23	ganham.	

2-15

Observação — O segredo da solução do presente final consiste no seu 1.º lance, muito difícil de conceber; e não executando esse lance (4-7), o final é empatado. A hipótese 4-8 está «emoldida» por 5-2 e 2-24 e vice-versa.

PROBLEMA N.º 28 (Concurso)

Solução

20-23	3-6	8-29	30-27
28-19	17-3-12	25-18	31-22
29-19-1	ganham.		

P.

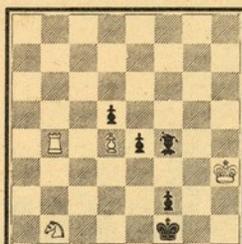
PROBLEMA N.º 29 (Concurso)

25-29	1-5	29-25	6-10
30-21	14-1	23-14	14-5
22-27	2-6	9-13	25-24
31-22	24-2	18-9	P. g.

XADREZ

ESTUDO N.º 4

Por A. Troitzky



As brancas jogam e ganham.

ESTUDO N.º 3

Solução

1. Ce3, Bd2; 2. Tb1+, Be1; 3. Rh2, e 3; 4. Ta1, e 2, 5. Cb1 e mate.

CHARADAS

EPENTÉTICAS

1 O macambuzio anda sempre calado. — 2-3.

Lisboa Múidinho

2) Houve festa rija na inauguração do estabelecimento. — 2-3

Lisboa Pato Bravo

3) Em toda a corte existe um bôbo. — 2-3

Lisboa Jim Joyce

4) Quem é pobre não deve ser negligente. — 4-5

Lisboa Jim Joyce

PROTÉTICAS

5) Uma alma tranqüila, dificilmente se perturba. — 3-4

Lisboa Múidinho

6) Imploro à Divindade, para os meus males, a sua graça. — 2-3

Lisboa Múidinho

SOLUÇÃO DO N.º 157

1) Leito. 2) Diabos. 3) Doador. 4) Firmeza.

CORRESPONDÊNCIA

António Eduardo Igrejas (Melgaço) — Está satisfeito o seu pedido.

José António Reis Martins (Caminha) — Já deve ter recebido bilhete meu.

José Rodrigues Correia (Viseu) — Aguardo mais trabalhos seus.

Jorge Pessoa Pereira (Lisboa) — Os seus problemas são sempre bem recebidos.

Albino Pais (Nelas) — Ainda não recebi nenhuma resposta sua.

Dr. Carlos R. Lafora (Canárias) — Continuo sem noticias.

B. Oliveira Aguiar (Carvalhos-Gaia) — Aguardo mais problemas seus.

António T. D. Amendoeira (Arcozelo — Granja-Gaia) — Agradeço mais trabalhos seus.

O sonho do Ventura...

Por ZÉCO



— Oh Ventura!... Ventura!... Então que é lá isso...



— Estavas feito bebé a chuchar no dedo, homem?!

— Não!... Sonhava convencido de que estava a fumar um... «Português Suave»!



O homem salamandra

Nada de maior gravidade pode ocorrer numa exploração de petróleo do que o incêndio.

É então que se emprega o mais espectacular processo de combater o fogo, que consiste em apagá-lo por meio de um potente sôpro provocado pela explosão de uma bomba de nitroglicerina.

Entra em acção o homem-salamandra, habituado a resistir às mais elevadas temperaturas, o qual, vestido de amianto, se aproxima do poço incendiado e arremessa a bomba.

Trata-se de uma operação delicada e perigosa como tantas e tantas outras de que consta o trabalho do homem para arrancar à terra os seus tesouros e que, no caso dos petróleos brutos, tratados por mão de obra de eleição, se transformam nos famosos óleos Gargyle Mobiloil.

SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, INC.

M
C

1985

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA
DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO
EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA
REDACÇÃO E ADMINIST.: R. DA EMENDA, 69, 2.º — LISBOA — TEL. P. B. X. — 2 5844